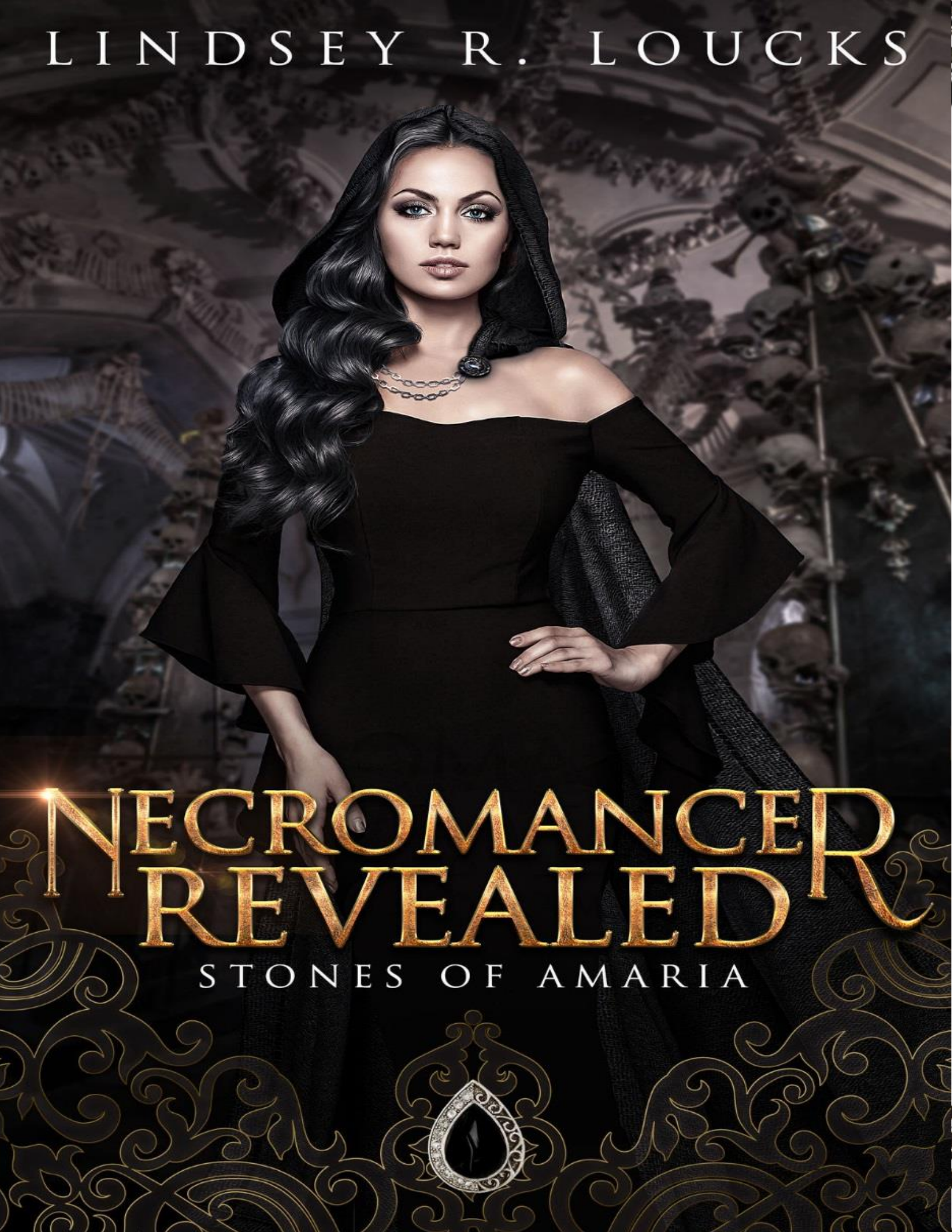
LINDSEY R. LOUCKS



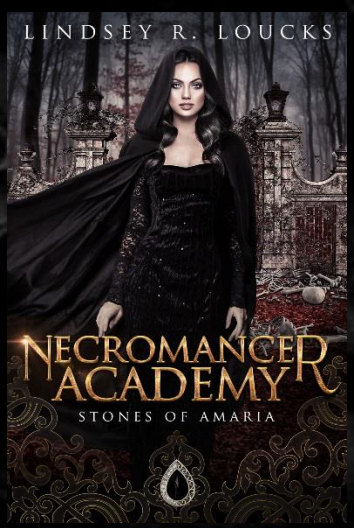
NECROMANCER REVEALED

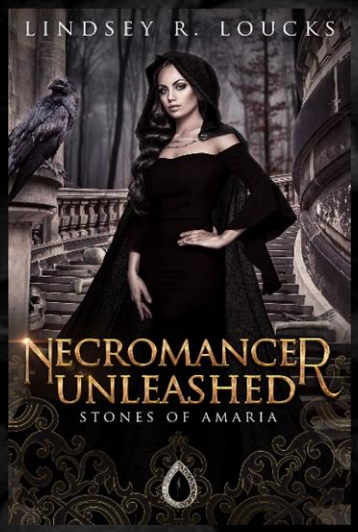
STONES OF AMARIA

LANÇAMENTO

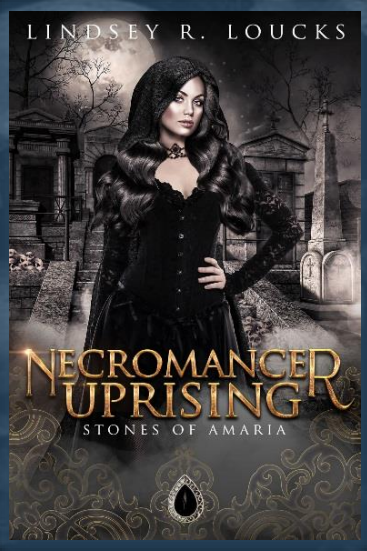


DISTRIBUÍDOS





PRÓXIMO



STAFF

Tradução: Athenna Havoc

Revisão Inicial: Ayanna Havoc

Revisão Final: Tori Moore

Leitura e Conferência: Ayla Havoc

Arte: Aysha Havoc

Formatação: Aysha e Annah Havoc



HAVOC KEEPERS

Sinopse

Depois de cair no esquecimento do mago, Dawn acorda para um pesadelo.

Toda a magia de Amaria está desequilibrada com o retorno de Ryze, e na Academia Necromante magia indisciplinada pode significar morte.

Essa é uma constante para a qual Dawn está preparada, no entanto. O que ela não está preparada é até que ponto os servos de Ryze irão para proteger O Cajado de Sullivan. Que está escondido nas catacumbas da academia, e deve ser importante. Mas como?

Com o esfolador a impedi-la a cada passo, Dawn precisa encontrar o cajado e parar o esfolador de uma vez por todas.

A menos que isso a impeça primeiro.

Um

A consciência retorna lentamente. Eu flutuava em um rio lento, contente, porque além da minha consciência havia mágoa, fracasso e horror. Eu já tive o suficiente disso, obrigada.

Mas um rangido longo e baixo me puxou para a realidade. Eu já tinha ouvido esse som antes. Meu coração parou. O medo saiu da minha mente e me lançou em lembranças perdidas. Eu abri os olhos enquanto o resto de mim congelava de terror. O rangido continuou como uma tampa na abertura de um caixão. Uma mão pálida serpenteando. E de fora do caixão estava Ryze, voltando dos mortos.

Por minha causa.

Eu estava revivendo isso como meu próprio inferno pessoal por punição. Mas, mesmo quando meus olhos registraram meu ambiente, eu rejeitei essa ideia. Eu me puniria por toda a eternidade *depois que* Ryze se fosse novamente.

Ainda assim, o rangido continuou. Veio da grande porta de madeira do outro lado da sala, a porta que estava se abrindo lentamente. Eu não tinha ideia de onde eu estava - ou quem poderia estar vindo para dentro. Era ele? Ryze, está aqui para acabar comigo?

Afastei-me da cama em que estava deitada, mas meu corpo estava mole. Virei para o lado e caí e bati com força no chão de pedra. Meu quadril

bateu primeiro e depois o lado da minha cabeça. Meus dentes bateram juntos, e estrelas atravessaram minha visão.

Eu não conseguia respirar para gemer ou gritar. Porque agora eu podia ver debaixo da cama e um par de botas rastejando para dentro.

Oh, deuses. O pânico agitou meu sangue mais rápido. Cheguei em direção à adaga na minha bota, mas não estava usando nenhuma. Apenas um fino vestido branco me cobria até os joelhos. Mas eu não estava indefesa.

As botas giraram em torno da porta e cruzaram em minha direção. Eu tinha magia, mas todo o latim que eu conhecia tinha mexido e derretido no meu cérebro confuso. Eu poderia correr. Não, eu não conseguia nem me segurar nos cotovelos.

"Alvorecer?" uma voz chamou.

Eu conhecia aquela voz. Parecia tão gentil e amoroso.

Eu pisquei com força. "Papai?" Eu tentei dizer, mas apenas um chiado saiu.

Então ele apareceu ao lado da minha cama com minha mãe alguns passos atrás dele, as mandíbulas abertas e a preocupação apertando seus olhos azuis. Eles estavam aqui, comigo, vestidos com seus couros de primavera e usando encantos brilhantes como jóias. Eu olhei em volta da sala para as tochas nas paredes decoradas com símbolos de necromancia e caveiras. Meus pais estavam aqui na Academia Necromante, em vez da Academia de Magia Branca, onde eu deveria estar.

"Quem colocou você no chão?" Papai cruzou em minha direção, me pegou com facilidade nos braços e me colocou de volta na cama debaixo do cobertor.

"Você se machucou?" Mamãe murmurou um feitiço de cura e, como sempre, ela fez tudo melhor.

Fiquei olhando para os dois, vendo vislumbres de Leo na mandíbula do meu pai e o velho eu nos olhos azuis brilhantes da minha mãe e nos cabelos loiros ainda mais brilhantes. Eu não tinha dito a eles que estava aqui, mas vê-los agora, depois de tudo o que aconteceu, me encheu de tanto alívio que caí em lágrimas. O alívio eclipsou a vergonha que senti por mentir para eles. Por enquanto.

Eles me deixaram chorar enquanto mamãe acariciava meu cabelo - loiro como o dela; alguém deve ter lavado o carvão - e papai desajeitadamente apertou meus dedos na mão grande.

Quando finalmente me recompus, perguntei: "Há quanto tempo vocês estão aqui?"

"Desde que você caiu no esquecimento do mago." mamãe disse suavemente. "Três meses atrás."

Eu caí na cama e deixei essas notícias me esmagarem. Três meses. Três meses estive inconsciente enquanto Amaria sofria com o retorno de Ryze.

Eu não queria saber, mas tinha que saber. "Quão ruim está... tudo?"

Mamãe compartilhou um olhar com o pai e fez uma careta. "Não é... bom. A magia está um pouco complicada desde que ele voltou."

"Você sabia?" Eu perguntei a eles, minha voz tremendo. "Você sabia que fui eu quem o trouxe de volta?"

"Amanhecer," papai disse gentilmente, "nós sabemos o que aconteceu, e nem um pingo foi culpa sua."

Eu estava balançando a cabeça antes que ele terminasse, porque ele não podia saber. Havia apenas quatro de nós na enfermaria - Professor Wadluck, Morrissey, Ryze e eu - e desses quatro, eu não acreditaria em três deles se me dissessem que a água estava molhada.

"Nós sabemos." mamãe disse, pegando minha mão. "Você segurou o amortecedor mágico em sua mão quando o levou ao ginásio antes de cair no esquecimento do mago. O amortecedor foi desativado e retornou à Academia de Magia Branca."

"Quero dizer antes disso." implorei. Eu precisava que eles entendessem para que eles gritassem comigo, me dissessem o quão decepcionados estavam comigo. "Eu trouxe Ryze de volta. Eu. Porque minha magia ficou cinza. Porque eu vim aqui," - minha voz falhou - "para vingar o assassinato de Leo."

Um pesado silêncio cobriu a sala, grosso como o buraco irregular em nossas vidas que Leo havia ocupado. Sua morte me devastou, mas destruiu completamente meus pais. Eu sabia disso, e ainda assim eu tinha agido egoisticamente mentindo para eles e vindo aqui com matança em minha mente.

"Sinto muito." eu resmunguei, embora isso não fosse suficiente. Isso nunca seria suficiente.

"Nós sabemos por que você veio aqui." Mamãe inclinou a cabeça enquanto dava um aperto tranquilizador nos meus dedos.

"Vocês sabem?"

"Aquele garoto legal Ramsey nos enviou um corvo depois que você entrou no esquecimento do mago."

Ele disse a eles que eu estava aqui. Eu não podia nem ficar brava, porque estava tão aliviada ao vê-los. Ainda assim, Ramsey, um garoto legal? Irritante, sim. Impossível, sim Um assassino... definitivamente não. Mas legal? Eu não tinha pensado muito nisso.

Mamãe assentiu. "Quando chegamos, ele e a diretora Millington nos informaram. O que puderam, de qualquer maneira."

Papai sentou na cama ao lado dos meus pés. "Depois que a pedra de ônix foi ativada, o professor Wadluck foi encontrado na enfermaria petrificado ao lado de um caixão aberto. O Ministério da Polícia reverteu o feitiço e o interrogou. Ele admitiu tudo."

"Incluindo o seu papel, Dawn." disse a mãe. "Ele usou você por causa da cor da sua magia. Você não fez um papel voluntário, e ninguém a culpa por isso."

"Mas isso não muda nada, muda?" Puxei o cobertor com mais força. "Ryze ainda está de volta."

"Ele será tratado." Mamãe passou a mão pela minha bochecha, seu toque como um bálsamo para a minha alma. "Isso não é para você se preocupar agora."

"Você esqueceu, mãe? Eu me preocupo com tudo."

Ela bufou uma risada. "Bem, você não seria minha filha se não o fizesse."

"Mas vocês não estão com raiva de mim?" Eu perguntei, mas parecia que eu estava implorando. "Decepcionados? Eu menti para vocês. Eu vim para esta academia para matar alguém porque pensei que ele havia matado

Leo. Por favor, apenas gritem comigo para que possamos terminar essa parte."

"Estamos com mais raiva de nós mesmos." Papai balançou a cabeça e olhou distraidamente para o canto mais distante da sala, com a boca franzida. "Nós não estávamos lá para você tanto quanto deveríamos estar após a morte de Leo. Nós não nos reunimos. Você ficou com raiva e sozinha e ..."

Mamãe olhou para ele e depois ficou em silêncio um momento antes de encontrar meu olhar novamente. "Nenhum de nós viu o que viu na noite em que Leo morreu. Você estava sofrendo. Todos nós estávamos. Você lidou com isso da única maneira que pode e, embora não estivesse certo, também não cometeu nenhum erro."

"Ramsey ainda está vivo." meu pai me lembrou. "Ele nos explicou o porquê."

Mamãe deu um tapinha na minha mão e sorriu. "Ele é um garoto muito legal."

Eu bufei e balancei minha cabeça.

"Você não acha?" ela perguntou.

"Ele me faz querer me acender em chamas." Embora isso não fosse inteiramente verdade, era? Muitas vezes era verdade.

Papai bufou. "Parece sua mãe quando nos conhecemos. Eu a deixei louca."

"Oh, você ainda faz." mamãe disse, sorrindo para ele. "Isso não mudou."

Deuses, eu sentia falta deles e com que facilidade eles se amavam, e a mim, apesar de dificultar para eles.

"Eu não estive lá por vocês, também, nestes últimos meses." eu admiti. "Eu estive muito envolvido em... mim mesma, realmente."

"Então vamos mudar isso, hum?" Mamãe disse. "Todos nós."

Eu balancei a cabeça, sentindo o nó na minha garganta apertar. Se eu tivesse matado Ramsey, duvidava seriamente que eles me perdoassem. Eu ainda achava que merecia ser punida, mas talvez eu pudesse fazer isso sozinha quando não estivesse tentando descobrir como parar Ryze.

"Amanhecer." mamãe disse, com a voz baixa enquanto olhava para os crânios nas paredes. “Como você pode está aqui? Os ângulos estão todos errados, está congelando e é tão ... escuro.”

"Eu me acostumei com isso." admiti.

Ela estremeceu e depois passou os braços em volta de si mesma. "Como?"

Uma batida leve soou na porta e uma cabeça de cabelos escuros apareceu. No começo, eu não tinha idéia de quem era, mas então os olhos cinzentos e tempestuosos se conectaram com os meus e ficaram ali por vários batimentos cardíacos. Ele parecia tão diferente - mais alto, mais largo, seus cabelos um pouco mais longos. Ele estava todo de preto, os braços da camisa enrolados nos antebraços grossos. Sua sobrancelha altiva parecia menos severa agora, desgastada um pouco pela passagem do tempo e equilibrada com círculos profundos sob os olhos. Ele parecia não estar dormindo enquanto eu não fiz mais nada além.

Ele piscou, apertando a porta como se fosse isso que o mantinha de pé. "Oi."

"Nós apenas..." Papai apontou para mamãe e depois para a porta.

"Estaremos lá fora, ok?" Mamãe levantou minha mão e beijou minha articulação.

Eles saíram às pressas e fecharam a porta atrás deles.

Então éramos apenas nós olhando um para o outro. Eu não sabia o que dizer de repente por causa de várias coisas. Um, eu tentei matá-lo. Dois, ele me beijou. E três, aposto que parecia ter voltado do túmulo.

"Você está acordada." ele disse suavemente, pairando perto da porta.

"Eu tive que ver o tamanho da bagunça que fiz." eu disse. "Onde está Morrissey?"

Ele se aproximou, seu tamanho lotava o quarto, e girou uma cadeira próxima para se sentar ao lado da minha cama. "Se foi. Nem um único traço dela. O professor Wadluck se recusou a desistir de nomes, mas descobrimos o envolvimento dela pelo seu dente perdido e seu desaparecimento depois."

Examinei o espaço vazio da minha boca com a língua e assenti. "Havia um gás verde dentro do falso que mudou minhas palavras e disse o feitiço da necromancia. O amortecedor também estava lá dentro."

"O Ministério achou que poderia ser o caso." disse ele com um suspiro. "É do tamanho perfeito. Inteligente."

"Enganador", eu corrigi. "Ela era minha amiga."

"Eu sei." Ele franziu a testa enquanto segurava meu olhar por um momento. "Você quer saber sobre Seph."

Não era uma pergunta, porque não precisava ser uma. Só não tinha certeza se estava pronta para ouvir a resposta.

"Ela está aqui?" Eu resmunguei.

"Bem ao lado, na enfermaria. Seus pais estão tentando curá-la desde que chegaram. Eu disse a eles o quanto ela significa para você."

Eu balancei a cabeça, lágrimas ardendo nos meus olhos. Ele não precisava fazer isso, mas é claro que tinha feito.

"Você está com raiva que eu contei tudo a eles, não é?" ele perguntou. "Você estava no esquecimento do mago, e eu tive que pelo menos..."

"Não eu não sou doida."

Ele estudou meu rosto como sempre, provavelmente lendo tudo lá e muito mais. "Mas você ainda está pensando em se incendiar por minha causa."

"Você ouviu."

Um sorriso torto. "Eu fiz."

"Espião." eu murmurei. Era tão fácil cair nessa maneira descontraída de falar um com o outro, como um sarcasmo rápido. Parecia tão natural quanto respirar, mas eu precisava me mexer. Dobrei meu cobertor.

"A porta estava aberta e eu estava do lado de fora." Um sorriso lento e desonesto abriu sua boca e revelou suas covinhas. "É bom saber que meu efeito sobre você mudou, no entanto. Você não quer mais me matar, certo?"

"Eu nunca disse isso." Eu arqueei minha sobrancelha e estendi minha mão, não confiando em meu corpo de virar de lado novamente.

Ele levou, seu calor e força um choque para o meu sistema. "Eu ainda vou considerar isso um progresso... O que você está fazendo?"

"Você está me levando para ver Seph." eu disse, balançando as pernas ao lado da cama.

"Agora mesmo? Amanhecer, você acabou de acordar do esquecimento do mago."

"Exatamente. Estou acordada agora." Apertei a mão dele e fiquei com as pernas instáveis. "Então é hora de levantar e fazer as coisas."

Sua boca se abriu, e então ele a fechou com um sorriso. "É bom ter você de volta."

"Sim, sim, você perdeu meu rosto." Dei um passo vacilante e depois dois. No terceiro, formigamentos de raiva cobraram minhas pernas. Eu tropecei em Ramsey e apoiei minha mão em seu peito.

Ele passou o outro braço em volta da minha cintura para me firmar, puxando meu corpo com o dele. Seu coração bateu forte contra as pontas dos meus dedos, e eu olhei para cima para ver se ele estava bem.

Ele olhou para mim, e seu hálito emplumado sobre minha pele aquecida. "Eu perdi mais do que apenas seu rosto."

Algo passou entre nós, um pico de energia que nos conectou em ainda mais lugares do que tocamos.

Afastei-me, precisando de alguma distância, mas não muito longe para não bater no chão. "Você está pensando em me beijar de novo."

Ele riu quando abriu a porta, sua mão ainda segurando a minha. "Você gostaria?"

Eu não pensaria nisso agora.

Meus passos vacilaram quando me movi pela porta enquanto minha cabeça e estômago giravam em direções opostas. Provavelmente não foi a

decisão mais inteligente de se levantar tão cedo, mas nada poderia me manter longe de Seph.

"OK?" Perguntou Ramsey. "Você precisa de um balde ou algo assim?"

Balançando a cabeça, respirei através da náusea quando entramos em um corredor que nunca havia explorado antes. Magos e alguns alunos da Academia Necromante lotaram o corredor, passando ou visitando em pequenos grupos. Alguns olharam para Ramsey e eu, mas eu os ignorei. Meus pais estavam do outro lado do corredor conversando com o curandeiro, e ambos olharam e pegaram nossas mãos entrelaçadas. Sorrisos sincronizados iluminavam seus rostos. Era estranho, mas teria sido mais estranho se eu tivesse largado a mão dele e fingido inocência, então não o fiz.

Do lado de fora da sala, um banco baixo de madeira estava encostado na parede com um travesseiro e um cobertor em cima.

"Quem está dormindo aqui?" Não meus pais, já que não havia espaço suficiente.

Ramsey pigarreou e esfregou a parte de trás do pescoço enquanto nós lentamente seguíamos pelo corredor.

"Você?"

Ele encolheu os ombros. "Eu desisti do meu dormitório por alguns dos magos que vieram ajudar a limpar depois da volta de Ryze, ok?"

"Parece que você não dorme há anos. Dormir fora do meu quarto... Isso não pode ser confortável. Você precisa de uma cama."

Ele me deu um sorriso conhecedor. "Você está preocupada comigo agora?"

"Não há razão para se torturar." eu resmunguei.

Ele desviou o olhar, mas não antes que eu visse uma careta passar por seu rosto. Eu disse algo errado - ou certo. Ele *estava* se torturando.

Outro banco estava ao lado da porta de Seph com um travesseiro e um cobertor, só que desta vez com uma cabeça loira aparecendo e roncos suaves vindo de baixo.

"Jon." eu respirei.

Ele provavelmente estava tão preocupado com Seph quanto eu. O pobre rapaz estava tão apaixonado pela princesa. Fiquei feliz em ver que ele estava bem depois - engoli em seco - naquela noite.

A academia estava ensopada de sangue, com Seph flutuando sobre os cadáveres, a brilhante pedra de ônix agarrada em sua mão. Estremeci e esfreguei os olhos na tentativa de desenterrar a memória e pisar nela.

"Ramsey." Paramos na frente da porta e tive que espremer as próximas palavras. "Quantos morreram?"

"Seis feridos. Vinte e quatro mortos." Seu rosto endureceu quando ele avançou para a porta, a linha rígida de seus ombros preenchendo minha visão. "Eu sou o último dos diabólicos porque estava muito atrasado."

Porque ele esteve comigo. Me protegendo. Me beijando. Eu forcei uma respiração. Não é de admirar que ele estivesse se torturando. Ele perdeu todos os seus amigos.

Tive o repentino desejo de estender a mão e tentar aliviar um pouco da culpa que ele certamente estava carregando em seus ombros tensos, mas ele abriu a porta do quarto de Seph e entrou.

Dois

Eu não tinha certeza do que eu esperava quando entrei no quarto de Seph, mas eu realmente esperava encontrar Seph dormindo com Nebbles, seu gato familiar, deitado no rosto e que tudo isso fosse apenas um pesadelo.

Não tenho tanta sorte. Nebbles não estava à vista e Seph pairava cerca de um metro sobre a cama. Ainda flutuando. Ainda com a pedra brilhante de ônix na mão. A única diferença entre agora e aquela noite era que alguém a tirara da camisola ensanguentada e a colocara em uma como a minha e colocara um cobertor sobre ela. Sua perfeita pele de ébano havia perdido seu brilho. A luz da tocha brilhava em sua cabeça careca e tremeluzia sobre os redemoinhos tatuados de vermelho e branco em seu rosto, dando-lhes movimento. A única coisa que mudou. Eu nunca a tinha visto tão quieta antes. Ela sempre esteve cheia de vida, e agora...

Meus olhos ficaram colados a ela quando eu fechei a porta atrás de mim, e eu mantive um aperto forte na maçaneta para o caso de precisar escapar.

Isso foi demais. Minha colega de quarto era quase exatamente como eu a deixara três meses atrás. Poderia ter sido Leo se a pedra continuasse sussurrando para ele e fazendo-o sonâmbulo para ativá-lo. Se sua vida não tivesse sido interrompida.

"Como?" Eu engasguei, não tendo muita certeza do que estava perguntando. Apenas ... como isso poderia ser?

Ramsey vagou mais fundo na sala, seus passos sussurram. – "Ninguém sabe. Seus pais. Outros curadores. Ninguém. Não é esquecimento do mago, porque antes de você encontrar o amortecedor, ela não tinha mágica para esgotar. Ninguém na escola tinha exceto você, lembra? Você não pode esgotar o que não está lá em primeiro lugar."

"O professor Wadluck sabe? Ele está fazendo isso?" Eu soltei.

"Não. Ele está na prisão do Ministério, onde não pode entrar e sair do esquecimento do mago para colocar seu espírito nela e fazê-la fazer sua vontade. Até seu sono é monitorado." disse ele. "Eu acho que é apenas o efeito nela de ativar a pedra. Nada a manterá aterrada, e ninguém poderá afastá-la. Como ninguém nunca ativou o ônix antes, ninguém realmente conhece seus efeitos... ou como detê-los. "

"Exceto Ryze."

Ele assentiu. "Exceto Ryze."

"Eu quase o matei." Eu caí contra a porta, me sentindo derrotada novamente. "Logo depois que eu o trouxe de volta, eu tinha uma faca na mão e ataquei ele. Eu tinha toda a intenção de matá-lo, mas ele era muito forte e eu era..." Eu balancei minha cabeça, lágrimas amargas rolando pelo meu rosto. "Ele pode não ter matado Leo, mas ele também tem a culpa."

Ramsey olhou para mim como se eu o tivesse atingido, e seu rosto empalideceu. "Alvorecer." Ele atravessou a sala em dois passos e colocou as mãos nos meus ombros. "Ele poderia ter matado você. Você não pode simplesmente atacar Ryze com sua adaga. Ele é o mago mais poderoso e perigoso de Amaria agora. O que você estava pensando?"

"Eu estava pensando em detê-lo." eu atirei de volta. "Seu poder não será nada depois que for retirado, e é exatamente isso que pretendo fazer. Ele não me assusta. Ninguém que precise de pequenos ajudantes vai me assustar. Ele é patético. Ele separou seu espírito em seis pedras em primeiro lugar porque tinha medo de perder poder. Ele tem medo até agora."

Eu não tinha percebido o quão alto minha voz se tornou até parar e ouvir os ecos na pequena sala.

Ramsey apenas olhou para mim, suas mãos quentes e a porta eram as únicas coisas que me mantinham de pé. Eu odiava esses sentimentos de desamparo e raiva, mas eu os sentia tantas vezes ultimamente que eles formaram raízes espinhosas. Acordar do esquecimento do mago e ver todo o dano daquela noite torceu minhas entranhas até doerem.

Olhei para Seph e balancei a cabeça. "Se alguma coisa, Ryze deveria ter medo de mim. Ele pode não saber ainda, mas ele saberá. Devo isso a Seph e Leo, pelo menos. Tenho que fazer *alguma coisa*."

Assentindo, Ramsey fechou os olhos brevemente e se afastou. "Você pode me prometer uma coisa, então? Não o enfrente sozinha nunca mais. Ele não tem reservas sobre matar. Nenhuma."

"Eu estava quase morta de qualquer maneira, e ele sabia disso. Mas eu estarei bem mais forte quando nos encontrarmos novamente." eu disse entre dentes.

"Sim..." Ele cruzou os braços, o tecido de sua camisa preta puxando firmemente em torno do volume em seus braços que não tinha sido tão pronunciada três meses atrás. "Eu não ouvi uma promessa..."

"Eu prometo." eu disse, franzindo a testa. "Só não fique no meu caminho."

"Oh, eu definitivamente vou ficar no seu caminho. Mas é porque eu não quero que você morra. Quero mantê-la vivo."

"Você não é um necromante muito bom, então."

Ele riu, arregalando os olhos como se o tivesse assustado e depois balançou a cabeça. Alisando a mão em uma mecha do meu cabelo loiro, ele se aproximou e deu um beijo na minha testa. "Estou feliz que você voltou." ele murmurou, seus lábios ainda roçando minha pele. "Tem sido insuportável enterrar todos os meus amigos."

De todas as coisas que ele já me disse, essa foi a mais brutalmente honesta e crua. Eu não conseguia imaginar o que ele havia passado, ainda estava passando. Não é à toa que ele parecia tão assombrado. Experimentando a morte de seus amigos íntimos em uma única noite... Isso deve ter mudado ele, assim como o assassinato de Leo me mudou.

Antes que eu pudesse me convencer disso, passei meus dedos pelos dele que ainda estavam enrolados no meu cabelo e passei meu outro braço em volta de suas costas enquanto olhava para ele.

"Sinto muito." eu sussurrei.

Ele assentiu, evitando o meu olhar, e depois desenrolou os dedos dos meus para me envolver em um abraço. Fiquei imóvel por meio segundo, enquanto as memórias colidiam com a minha realidade atual. Mas este Ramsey não se parecia em nada com aquele que estava sobre o corpo de

Leo. Esse Ramsey precisava de mim, estava lá por todos esses meses, então eu o abracei de volta.

"Você pode falar comigo." eu disse a ele, mas não tinha tanta certeza de que era a melhor pessoa para isso. Eu não tinha lidado bem com a morte, mas talvez eu tivesse conhecido alguém em um lugar escuro semelhante.

"Mais tarde." Ele acariciou a parte de trás do meu cabelo quando ele relutantemente se afastou. "Eu disse aos pais de Craig e à diretora que eu ajudaria na criação de um fundo de bolsas comemorativas."

Craig, como em Echo's Craig. Com sua colega de quarto, Morrissey, ela teve uma dose dupla de desgosto. Eu tinha que encontrá-la, mesmo que isso significasse levar um soco na cara novamente.

Mas primeiro, eu precisava que Seph soubesse que estava aqui. Afastando-me de Ramsey, dei um passo em sua direção. A mão que não segurava o ônix estava em cima do cobertor sobre o estômago dela, e quando eu estava ao lado de seu corpo flutuante, beijei minhas pontas dos dedos e as pressionei em suas juntas. Sua pele estava seca, mas quente, ainda muito viva.

"O que acontece se eu tentar tirar a pedra dela?" Eu perguntei suavemente.

"Nada. Absolutamente nada. Esse braço nem se mexe."

Apertei seus dedos enquanto estudava seu rosto. Pelo menos ela parecia pacífica. – "Tem que haver uma maneira de tirar você desse estado, Seph. Eu vou encontrar. Eu prometo." Eu me afastei, meu coração estilhaçando tanto que a dor roubou meu fôlego. "Te amo, colega de quarto."

Nós a deixamos lá e encontramos Jon ainda dormindo no banco.

"É de manhã?" Eu sussurrei. Sem janelas, era impossível dizer. Não é à toa que minha mãe odiava isso, já que nossa casa tinha mais janelas do que paredes sólidas. Eu não vi mais meus pais no corredor, então eles devem estar trabalhando sua mágica em outra pessoa.

"Cedo, sim." O aperto firme de Ramsey me apoiou enquanto caminhávamos lentamente pelo corredor. Ele continuou olhando furtivamente.

"O que?" Suspirei.

"Eu gosto dele loiro."

"Você gostou dele coberto de carvão também."

"Culpado." Sorrindo, ele parou em frente ao meu quarto da enfermaria. "Estou assumindo que você vai voltar para o carvão?"

"Definitivamente." Era como se ele me conhecesse ou algo assim. Depois que eu pintei meu cabelo para me misturar melhor com as sombras, tudo que eu precisava era da mão de outro homem morto.

"Te encontro mais tarde." Ele se afastou para trás como se não pudesse suportar o pensamento de desviar os olhos, mas finalmente se virou. Seus passos eram longos, confiantes e cheios de graça que eu nunca tinha visto antes em mais ninguém além dele. Gostei mais quando ele não usava sua capa de estudante para que eu pudesse realmente vê-lo - o que parecia assustador porque era.

Eu bufei para mim mesma e meu sorriso meio preso. Meu coração tinha crescido espinhos irregulares quando Leo morreu, então como foi que a pessoa que eu pensei ter visto suavizou as bordas desses espinhos e os

deixou um pouco menos pontudos? Um pouco menos insuportável? Eu não sabia, mas congratulei-me com o sentimento.

Em vez de retornar ao meu quarto de enfermaria, eu o segui a uma grande distância, ainda vestida com meu vestido branco. Cobriu tudo bem o suficiente, e eu não me importei, pois provavelmente parecia uma morta ambulante. Quando entrei na entrada principal da academia, os olhares se voltaram para mim e ficaram lá. Magos que eu não conhecia e estudantes vestidos com suas capas pretas sussurravam e murmuravam meu nome. Nenhum deles se encolheu, no entanto, ou cuspiu na minha cara como eu esperava que trouxessem Ryze de volta.

"Você deveria estar fora da cama?" alguém perguntou. Eu não vi quem.

"Sim." Mas eu já estava sem fôlego e meus músculos ameaçavam desabar. Talvez não tenha sido uma boa ideia.

"Ela é loira?" alguém murmurou.

Com um suspiro, continuei, meus pés descalços batendo no chão de pedra em direção à Sala de Reuniões. Os cheiros dentro me chamavam, acenando meu estômago oco com o mais santo dos cheiros - pão.

Uma vez lá dentro, eu poderia dizer imediatamente que os efeitos do amortecedor mágico haviam desaparecido, pois todo o lugar brilhava sombriamente e as tochas flutuavam abaixo do teto alto. As mesas estavam quase cheias e as conversas pararam instantaneamente quando entrei. Imaginei que teria que me acostumar com isso. Fui direto para a mesa dos calouros, onde caldeirões de molho fumegante estavam ao lado de travessas de biscoitos amanteigados gigantes. Meu estômago agitou para eu

mergulhar de cabeça. Mas quando me sentei, babando por mim mesma, gemi. Eu não tinha dinheiro. Seph sempre me pagou como a santa que ela era, e meus pais não estavam à vista. Eu precisava consertar toda essa situação financeira, mas primeiro eu precisava comer. Eu não tinha tanta certeza de que conseguiria sair daqui com minhas pernas trêmulas.

Quando comecei a me levantar de qualquer maneira, já que não havia sentido em me sentar aqui me torturando, uma voz ordenou: "Fique". Uma voz suave, menos sua mordida habitual.

Olhei para cima e encontrei Echo sentada à minha frente, a manga bordada de sua capa preta quase pegando um garfo. Ela rolou duas moedas sobre a mesa, que desapareceu instantaneamente, e começou a carregar um prato.

"Obrigada." Minha mão tremia quando eu peguei a concha enquanto a observava. Seu cabelo loiro parecia sujo, seus olhos azuis pareciam vazios e injetados de sangue, e sua carranca habitual puxada para baixo em uma carranca profunda. Ela costumava ser musculosa, mas agora parecia mais magra e arrasada.

Quando ela encheu o prato, disse: "Quero entrar. O que você precisar que eu faça."

Parei a concha de molho e alguns caíram sobre a mesa em vez dos meus biscoitos. "Hã?"

"Você está indo atrás de Ryze, certo?"

Ao nosso redor, as conversas pararam novamente e os olhos arregalados se conectaram a nós.

"Sim." eu admiti.

De repente, todos pareciam estar ouvindo e assistindo. Até os crânios pendurados no lustre acima apontavam suas órbitas vazias para nós. Estava tão quieto que cada movimento que eu fazia para tomar café da manhã no meu prato batia e batia.

"Eu farei qualquer coisa. Qualquer coisa. Você quer informações sobre Morrissey, eu as tenho." Ela colocou um dedo na boca e puxou o lábio para trás para mostrar um dente faltando nas costas. "Eu tirei o dente falso dela depois que descobri que ela estava envolvida no retorno de Ryze."

"O que seu dente disse a ela?"

Ela encolheu os ombros. "Mentiras. Meu dente supostamente disse que havia algo errado com minha cabeça, que eu o machuquei no EPI, e que eu deveria fazer o check-out porque estava me fazendo alucinar."

"Alucinar o que?"

"Ela desapareceu do nosso quarto depois da hora escura. A cama dela estava muito vazia."

Porque ela andava nas sombras como eu.

Eco pegou o garfo, mas antes que ela pudesse dar uma mordida, estendi a mão sobre a mesa para agarrar seu pulso.

"*Quarum sacra fero revelare.*" Quando a comida dela não mudou de cor ou forma, eu a soltei com uma respiração aliviada. "Você tem que dizer isso de agora em diante, Echo." eu sussurrei. "Sempre. Morrissey pode estar desaparecida, mas quem sabe quantos outros magos podem não ser confiáveis por aqui?"

Ela piscou com força e depois olhou para sua comida como se isso pudesse mudar de idéia e se transformar em algo ruim de qualquer maneira. "Obrigada."

Eu disse o feitiço sobre minha comida e praticamente subi em cima do meu prato. A primeira mordida enorme foi o paraíso absoluto. "Então você foi verificar sua cabeça?"

"Diabos, não." ela zombou. "Eu tenho cinco irmãos, então se você faz as contas, eu tive cinco concussões na minha vida por padrão. Eu sei como são os problemas de cabeça e o único que tenho tido ultimamente... estava em confiar nela. Mas eu segui sua teoria, porque ela era tão pequena e quieta e... inocente. Eu acreditei nela e, ao mesmo tempo, não."

"Eu não acho que alguém poderia ter visto isso acontecer. Ela era uma amiga... ou agia como uma." Sua traição ainda era tão amarga e aguda que azedou a mordida que eu acabei de dar. "Onde você acha que ela foi?"

Eco encolheu os ombros. "Todas as coisas dela sumiram no nosso quarto, e eu também. Eu mudei para um vazio. Quem dirá que ela não voltará como uma sombra e cortará todas as nossas gargantas?"

Ou o que aconteceria se ela estivesse aqui agora, escondida atrás do Skynwalker e de outros servos secretos de Ryze? Precisávamos descobrir quem era o Skynwalker por várias razões, uma das quais porque já haviam assassinado antes. Leo e provavelmente Vickie também.

Nesse momento, Jon entrou na sala de reuniões, com a boca entreaberta, os olhos azuis assombrados. Ele geralmente parecia arrumado, mas hoje, sua capa estava abotoada e seu cabelo loiro arrumado espetado em todas as direções. Meu estômago dobrou com o quão perdido ele parecia, e

eu imediatamente acenei para ele. Ele me viu, registrando apenas vaga surpresa, e cambaleou.

"Jon." Minha voz falhou e eu gesticulei para ele ao meu lado da mesa. Quando ele se sentou, eu joguei meus braços em volta dele. "Eu sinto Muito."

"Não é sua culpa." disse ele, dando um tapinha na minha cabeça sem jeito.

Mas era. Eu nunca deveria ter deixado Seph sozinha em nosso dormitório naquela noite. Minha garganta estava muito engasgada para dizer o mesmo a Jon.

Eco bateu furiosamente em seu rosto e depois empurrou o prato com tanta força que se chocou contra um caldeirão. "O que fazemos? Eu não posso simplesmente sentar aqui e não fazer nada."

"Eu também." disse Jon. "Eu posso ajudar."

Verdade. Uma das muitas coisas que gostei nele.

"Bem, eu preciso da mão de um morto para que eu possa procurar Morrissey nas sombras." eu disse, abaixando a voz. "Além de me manter escondida quando estiver procurando respostas."

Jon assentiu. "Há um cemitério maior perto do portão da academia. Podemos ver se há algum assassino enterrado lá."

"Vou pegar pás." disse Echo, já saindo da cadeira. "O que mais?"

"Algo para a minha memória?" Em seus olhares vazios, eu continuei. "Eu ainda preciso descobrir quem matou meu irmão. Eu vi o Skynwalker como Ramsey, mas se havia uma maneira de esclarecer minhas memórias,

esfregar o rosto dele, destacar alguns detalhes mais do que outros naquela noite... "

Jon se afastou da mesa, um verde doentio colorindo seu rosto. "Como o feitiço de granada de memória?"

"O quê?" Eco e eu perguntamos.

"O feitiço da granada de memória." Ele engoliu em seco: "Isso já foi feito antes com... não muito sucesso."

"Como você faz isso?" O estalo da minha voz o fez recuar. Eu tentei engolir meu desespero, mas ele ficou na minha garganta. "Onde você aprendeu sobre isso?"

Ele olhou para mim como eu já devesse saber. "No livro da pedra cinzenta."

Eu olhei para ele, minha boca se abrindo. "O quê?"

"Eu fiz um pouco de osteomancia para ver se eu poderia ajudar Seph de alguma forma." disse ele com cuidado. "Os ossos me levaram ao Livro da Pedra Cinzenta, um enorme livro de feitiços cinzentos. Pensei que você soubesse disso, dado a... sua cor da mágica. "

"Não. Eu sei branco. Eu sei preto. Tudo no meio é..." Eu. Eu era um mago cinza, a partir de agora de qualquer maneira, que era uma das razões pelas quais fui escolhida para trazer Ryze de volta. Porque a magia preto e branco não podia fazer isso, não com ele de qualquer maneira. Eu respirei fundo, tirei Ryze da minha cabeça e prometi a mim mesma um bom colapso mental mais tarde. "Como você faz o feitiço?"

"Requer certos ingredientes, alguns dos quais são difíceis de encontrar, e só pode ser feito durante a primeira tempestade de qualquer temporada

após a hora escura. As boas notícias - provavelmente a única boa notícia - são que os feitiços mágicos puramente cinzentos não são em latim, então isso é... " Ele deu um polegar para cima sem entusiasmo.

"E isso já foi feito antes?"

"Não... não muito bem." Ele estremeceu: "Veja, alguns dos ingredientes podem ser venenosos, e você precisa beber para que o feitiço funcione."

Eco chamou minha atenção, as sobrancelhas erguidas em questão.

Pode ser venenoso, ele disse. Não definitivamente, mas *pode* ser. Ainda assim, eu poderia arriscar a morte para descobrir a verdade? Levou apenas meio segundo para eu decidir se valia a pena ou não. "Mostre-me o feitiço."

Três

Na verdade, jon não me mostrou o feitiço, pelo menos não imediatamente, porque quando me levantei para segui-lo da sala de reuniões, desabei de volta no banco.

"Dawn?" Eco disse, olhando para mim do lado oposto da mesa. "Você está bem?"

Eu balancei minha cabeça em frustração. "Eu sou feita de macarrão molhado."

"Isso parece... delicioso?"

Jon se virou, já a meio caminho das portas, e percebendo que não estávamos seguindo, ele voltou para o meu lado com uma careta. "O que há de errado? Você precisa se deitar?"

"Estou deitada há três meses." resmunguei.

Ele assentiu. "Então sim?"

"Então não. Temos coisas a fazer. Não temos tempo para esperar que eu recupere minhas forças."

"Tudo bem. Eu tenho uma ideia." Ele levantou um dedo. "Fique aqui."

Caí na minha cadeira e rosnei. Isso era pior do que me sentir impotente, e eu já odiava isso com paixão.

"Ei." Eco apoiou o cotovelo na mesa e apontou o dedo para mim. "Você foi esfaqueada por um professor. Foi atacada com um verme estranho verde. Forçada a executar a magia mais sombria que se possa imaginar. Ser

hospedeira do amortecedor mágico. Acordar depois de três meses do esquecimento do mago. Dê um tempo. Você não precisa andar para ser uma mentora. "

Meus lábios tremeram. "Mentora?"

"Você faz as coisas. Você pode ter um corpo de macarrão e ainda fazer merda." Ela bateu na mesa com um punho, fazendo tudo pular e estremecer, e então se levantou. "Eu vou pegar pás."

Mas... mentora? E o que eu fiz exatamente? Eu falhei em tudo o que me propus a fazer - matar Ramsey, proteger Seph. E echo tinha razão. A única coisa que estava funcionando perfeitamente era o meu esforço para parar Ryze e descobrir quem matou Leo. Talvez meu cérebro estivesse funcionando também, mas isso estava em debate.

Enquanto esperava por Jon e Echo, terminei tudo no meu prato. Olhares curiosos continuaram deslizando na minha direção, mas ninguém me incomodou ou me acusou de destruir Amaria. Uma benção, realmente. Eu mal podia tolerar minha própria culpa.

Um estalo alto veio da mesa dos professores na cabeceira da sala. Um segundo depois, uma enorme bolha se formou no topo de um dos caldeirões. Também estalou, ainda mais alto e jogou molho por toda parte. Vários professores recuaram as cadeiras, os olhos esbugalhados, alguns com molho sobre a eles. Mais e mais bolhas ferviam e explodiam, cada vez mais rápido.

"*Impetro livre*!" um professor de bigode gritou com o caldeirão.

Em vez de interromper o feitiço, o caldeirão inteiro derreteu e o molho ainda borbulhante queimou através da mesa de madeira como ácido. Os

professores e vários estudantes lutaram para fugir. Não eu, porém, desde que eu não podia.

Mamãe mencionou que a magia tinha dado errado desde o retorno de Ryze. Eu imaginei que ela estava certa. Talvez não haja mais molho para mim, pelo menos por um tempo.

Jon entrou então com uma cadeira de rodas de aparência debilitada que eu me forcei a olhar. Eu não seria inválida para sempre. Com um pouco de pão preenchendo o buraco na minha alma, eu já me sentia um pouco mais como eu.

"Eu trouxe o Livro da Pedra Cinzenta também, e um livro da biblioteca que é como 'quem é quem de pessoas mortas aqui'." disse ele enquanto se aproximava com apenas um olhar para a mesa derretida na frente da sala. "Aperte."

A cadeira tinha um tipo de cinto de segurança, bem como tiras grossas de braço e perna, presumi que estavam lá para manter por um longo tempo. Coloquei apenas o cinto de segurança e coloquei o livro enorme no meu colo, assim como o livro menor, e Jon foi bom o suficiente para me cobrir com um cobertor. Um ajudante de fato. Este gostava de dar tudo de si.

Echo voltou com duas pás e, com Jon me empurrando, estávamos em direção às portas da sala de reunião.

"Dawn!" uma voz chamou do outro lado da entrada. A diretora Millington flutuou em nossa direção, seu longo vestido vermelho velando os pés. Uma pilha de cabelos castanhos estava em cima de sua cabeça, e ela sorriu com os lábios inexistentes.

Eco escondeu as pás atrás das costas enquanto ela se aproximava.

"Ouvi dizer que você está acordada, então corri para o seu quarto, mas você não estava lá." Ela olhou para a cadeira e franziu a testa. "Você está indo a algum lugar?"

"Do lado de fora para tomar ar fresco." eu disse suavemente.

"Você acabou de acordar do esquecimento do mago." disse ela, sua voz incrédula. "Você precisa descansar."

"Nós ficaremos com ela o tempo todo." Jon falou de trás da minha cadeira. "Não vamos deixar nada acontecer."

"Promessa." As pás bateram levemente atrás das costas de Echo.

"Bem, vá com calma e não se desvie dos caminhos principais." disse a diretora. "Quando você quiser, venha ao meu escritório e conversaremos. As aulas começaram novamente em janeiro, então eu mostrarei meu plano para o ano, ok?"

Já era o que, março? Eu senti tanta falta, que provavelmente ainda estaria em recuperação quando estivesse morta. "Certo."

“Estou realmente feliz que você esteja bem, Dawn. Eu gostaria que tivéssemos mais tempo para conversar agora.” Com uma carranca, ela olhou para a Sala de Reuniões. "Mas é melhor eu ir ver essa situação do molho."

Ela correu para dentro.

Echo se inclinou para sussurrar: "Eu não iria ao escritório dela. É uma armadilha."

"Hã?”

"Você perdeu cerca de cinquenta documentos de pesquisa", disse Jon. "E isso foi apenas em Morrendo e Revivendo."

"Sim, não há como eu alcançar a turma." Esfreguei minha mão sobre o Livro da Pedra Cinzenta escondido debaixo do cobertor. "Eu tenho muitas outras prioridades agora, de qualquer maneira."

Partimos para as portas novamente e, no caminho, vi meus pais conversando com um grupo de magos no canto à minha direita. Papai olhou duas vezes quando me viu, franziu a testa e depois inclinou minha mãe para que ela não me visse escapar.

Eu soprei um beijo para ele, o que é claro que ele pegou. Deuses, eu senti falta deles.

Jon abriu a porta da frente destrancada da escola, e a ardente luz do sol iluminou o interior do meu crânio.

"Oh.",eu gemi, usando minhas mãos para bloquear a luz. "Bobagem horrível. Faça parar."

Eco riu quando ela fechou a porta e passou por nós. "É loucura, não é? Essa coisa toda de luz do dia? Necromantes nunca se acostumam com isso."

"É a falta de janelas na escola, você sabe." disse Jon, me empurrando em direção às escadas íngremes. "Alimenta a escuridão necessária para realizar a magia negra, bem como os ângulos estranhos de construção que fazem você sentir que seu cérebro foi virado de lado."

"Descrição precisa." Enquanto espiava entre meus dedos, apontei para as escadas que Jon estava me empurrando, meu estômago revirando. Obviamente, eu não tinha ficado presa o suficiente se ele fosse me jogar escada a baixo. "Hum, Jon?"

Sem perder o ritmo, Echo se virou na nossa frente e levantou toda a frente da cadeira de rodas por uma barra de madeira entre meus pés. Jon me rolou lentamente com apenas as rodas traseiras.

O alívio afrouxou minha respiração. "Obrigado por não me matar."

"Não mencione." ele disse.

Eu sorri apesar do rubor de vergonha nas minhas bochechas. Eu tenho que admitir, foi bom ter ajuda e ser transportada assim, embora é claro que seria temporário. Eu ficaria de pé novamente em breve.

No final da escada, Echo me colocou de volta no chão e começamos o caminho em direção ao portão da frente. Agora que eu podia ver de novo, a primavera começara na Ilha Fantasma. As árvores ainda estavam mortas, mas em vez de se lançarem em direção a um céu nublado, o azul brilhante subia em todas as direções. O calor do sol tocou minha pele e aqueceu direto meus ossos. Em dezembro, Ramsey e eu tínhamos limpado esse caminho de neve como punição, embora... nunca parecesse realmente uma punição. Não com ele.

Eu deveria dar a ele a mão de um morto também. Poderia muito bem. Ele ficaria emocionado. Ele poderia usá-la para encontrar o Cajado de Sullivan que supostamente estava escondido nas sombras da catacumba.

Mordi meu sorriso quando percebi que estava crescendo e depois limpei minha garganta. "Em Qual página é o feitiço de granada de memória?"

"Setecentos e vinte e oito, eu acho. Está marcado."

Peguei o livro debaixo do cobertor e abri o livro no meu colo na página correta. Ao lado do feitiço de granada de memória havia uma lista de ingredientes:

'Sangue fresco que corre para o lado. Três cílios de um gambá de três olhos. Pétalas moídas da flor de lírio.'", eu li." Parece fácil o suficiente."

Eco saltou à frente no caminho. "Não."

"Jaritataca de três olhos é bastante rara na Ilha Fantasma. As flores de lírio só florescem após uma oferta de sangue e durante uma tempestade de hora escura, e se você chegar muito perto, elas mordem." - disse Jon. "Aprendemos isso da maneira mais difícil na Botânica dos Mortos-Vivos."

"Lembra da Giselle, uma caloura?" Eco perguntou, virando-se. "Cabelos curtos, sardas, não podiam falar sem usar as mãos?"

"Não..." eu admiti.

"Uma lírio-da-índia arrancou o dedo quando ela fez uma oferta de sangue." disse Jon. "O resto de sua mão estava tão mutilada, que ela teve que ir ver um curandeiro especial."

"Sangue por toda parte." Eco encolheu os ombros e se virou. "Agora ela não fala com as mãos."

"Além disso, os lírios são venenosos." acrescentou Jon.

Hã. Bem, eu estava começando a gostar desse plano cada vez menos.

Nós saímos do caminho para a esquerda e entramos na floresta densa, as árvores mortas devorando a luz. Tornou-se muito irregular e escuro para ler mais sobre o feitiço, então fechei o livro.

"Desculpe, desculpe." Jon me manobrou sobre o terreno irregular cheio de ossos e raízes de árvores retorcidas que saíam do chão como cobras enormes. "Há outro caminho mais suave à frente."

Atravessamos as árvores e depois encontramos outro caminho que começava bem no meio da floresta. Um poste de madeira ao lado dizia 'Cuidado.'

Eu apontei para ele quando Jon me levou sem diminuir a velocidade. "Pelo que?"

"Você pode ignorá-lo." Echo chamou de volta na nossa frente.

Outro apareceu na próxima curva que dizia 'Volte."

Eu nunca tinha ido por esse caminho. Nunca soube que esse caminho estava aqui. Tarde demais - eu deveria ter me chutado na minha própria cabeça - o pânico irrompeu em meu intestino e estrangulou minha voz quando tentei gritar: "Pare!" Então, tentei novamente muito mais alto. "*Pare*!"

Jon parou e saiu do meu lado. "O quê? Eu machuquei você?"

Adiante, Echo diminuiu a velocidade e se virou, franzindo a testa.

"Para onde você está me levando?" Segurei os braços da minha cadeira de rodas com tanta força que a madeira rangeu. "O que há com todos esses sinais?"

"Eles são apenas avisos para o que está por vir." Ela acenou nessa direção: "Eles não têm sentido."

"Diga-me o que está por vir." eu exigi.

"'Quieto'." Ela disse isso com naturalidade com um encolher de ombros casual, não como uma ordem, mas como se fosse um lugar real.

"É assim que o lago é chamado." disse Jon. "Você verá... Nós fomos para lá quando aprendemos sobre radiestesia na aula de Adivinhação."

Havia algo que ele não estava me dizendo. No meu estado enfraquecido, confiei com muita facilidade. Confiei em ambos. Deuses, eu era uma tola. Um deles poderia ser o Skinwalker, e o outro poderia estar trabalhando secretamente para Ryze. Sua tristeza e utilidade poderiam ser um ardil completo. E eu me amarrei a uma cadeira e basicamente disse a eles: "Vamos para o meio da floresta para que você possa me matar!" Eu nem tinha minha adaga ou roupas adequadas para morrer.

Eu joguei meu olhar entre os dois, minhas bochechas flamejando de raiva, se não fossem quem eles diziam que eram. "Jon, me diga o que você trouxe a Seph para o seu encontro naquele dia em que nos encontramos na biblioteca para fazer na sessão de osteomancia."

Ele estremeceu e recuou como se aquela lembrança tivesse lhe dado um golpe físico. "Uma margarida amarela e chocolates. Por quê?"

Ele não era o Skinwalker.

Eu me virei para a Echo. "Eu fiz você me odiar. O que eu fiz?"

Ela revirou os olhos para o topo das árvores. "Eu não sou o Skinwalker."

"Então responda à pergunta." eu exigi.

Ela soltou um longo suspiro, ondulando alguns dos cabelos que haviam caído em seu rosto. "A sessão, obviamente, quando eu disse para você parar e você não, e também..."

Oh Eu não tinha percebido que havia um "e também."

Ela endureceu os lábios e chutou um galho perdido no caminho. "Lá por um tempo, eu pensei que Craig gostava de você. Sempre olhando para você. Sempre conversando com os outros diabólicos sobre você. Isso foi antes de eu saber que Ramsey tinha algo com você. Foi antes de muitas coisas..."

Eu tive uma interação memorável com Craig. Apenas uma vez quando ele emboscou Seph e eu nas escadas do nosso corredor. Duas, se você contar uma troca de acenos no PPE Dificilmente o que dificilmente poderia indicar romance, mas tudo bem.

Echo estendeu as mãos, um sorriso irritado no rosto. "Eu passei no seu teste?"

"Sim. Sinto muito pelo Craig."

Ela olhou para frente novamente, mas não antes que eu visse uma labareda de dor. "Eu também."

Jon suspirou quando olhou para mim. "Continuo indo ou...?"

"Sim." eu suspirei.

Ele nos levou pelo caminho novamente, um pouco mais rápido, já que Echo não estava esperando por nós e deve ter seguido em frente. Eu a chateei. Eu aborreci os dois, mas minha confiança foi irrevogavelmente destruída, especialmente depois de Morrissey. Se eu não podia confiar nos meus amigos, em quem eu poderia confiar?

"Eu não sei que eu já vi o Skinwalker." Jon admitiu. "Eu seria capaz de ver a diferença? Sem ofensa, mas e se você for ele?"

"Sem ofensa. Os corvos parecem saber quem é real, embora isso seja apenas uma teoria. Fora isso, se você realmente conhece alguém - suas

peculiaridades e as coisas que os acendem e esfriam, você pode dizer. Eu sempre sabia quando eu estava conversando com a verdadeira Seph, e eu sabia quando estava olhando para uma falsa, Seph não fica parada. Acho que ela não pode. " Por isso, seu estado atual era tão antinatural.

Jon ficou calado, e eu não podia culpá-lo. Falar sobre Seph esvaziou meu peito com farpas dolorosas, e parecia muito semelhante a falar sobre Leo. Apenas Seph não estava morta. Eu tinha que esperar que ela estivesse bem. Eu *precisava*, ou gostaria de quebrar com muitas peças para voltar a montar novamente.

Numa curva do caminho, a placa dizia 'Última Chance' e além dela estava Echo com o dedo nos lábios. Além dela, a visão gelou meu sangue. Um lago se espalhava como asas de vidro em ambos os lados de uma passarela baixa. A água espelhava o céu azul e as árvores mortas sem uma única ondulação rolando pela superfície. Mas foi o que sobressaiu da água que eu não consegui desviar meu olhar. Mãos e braços até o cotovelo estendiam-se em todos os ângulos e seguravam as bordas da longa passarela. Centenas deles brilhavam úmidos, a carne tão viva quanto a minha e em cores variadas.

Eu pisquei com força, sem entender o que estava vendo ou por que esse lago se chamava 'Quieto.'

Jon parou minha cadeira antes de passarmos pelo sinal 'Última Chance' e se inclinou para sussurrar: "Essas não são boas mãos, Dawn. Você não as quer em você. Confie em mim. Quando atravessarmos a ponte, não faça barulho e *faça o que fizer não* estenda a mão."

Eu balancei minha cabeça em um aceno de cabeça, meus nervos muito abalados para fazer muito mais.

"Além disso, algumas flores de lírio-erva crescem na base dessa ponte. Quando estiver chovendo, teremos que voltar aqui para pegar uma, se você ainda quiser fazer um feitiço de granada de memória.

Com certeza, havia algumas flores mortas bem na beira do lago, suas pétalas secas e pretas e seus caules caídos.

Quando olhei novamente, ele me passou pela placa e imediatamente percebi o verdadeiro significado do silêncio. Nem mesmo uma brisa sussurrou sobre nós. Era como se tivéssemos entrado em um bolso de magia onde sons externos não podiam penetrar. Apenas o sangue zumbindo entre meus ouvidos e as rodas girando lentamente sobre a terra existia aqui.

Lentamente, Echo se afastou de nós e pisou na ponte. Ela rangeu sob o peso dela, e as mãos e os braços tremeram instantaneamente. Tão rápido que eu poderia ter perdido se não estivesse olhando. Era como se eles estivessem ouvindo. Ela deu outro passo lento, e eles se contraíram novamente, desta vez com os dedos alcançando as bordas da ponte. Ofeguei, mas depois fechei meus lábios com força. Então ela correu, seus pés batendo nas tábuas e as mãos agarraram sua capa com seus movimentos esquisitos e agitados. Eles erraram, mas o que aconteceria se não o fizessem?

Estremeci quando Jon me aproximou da ponte. Os braços e as mãos saltaram em nossa direção, me fazendo pular novamente. A água escorria dos dedos, mas não produzia um único ruído ou ondulação quando voltava para a lagoa. Era irritante, especialmente porque eles pareciam tão vivos e certamente estavam apegados a... alguma coisa.

Jon me apressou sobre a ponte. A cadeira de rodas chiou à velocidade e a ponte rangeu embaixo de nós. Meu estômago subiu na minha garganta quando as mãos se agarraram em nossa direção. Um agarrou o canto do meu cobertor e puxou-o do meu colo com tanta força que estalou no ar. Depois mergulhou na água sem ondulações e desapareceu. Eu só podia imaginar se fosse eu em vez do cobertor. Um longo arrepio rasgou minhas costas.

Jon chegou ao outro lado e não parou até chegarmos à cerca baixa e com barras de ferro em torno de um cemitério de tamanho médio. Uma brisa agitou os galhos das árvores que se elevavam sobre nós. O bolso de nenhum som havia desaparecido.

"Dawn, conheça 'Quieto.'" disse Jon, respirando com dificuldade.

"O que *foi* isso?" Eu assobiei.

Eco entregou uma pá a Jon. "Algum mago está enterrado no fundo do lago. Há rumores de que ele tentou ficar surdo porque o barulho o incomodava."

"Mas... por quê? O que há de errado com o som?"

Jon me empurrou para mais perto do cemitério. "Nada se você estiver são."

"A menos que você ouça o som de alguém que você ama, dia após dia, e ele não o ame de volta. Ele supostamente estava apaixonado por Marjorie Effman, uma professora aqui de uma vez." Eco escalou a cerca com sua pá. "O sentimento não era mútuo."

Marjorie Effman, a maga escura que havia sido enterrada no pequeno cemitério debaixo de uma gaiola. Parente de Morrissey com as iniciais ME.

Eu olhei de volta para a lagoa e dei uma olhada dupla. "A... a água parece vermelha para você?"

"Sim." Jon engoliu em seco. "Percebi que é muito melhor não pensar no porquê."

Eco andou pelos túmulos e olhou mais de perto os nomes nas lápides gastas. "Os alunos não são muito inteligentes às vezes. Alguns tentaram impressionar seus amigos fazendo barulhos altos, e isso não foi tão bom para eles."

"Eu estava tentando não pensar nisso, então obrigada." Jon pulou a cerca com um suspiro.

"Eles morreram?" Eu perguntei.

"Supostamente é feio quando você faz muito som." Echo tirou o cabelo do rosto. "Eu nunca fiz isso. Eu nunca pretendo fazê-lo."

Um tremor lento percorreu minhas costas. "Parece uma armadilha mortal proposital."

Ela parou na frente de uma lápide com dois crânios no topo parecendo dar uma mordida nela. "Oh, há uma tonelada de pessoas em torno desta academia."

"Adorável. Eu andei por aí completamente alheia, então."

"Essa é a definição de vida, não é?" Jon virou um sorriso para mim e depois seguiu Echo. "Nunca sabendo quando você vai cair."

"Ou por quem você vai se apaixonar." acrescentou Echo, com os ombros caídos um pouco.

"É verdade." eu disse.

Eco respirou fundo e soltou o ar lentamente. "Chega de pensamentos profundos. Vamos desenterrar alguém."

Depois de algumas referências cruzadas no livro de Jon com os nomes das lápides, nos encontramos um assassino. Peter Blackwell, o filho das ovelhas negras de um antigo diretor que matou toda a sua família.

Eco soltou um assobio baixo depois que li essa parte em voz alta. "Está escuro o suficiente para você?"

Dei de ombros como se não fosse grande coisa. "Ele vai servir."

Ela bufou e balançou a cabeça enquanto punha a ponta da pá na terra. "Eu gosto do seu estilo, Dawn."

"Realmente?" Eu sorri para o meu vestido da enfermaria. "Eu estava pensando que era um pouco esfarrapado."

"Não é o que estou dizendo." ela disse com uma risada.

Isso foi bom, rir e brincar, e estar acordada e viva. Além de desenterrar um assassino para cortar suas mãos, é isso que as pessoas normais fazem. Era exatamente o que eu precisava, apenas um pouquinho de normalidade antes de entrar em guerra contra meus inimigos mais uma vez.

Com a ajuda da magia de Jon e da força de Echo com a pá, eu tive duas mãos ossudas no colo em pouco tempo. O que eu tinha antes ainda tinha carne, mas uma mão esquelética também funcionaria.

Antes de começarmos a voltar, um barulho soou atrás de nós, como se uma pedra tivesse quebrado a superfície da lagoa. Mas... não parecia ser assim que 'Quieta' trabalhava. Nós três nos entreolhamos e depois nos viramos lentamente para olhar entre os galhos das árvores.

'Quieto' se foi. A água não estava, o buraco ainda estava lá, mas empilhado quase ao nível do solo com caveiras e ossos.

"Hum." comecei, "isso acontece com frequência?"

"Não." Jon engoliu em seco. "Nunca."

Do outro lado do lago vazio, algo invisível veio em nossa direção, quebrando galhos e raízes. Algo grande o suficiente para fazer o topo das árvores tremer.

Eco pegou a pá de Jon e atirou-se sobre o portão. "Certo. Nós terminamos aqui."

"O que é isso?" Eu chiei, pânico arranhando minha garganta.

"Não vamos ficar para descobrir." Jon virou-se para as costas da minha cadeira de rodas e se lançou em direção a um novo caminho.

"Eu não sei aonde isso leva." ecoou por cima do ombro, trotando à frente. "Precisamos voltar do jeito que viemos."

O estrondo estava mais alto, mais perto. Não estávamos voltando do jeito que viemos.

Torci para ver Jon atrás de nós. Através das quebras nas árvores, uma enorme forma se lançou em direção ao que restava da lagoa. Demorou alguns segundos para perceber que eu estava olhando para uma mulher nua e velha, com galhadas enormes saltando do topo de sua cabeça. O que ela estava fazendo aqui? Ela se agachou sobre uma pilha de ossos no lago vazio e abriu a boca, e a mandíbula *torceu* para abrir ainda mais. Um grito horrorizado rasgou minha garganta, e os olhos vermelhos da mulher se levantaram para encontrar os meus. Da sua boca aberta saiu um lamento que atravessou cada um dos meus nervos e os esmagou.

Então ela saltou em nossa direção.

"Mais rápido." Eu me virei, segurando os braços da cadeira. Suor frio percorreu minha pele. Tremores violentos rasgaram minhas costas. "Jon, *mais rápido*!"

As rodas protestaram alto enquanto ele corria atrás de Echo pela trilha que dificilmente era um caminho. A cadeira bateu, pulou e oscilou, ameaçando me derrubar no chão para que a mulher pudesse me pegar. Segurei as mãos do morto no meu colo com força para segurá-las e depois me agarrei a cadeira também.

Jon gemeu. "Não olhe para trás."

Eu não precisava. Ela bateu atrás de nós, seus passos fazendo tremer o chão.

À frente, galhos mortos caíam no chão, onde as raízes se enrolavam e formavam uma parede. Echo explodiu de qualquer maneira, e - oh merda! - Jon a seguiu. Minha cadeira rasgou e trouxe chuva de madeira sobre minha cabeça. Entramos no caminho principal que levava à academia, de alguma forma do *outro* lado que havíamos entrado. Como conseguimos isso?

Jon e Echo aumentaram a velocidade em direção às portas da frente. Outro lamento estridente perfurou o ar atrás de nós. Ramsey estava em cima dos degraus, uma bagunça de cabelos escuros soprando sobre sua cabeça.

O mundo tremeu e depois tombou. Uma roda deve ter pego uma pedra solta no caminho ou algo assim, e o chão subiu para encontrar o lado da minha cadeira e depois o lado da minha cabeça. O cinto de segurança me

impediu de se espalhar, mas as mãos do morto saíram do meu colo e estalaram no chão antes de rolar.

"Dawn!" Ramsey irrompeu pela porta da frente e desceu correndo os degraus para nos encontrar.

Jon se ajoelhou ao meu lado, estremecendo, e estendeu os braços em minha direção. "Você está bem?"

"Ótima." eu gemi.

Echo parou atrás de mim, seu olhar fixo na floresta, sua postura protetora. Mas nada estava vindo. A mulher desapareceu.

Ramsey se ajoelhou do meu outro lado e gentilmente tocou meu cotovelo. Ele me examinou em busca de ferimentos da cabeça aos pés, as sobrancelhas franzidas em uma profunda intensidade. – "O que aconteceu?"

"Estávamos sendo perseguidos." disse Echo entre os dentes.

"E 'Quieto'... partiu." acrescentou Jon.

"O que você estava fazendo lá, Dawn?" Ramsey perguntou, preocupação irradiando dele.

Sangue escorria do meu queixo, e cada parte de mim doía. Chega de fingir que eu poderia me recuperar rapidamente depois do esquecimento do mago. Ou superar mulheres nuas que provavelmente poderiam comer todo o meu crânio de uma só vez.

Apontei para as partes esqueléticas a alguns metros de distância, já que era tudo o que eu podia fazer. "Pensei em te dar uma mão."

Quatro

Alguém estava gritando.

Dois dias depois, no início de uma manhã de segunda-feira, empurrei a porta da ala das garotas, finalmente livre do meu quarto da enfermaria e de pé sozinha. Meu coração disparou na minha garganta com o som horrível. Quem era aquele? E por que alguém não estava fazendo nada sobre isso? Algumas meninas saíram do banheiro no final do corredor e vieram em minha direção sem pestanejar. Elas não ouviram isso? Era tão alto e angustiado.

Um calouro - Bernie, eu acho - acenou desajeitadamente em seu caminho. "Ei, Dawn. Que bom que você ainda está conosco."

"Sim, mesmo, mas..."

Ela saiu pela porta antes que eu pudesse perguntar.

Os gritos não terminaram, e rasgaram minha alma com o quão tristes eram. Eu corri pelo corredor, notando que ficava mais alto quanto mais perto eu chegava do meu quarto. Oh deuses. Não poderia ser...

Eu abri a porta. Lá, no meio da sala, estava Nebbles, o gato chorando. Não gritando. Apenas lamentando a perda de sua princesa Sepharalotta. Por três longos meses.

Uma dor aguda atravessou meu peito e roubou meu fôlego. Eu tropecei em sua direção, e ela virou a cabeça peluda e cinzenta para me

encarar com um olho laranja. Seu ódio por mim venceu sua dor, ao que parece, porque ela assobiou.

"Sinto muito." eu sussurrei. "Eu sinto muito."

Meu olhar pousou na cama de Seph, completamente despida de todas as roupas de cama como se não esperasse que ela voltasse. Suas fitas haviam se soltado do desenho da tenda de circo sobre a cama, não mais tão coloridas quanto antes, e se desenrolando nas extremidades.

Um soluço arrancou da minha garganta, e eu bati as duas mãos na minha boca. Se não tivesse, teria quebrado, espalhada por todo o chão em pedaços pequenos demais. Eu falhei com Seph. Eu a deixei sozinha neste quarto sozinha naquela noite, e ela poderia nunca voltar. Mesmo que ela segurasse o ônix, o ônix a segurou mais, e não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso. Nada que alguém pudesse fazer. Seph e todas aquelas mortes... O retorno de Ryze... Foi tudo por minha culpa. Até Nebbles sabia disso.

Meu corpo estremeceu com mais soluços até minhas pernas cederem e eu afundar no chão.

Passos bateram do lado de fora da porta aberta. "Ei, eu estava chegando para ver se você... Oh."

Foi eco. Eu estava muito destruída para me importar que ela me visse assim. Eu não era a líder forte que ela queria que eu fosse. Convidei a morte e a devastação em todos os lugares que fui.

"Dawn." ela disse suavemente. “Continuamos dando brinquedos e ratos para ela, mas...” Ela veio atrás de mim, ajoelhou-se e esfregou minhas

costas como Seph costumava fazer quando eu estava chateada. "Tudo vai dar certo."

Eu não tinha tanta certeza. Minhas lágrimas pareciam concordar porque continuavam vindo e não paravam. Ficamos lá por quem sabe quanto tempo enquanto Echo alisava meu cabelo para trás do meu rosto molhado. A gata nos olhavam friamente, a cabeça inclinada para a direita. Eu me senti tão mal por ela, e me perguntei se uma visita a Seph seria boa ou apenas a confundiria, já que ela não conseguiria dormir no rosto de Seph por causa da flutuação.

"Sinto muito." eu disse assim que pude forçar as palavras. Eu tinha a sensação de estar dizendo isso muito a todos que decepcionei.

***

Echo e eu já estávamos atrasadas para a aula de morte e reavivamento, então pegamos o café da manhã na sala de reuniões, dissemos o feitiço de segurança alimentar e o esmagamos em nossos rostos a caminho da sala de aula. Bem, eu fiz o esmagamento. Eu estava com fome.

Como se pudesse sentir nosso atraso, a diretora Millington abriu a porta de seu escritório quando estávamos prestes a passar.

"Oh, aí está você Dawn." disse ela. "Eu poderia falar com você por um momento?"

"Certo." Eu balancei a cabeça para Echo, para que ela fosse para a aula sem mim. Se eu estava com problemas, receberia uma longa palestra.

Juntei-me à diretora em seu escritório e me sentei quando ela apontou para a cadeira em frente à sua enorme mesa. Diretores do passado encaravamnas paredes, julgamentos severos em suas carrancas.

Mas a diretora sorriu suavemente, embora seus olhos castanhos parecessem tristes. "Eu queria me desculpar, Dawn."

Eu pisquei para ela. "Por quê?"

"Eu não fazia ideia de que o professor Wadluck não era um professor de educação psicofísica. Eu trabalho com ele há anos. Vários professores trabalharam, e nenhum de nós viu isso acontecer. Quando ele desapareceu, pensamos que algo havia acontecido com ele, não que ele estivesse ajudando com o retorno de Ryze."

Eu fiz uma careta para o meu colo. "Onde ele estava?"

"Ele disse ao Ministério que se escondeu no topo de uma torre, aqui, na academia. Ele se enterrou logo abaixo da terra, inconsciente, mas com ar suficiente para respirar com uma engenhoca que ele próprio fez. Ele disse que estava esperando por um sinal de Morrissey, ele disse que chegou a hora." Ela colocou as mãos na mesa e suspirou. – "As palavras dele."

"Esta torre era..." Engoli em seco e toquei a campainha pendurada no meu pescoço. Eu a encontrei em cima da minha mala no meu quarto depois que me acalmei, o mesmo sino que encontrei no quarto de Vickie que só tocava quando alguém revivendo estava perto. "Esta torre estava próxima àquela com um cemitério de familiares no topo?"

"Bem, sim."

A diretora se inclinou um pouco para a frente: - "Você já esteve naquela torre?"

Eu assenti. Eu estava lá depois da hora escura, e o professor Wadluck estava debaixo dos meus pés o tempo todo. Talvez fosse por isso que uma pessoa sombria se esgueirou atrás de mim pelas escadas e me distraiu

colocando a campainha no topo da escada. Então eu não olharia com muito cuidado e não veria um corpo enterrado lá.

“E Morrissey...” a diretora continuou. “Eu conhecia o sobrenome Effman, mas ancestrais sombrios não significam que a família inteira esteja corrompida. Ainda assim, eu deveria ter ficado de olho nela, cometi muitos erros no ano passado."

"Cometi muitos erros a vida toda, então..." dei de ombros.

"Duvido muito." disse ela com um sorriso gentil. "Você teve dificuldades inimagináveis."

Eu me contorci no meu lugar e decidi que era uma boa hora para redirecionar. "'Quieto' foi encontrado?"

"Não." ela suspirou. “O retorno de Ryze atrapalhou a magia, por isso enviamos os melhores adivinhos para nos ajudar a procurar a lagoa. Você pensaria que um lago inteiro seria fácil de encontrar, mas simplesmente desapareceu.”

"E a mulher?" Contamos a ela tudo o que havia acontecido lá fora, exceto a parte de roubar duas mãos de um homem morto. O minha estava escondida em segurança no meu bolso, um peso reconfortante, mas eu ainda não tinha pintado meu cabelo com carvão. Eu faria isso assim que tivesse tempo.

Antes que a diretora pudesse responder, a porta se abriu atrás de mim e me fez saltar da cadeira.

O professor Blumgart, o professor de latim, ficou lá, parecendo perturbado e sem fôlego. "'Quieto' está na academia."

"Com os alunos?" a diretora gritou. Ela pulou de trás da mesa e foi até a porta.

"Não, felizmente." disse ele. "Ninguém aguenta mais entrar lá..."

Os dois correram pelo corredor, me deixando em paz. Então acho que foi isso então. Fechei a porta atrás de mim e me empurrei contra ela enquanto professores e outros magos corriam em direção à academia.

No caminho final do corredor, vi a velha nua com chifres. Ela estava sozinha lá embaixo, ninguém mais à vista. Ela empurrou a porta da biblioteca. O que ela estava fazendo? Eu a segui, no mínimo, para perguntar se ela sabia que estava nua. Só brincando. Eu não tinha ideia de qual era meu plano, mas tive um pressentimento de que ela realmente não deveria estar dentro da academia, muito menos da biblioteca.

Quando entrei, minha respiração parou. Sem os efeitos do amortecedor, a biblioteca foi montada novamente, transformada de pesadelo em mágica. Folhas brilhantes flutuavam das árvores vivas, seus dosséis formando o teto quatro andares acima e seus troncos nas prateleiras. Várias árvores vazias formavam mesas que pontilhavam a espaçosa sala circular e, no centro, subia uma escada em espiral.

Mas a biblioteca estava vazia, exceto a sra. Tentorville, a bibliotecária com cachos roxos e um vestido roxo. Ela estava de pé atrás de um tronco oco de lado enquanto empilhava livros em cima.

Eu cruzei os trinta metros mais ou menos em direção a ela. "Senhora Tentorville, você viu alguém entrar aqui apenas um segundo atrás? Bem na minha frente?"

Parando de empilhar, ela olhou com uma careta e olhou através da biblioteca em direção à porta. "Não apenas você."

"Oh." Olhei por cima do ombro, procurando as mesas e os andares acima, só por precaução. Eu percebi que tinha um histórico com coisas que eu tinha visto com meus próprios olhos sendo falsas, mas eu não estava louca. Não no sentido alucinatório de qualquer maneira. A velha nua era bastante real quando perseguiu Echo, Jon e eu.

"Existe mais alguma coisa que eu possa ajudá-la?" ela perguntou.

Voltei-me para as pilhas de livros e, embaixo da pilha mais próxima, encontrei um pergaminho que dizia Agora contratando! no topo.

"Quem está contratando?" Puxei gentilmente o pergaminho para que eu pudesse lê-lo e, assim que o fiz, outro apareceu magicamente embaixo da pilha, então tirei esse também e depois outro e outro porque *não sei quando parar*. Minha coleção se enrolou em minhas mãos para que eu não pudesse ler nenhuma delas. Filho da puta.

"Hum, está contratando?" Eu perguntei novamente.

Rindo, a Sra. Tentorville colocou a mão sobre mais um pergaminho que eu ainda não havia pegado e o inclinei para que eu pudesse ver. "Estou. Com alguns dos magos que moram aqui agora para proteger a escola, eles não têm mais que tempo para ler sobre Ryze, o que está me mantendo muito ocupada. Você estaria interessada?"

"Muito mesmo." Eu também pude pesquisar Ryze enquanto estava no único lugar onde era quase impossível sentir tristeza e remorso - a biblioteca. Além disso, se ela pagasse, eu poderia comprar minhas próprias refeições pela primeira vez. "Quanto..."

Do outro lado da biblioteca, a porta se abriu e eu me virei para olhar. Alguém estava saindo. Cachos roxos brilhantes saltaram pelas costas de um vestido roxo e depois sumiram.

Era ela. Era a Sra. Tentorville saindo, mas...

Eu me virei de volta e meu coração se lançou na minha garganta. Ninguém estava lá. A senhora Tentorville se foi. Ambas.

Skinwalker.

Afastei-me, os cabelos na parte de trás do meu pescoço arrepiando. Um arrepio se espalhando em meus braços. Eu estava conversando com o Skinwalker, que tinha o hábito de desaparecer se você chegasse muito perto, como quando eu vi Seph na academia quando ela não estava sonâmbula. Mas por que tinha estado aqui? Estava procurado algo específico nas pilhas de livros?

Hesitante, eu andei na direção deles como se fosse vomitar veneno de suas páginas a qualquer segundo. Folheei alguns deles, mas não fazia ideia do que o Skinwalker poderia estar procurando. Eu conversei com ele, o assassino do meu próprio irmão, e eu nem sabia. Náusea enrolou no meu estômago, e meus olhos ardiam com lágrimas.

Parecia normal. Sim, eu estava distraída, mas minha teoria de ser capaz de dizer exatamente com quem eu estava falando desmoronou diante dos meus olhos. A menos que eu estivesse errada, e essa tinha sido a verdadeira Sra. Tentorville com quem eu estava falando.

Acenei para um corvo voando no alto e, uma vez que ele caiu aos meus pés, rolei um dos anúncios de emprego e o enfiei em seu bico aberto. "Entregue isso para a senhora Tentorville." eu sussurrei para ele.

Voou em direção à saída da biblioteca e desapareceu antes de bater na porta fechada. Isso confirmou que a verdadeira bibliotecária havia saído.

Ajoelhei-me para recuperar a adaga dentro da minha bota, meus olhos saindo das órbitas para ver tudo de uma vez. Atrás de mim, algo roçou meu cabelo. Meu batimento cardíaco acelerou, eu me virei, mas era apenas uma folha brilhante flutuando no chão.

Um ruído crepitante veio de um dos andares acima, mas do meu ângulo, não vi nada de estranho. Era o Skinwalker ou a mulher nua? Ou eles eram o mesmo?

Uma sensação espinhosa perfurou minhas costas. Quem estava aqui comigo estava me observando com muito cuidado.

Sentindo-me como uma mosca zumbindo muito perto de uma teia, avancei em direção à saída - bem a tempo de ver uma perna esquelética despencar do segundo andar. Aterrissou a alguns metros de distância, pedaços de tendão e carne pendendo dele. Meu estômago mergulhou e rolou quando eu olhei horrorizada, depois joguei meu olhar para cima. A velha mulher nua estava no patamar do segundo andar, de costas para mim. Seus chifres rasparam as estantes de livros enquanto ela se inclinava para frente, mas eu não conseguia ver o que ela estava fazendo. Ou para quem ela estava fazendo isso.

Outra folha passou pelo meu cabelo.

Eu dei um tapa nele. Mas isso não era folha. Meus dedos tocaram carne e osso. Eu me virei, meu coração disparado, e olhei para o meu reflexo. Só que não havia espelho na biblioteca. Eu estava olhando para mim mesma, uma réplica exata das raízes do meu cabelo loiro até minhas botas

arranhadas, exceto pela mão caindo ao seu lado vazia de uma adaga como a minha. Exceto pelo lento, sinistro sorriso curvando sua boca.

O Skinwalker era eu.

A raiva ferveu em minhas veias, grossa e quente. Agarrei minha adaga com força, tão consumida por pensamentos de assassinato que sacudiram todos os nervos.

Uma inundação de ódio amargo inundou minha língua, mas eu a engoli para dizer: "Você começou uma guerra comigo na noite em que matou meu irmão. Uma guerra que você não vencerá."

Seus olhos azuis brilharam com escuridão e segredos. Iguais aos meus.

Sem uma palavra, ela se virou e correu para a porta.

"Covarde." eu gritei, e corri atrás dela.

A porta se abriu antes que ela chegasse lá, no entanto. O corpo atarracado de Echo bloqueou a saída. O olhar dela se ligou ao Skinwalker.

"Ei, você vem..."

"Pare ela!", Gritei.

"O que?" Eco sacudiu os olhos arregalados entre nós, mas sua hesitação a retardou.

O Skinwalker a jogou para fora do caminho como se ela fosse feita de nada mais do que paus e pedras. Quando Echo estava caindo, ela estendeu a mão antes que o Skinwalker pudesse escapar pela porta, pegou um punhado de capa preta e o jogou para baixo. Então Echo atacou, sua força brutal e rápida. Eles se tornaram uma nuvem de socos e eu segui o caminho pelo chão com o braço estendido, o feitiço petrificado na ponta da língua.

Se eu pegasse o Skinwalker ele estaria impotente contra mim. Eu poderia aprender quem era e depois acabar com sua existência.

Esse momento era a minha chance. Eco montou nela e bateu seu punho contra sua mandíbula, o mesmo que ela tinha comigo.

"*Obrigesunt*." Uma bola de faísca cinza escuro estourou da minha palma.

O Skinwalker agarrou Echo pela garganta e a jogou no caminho do meu feitiço. Droga! O eco caiu com força, todo o corpo dela lentamente varreu meu feitiço, petrificado. Sua pele sugou para dentro e ficou cinza, e fissuras irregulares se formaram e vazaram sangue. Seus olhos estavam vazios e parecendo rachados. Meu intestino afundou como uma pedra.

O Skinwalker saltou e disparou para fora da porta, seus lábios se movendo rapidamente, mas eu não ouvi nada.

"Não!" Eu fui atrás dele.

A porta bateu atrás dela, bem no meu rosto, e então simplesmente desapareceu. A porta se foi, e tudo o que estava no meu caminho de vingança era uma estante espessa e imóvel como o resto das paredes. Um som monstruoso arranhou da minha garganta quando eu bati contra ele. Rasgou livros das prateleiras. Arranhei minhas unhas com tanta força na madeira que lascas voaram. Como um animal enjaulado, eu me virei e procurei outra saída. O andarilho da pele estava lá fora, fingindo ser eu.

Um braço esquelético caiu no chão a partir do segundo andar. Os sons de trituração continuaram. Echo e eu precisamos sair daqui, caso nos encontremos no menu, mas nenhum de nós estava indo a lugar algum. Meu

feitiço foi alimentado pela minha raiva poderosa contra o Skinwalker. Echo poderia sangrar até a morte se eu não revertesse o feitiço e a curasse.

Corri para a mesa da sra. Tentorville, encontrei uma pena e tinta e escrevi SOS no verso de um dos anúncios de emprego. Então chamei dois corvos ao mesmo tempo.

"Você, leve isso para a senhora Tentorville." eu disse, colocando o pergaminho enrolado no bico. Se alguém soubesse de outro caminho para a biblioteca, ela saberia. "E você, onde estão os livros que dizem como reverter um feitiço de petrificação?"

Sim, eu realmente não sabia. Eco ia me dar um soco na cara.

O primeiro corvo voou para onde a porta estava e desapareceu. O segundo voou para o segundo andar, exatamente de onde a perna esquelética havia caído. Porque é claro que era onde o livro que eu precisava estaria. Não sabia quanto tempo a sra. Tentorville levaria para chegar aqui, principalmente porque 'Quieto' se mudara novamente. Ela poderia estar ajudando com o lago, mas eu não poderia simplesmente deixar Echo lá petrificada e sangrando por todo o lugar, mesmo que eu pudesse sair.

Fui em direção aos degraus sinuosos no centro e subi o mais silenciosamente que pude. O corvo estava sentado no corrimão, esperando com a asa apontada para a prateleira. Em frente a ele, dois chifres grandes subiram no topa da cabeça da velha, mas eu ainda não conseguia ver. Cheguei mais perto, pressionando minha raiva contra o Skinwalker para que eu pudesse ver direito. Então lá estava ela, a velha nua de cócoras e com um pé ossudo saindo de trás das estantes de livros. Também havia cadáveres?

Sua mandíbula se torceu novamente, que por si só era horrível demais para assistir. O ar pulsava em ondas ao seu redor, atravessando pequenos arco-íris, e eu não tinha ideia do que isso significava. O que isso significava? Quem era ela?

Cheguei mais perto, mantendo meus olhos no corvo do outro lado dela. Talvez ela não me notasse. Agarrei-me à grade de madeira, meus passos o mais leves que pude, minha respiração suspensa em meus pulmões.

Apenas a um metro dela, três do corvo.

Movi-me devagar, pois não tinha ideia do que ela faria se ela me visse, e não queria descobrir. O corvo bateu suas asas, parecendo impaciente comigo enquanto olhava para a velha. O barulho chamou a atenção da mulher e ela se virou com seu terrível lamento. Mais rápido que um piscar de olhos, ela agarrou o corvo entre os punhos e arrancou a cabeça com os dentes.

Eu olhei horrorizada, minha carne tremendo em meus ossos. Minha mente gritou para eu correr, mas não consegui. Ninguém estava vindo para me ajudar ou eco rápido o suficiente. Eu precisava desse livro.

O sangue escorria do queixo da mulher e encharcava as pontas dos cabelos brancos e grossos pendurados no rosto. O pé esquelético estava esquecido em seu colo, meio mastigado.

Se ao menos eu conhecesse um feitiço de convocação, poderia pegar o livro dessa maneira, mas havia perdido tempo suficiente. Eco precisava da minha ajuda.

Forçando-me a avançar lentamente, meu olhar passou pela mulher até a prateleira além e pelos títulos nas espinhas desgastadas. O *estalo* dos ossos de pássaros espirrou bile na minha língua, mas tentei ignorá-lo enquanto passava o olhar por mais títulos.

Aprimorando as reversões dos seus feitiços através do pensamento positivo. Era esse? Deuses, eu esperava que sim. Era na vizinhança geral para onde a asa do corvo havia apontado. Cheguei mais perto do livro, meu sangue batendo nas minhas veias. Meus músculos ficaram tensos, mesmo com uma pitada de movimento da mulher. Eu estava na sua linha de visão agora enquanto ela rasgava o toco sangrento do pássaro.

Toquei meu dedo no topo do livro. Deslizou de seu espaço. Ela atacaria? Eu tinha o livro totalmente em minhas mãos quando outro livro menor que estava ao lado dele escorregou e caiu no chão com um *golpe*.

Não!

Ela levantou a cabeça e rosnou, os dentes tão vermelhos quanto os olhos brilhantes. Ela se lançou para o meu rosto.

"*Obrigesunt*." A faísca bola cinza escura estourou da minha palma e olhou para as ondas cintilantes ao seu redor, derrubando-a alguns metros.

Então o feitiço de petrificação repercutiu direto na minha cabeça. Meu coração deu um pulo. Eu me abaixei bem a tempo e depois peguei minha adaga enquanto ela atacava novamente. O sangue jorrou em seu pulso, onde eu a cortei, e ela se afastou, seu impulso selvagem quase a mergulhando sobre o corrimão. Enquanto ela lutava pelo equilíbrio, peguei o livro e corri pelas escadas, folheando as páginas em alta velocidade.

Nenhum índice. Nada para me dar uma dica de onde poderia estar um contra-feitiço.

A louca gritou.

Arrepios mergulharam na parte de trás do meu pescoço. Eu pulei os degraus finais e corri em direção a Echo.

"Petrifique... petrifique." eu disse entre dentes, folheando as páginas cada vez mais rápido. *Lá.* Eu levantei minha mão. "*In lapidem e coverso*."

Uma aura cinza formou-se em torno do corpo de Echo e ficou lá. Eu tinha colocado bastante pensamento positivo na reversão do feitiço como o título do livro sugeriu?

Olhei para trás, meu estômago apertado. A mulher nua não estava lá... ainda.

Gradualmente, a luz cinza se uniu em uma bola flutuante acima de Echo. Então se afastou e desapareceu. Exceto por todo o sangue e as rachaduras em sua pele, Echo voltou ao normal.

Permitindo-me um pouco de alívio, dei outro olhar atrás de mim. Nós ainda estávamos sozinhas.

Caí de joelhos ao lado de Echo. "Amarre-se na saúde, proteja a mente e a alma também, aumente o vigor e a felicidade, faça tudo renovar."

Minha magia de cura cinza se estabeleceu sobre seu corpo como uma teia e selou as rachaduras. Com a bainha da minha capa, limpei o sangue dela o melhor que pude. "Eco?"

Ela abriu os olhos e balançou o punho para mim.

Eu me joguei para fora do caminho. "Não, espere. Sou eu, eu juro."

Ela sentou-se, e o olhar frio em seus olhos sugeria que ela não tinha terminado de dar socos. "Você me petrificou."

"Eu sei. Sinto muito. Eu estava mirando no Skinwalker. Precisamos encontrar uma maneira de sair daqui."

Uma chave foi trancada em uma fechadura invisível e a porta da biblioteca apareceu novamente quando se abriu. A senhora Tentorville estava do outro lado, com a boca torcida em fúria. "O que aconteceu em sete infernos com a porta? *O que... É esse sangue no chão* ?"

"Não há tempo para explicar." Peguei o cotovelo de Echo e a tirei de lá. Por cima do ombro, eu disse: "Há uma velha nua no segundo andar!"

"O quê? Ela não deveria estar lá." resmungou a senhora Tentorville.

Então onde estavam as mulheres de idade nuas com chifres *deveriam fica*r? Eu balancei minha cabeça enquanto corríamos pelo corredor.

"Aquela coisa... Parecia com você." Echo assobiou. "Mas pode não ser mais você."

"Eu sei." eu disse, mas isso não me impedia de olhar. Eu estive tão perto do esfolador e poderia me chutar por deixá-lo escapar.

O corredor estava cheio de estudantes trocando de classe. Eu esmaguei meus dentes enquanto lutávamos por eles, meu olhar saltando de um rosto para o outro.

A cabeça de Ramsey se aproximou do enxame e, quando ele me viu, uma estranha mistura de alívio e ameaça nublou seus olhos tempestuosos.

Meus passos fraquejaram e eu parei, me inclinando na frente de Echo. Algo aconteceu para ele me olhar dessa maneira. A menos que não fosse realmente ele.

Ele também parou a alguns metros de distância no meio do corredor, olhando-me friamente antes de finalmente falar. "Se importa de me dizer do que se tratava?"

"O que?"

Ele apontou para a barra da capa, que estava pingando, e depois cruzou os braços. "Você quase me empurrou para o 'Quieto' agora no ginásio."

Meu queixo caiu. "Eu *nunca* faria isso com você." Como ele poderia pensar isso?

Como se sentisse que estava prestes a explodir, Echo nos conduziu para a direita e entrou em uma sala de aula vazia, onde ela fechou a porta atrás de nós.

"Veja." Echo deu um passo a minha frente para encarar Ramsey: - 'Nós apenas nos encontramos com... "- ela abaixou a voz -"alguém que se parece com Dawn."

"Mas..." Ramsey balançou a cabeça. "Você sorriu para mim quando se aproximou de mim, e era você. Eu sei que foi porque eu sei que você..."

"Meu rosto, eu sei." Eu balancei minha cabeça enquanto um longo arrepio corria pelas minhas costas. Deuses, isso era irritante. "Deve estar nos observando, nos estudando para melhorar e nos enganar."

Eco lançou seu olhar entre nós. – "Agora que você está acordada, Dawn, talvez esteja tentando colocar vocês dois um contra o outro. Fazer Ramsey pensar que ele não pode confiar em você.

"Mas por que?" Suspirei. "Porque estou ajudando você a encontrar Cajado de Sullivan? Talvez não queira que você o encontre. Talvez saiba que já te dei uma mão para caminhar pelas sombras. "

"Você me deu uma..." Ramsey me encarou como se o que eu dissesse fosse inacreditável demais. "Dawn, que mão?"

Cinco

Coloquei minhas MÃOS nos ouvidos como se isso bloqueasse o que Ramsey acabara de dizer. Eu tinha lhe dado uma mão. Foi a ele que eu dei. Não foi? "Filho da puta."

"Oh, ótimo." Echo disse, sua voz abafada. "Suponho que isso significa que tenho que desenterrar outro corpo?"

Eu deixei cair minhas mãos e as enrolei em punhos. "Não, isso significa que o Skinwalker agora também pode andar nas sombras, porque eu literalmente dei a ele a mão de um morto."

"Não necessariamente." disse Ramsey, tocando meu ombro. "Se o Skinwalker quisesse andar nas sombras, poderia facilmente ter a mão de seu próprio assassino morto a qualquer momento. Não é sua culpa."

"Eu deveria saber." Eu olhei para ele, meu coração se abrindo um pouco mais. "Assim como você deveria saber que não fui eu quem tentou empurrá-lo para o silêncio."

"Eu sei." Ele soltou um suspiro enquanto passava os dedos pelos cabelos. "Precisamos de uma maneira melhor de nos detectar, algo que nos diga instantaneamente em quem podemos confiar, para não divulgarmos todos os nossos segredos à pessoa errada."

"Uma ligação de sangue." disse Echo, seu olhar distante. "Magia negra, mas inofensiva. De qualquer forma, relativamente. Eu não sabia disso até Craig o criar um dia, mas... Os casais às vezes a usam quando um viaja e a

outra fica em casa preocupada. A ligação de sangue lhes dizia quando o outro estava em perigo, o que estavam sentindo ou quando estavam perto."

"Isso parece..." Íntimo. Minhas bochechas esquentaram quando olhei para Ramsey, que exibiu seu sorriso covarde. "Permanente."

Ele revirou os olhos e riu. "Não era isso que você ia dizer."

Maldito seja o meu rosto.

"Não é apenas usado para casais, mas também amigos íntimos e pode ser revertido a qualquer momento." Eco encolheu os ombros. "Demora cinco minutos."

"Espere, amigos íntimos também? Então... isso significa..."

"Sim." Os olhos azuis claros de Echo se conectaram com os meus, sem dúvidas. "Eu já te disse que estou comprometida com a causa. Além disso, eu gosto de saber exatamente em quem estou dando um soco."

Uma estranha mistura de emoções se formou no meu peito. Pressão, por um lado. Eu não tinha tanta certeza de que merecia a confiança ou crença de Echo de que eu poderia realmente fazer algo para lutar contra Ryze. Mas também... pressão, do tipo quente e reconfortante em volta do meu coração. Foi uma vantagem inesperada de vir para a Academia Necromante, toda essa coisa de ter amigos, e eu adorei.

Eu balancei a cabeça, sorrindo, o primeiro que eu consegui o dia todo. "Tudo bem. E Jon também, se ele quiser."

"Devemos fazer isso agora." disse Ramsey, seu olhar nunca vacilando de mim. "Não há mais dúvidas sobre intenções."

Eco foi para a porta. "Jon deveria estar na aula de simbologia agora. Eu vou pegá-lo antes que comece, já que pode parecer que o estamos abandonando."

Ela fechou a porta atrás de si, deixando Ramsey e eu sozinhos com o peso do que estávamos prestes a fazer. Estaríamos compartilhando sangue, como um casal. Era estranho, mas também era tudo sobre... nós. Eu peguei a mão dele quando acordei do esquecimento do mago, e uma parte de mim ainda não tinha deixado ir. Eu dependia dele. Eu poderia me apoiar nele. Eu tentei matá-lo.

E, no entanto, ele me protegeu ferozmente, independentemente.

Ele se aproximou, toda graça fluida, a luz das tochas nas paredes aquecendo seu sorriso e tudo sobre ele. "Você me pegou uma mão de assassino morto."

"Tecnicamente, entreguei a mão para o Skinwalker."

"Ainda assim." ele disse, passando o dedo sob o meu queixo. "É o pensamento que conta. Obrigado."

Eu levantei meus olhos para ele, para que ele pudesse ver que eu não estava mentindo quando disse: "Eu não iria empurrar você para um lago."

"Não é exatamente o seu estilo, é?" Ele balançou a cabeça e traçou as pontas dos dedos na minha mandíbula, seu toque como magia formigando na minha pele.

"Não. Eu mesma faria o assassinato, não deixaria 'Quieto' fazer isso por mim. Você sabe disso."

"Você está certa. Parece tão óbvio agora, mas tudo o que vi antes foi o seu sorriso, e deve ter feito coisas estranhas na minha cabeça." Lentamente,

como se estivesse esperando que eu protestasse, ele me envolveu em seus braços. "Me desculpe, eu te acusei."

Com minha bochecha pressionada contra o rápido baque de seu coração, eu derreti nele e enrosquei minhas mãos em sua cintura. "Você está perdoado." eu sussurrei.

Ele suspirou no meu cabelo. "Isso é muito bom de ouvir."

Ficamos abraçados, sem mais palavras necessárias no momento, e não havia nada desconfortável em nosso silêncio. Estávamos existindo juntos e eu gostei. Até preferia isso a tentar matá-lo.

Então Echo e Jon entraram.

"Ohhhh." disse Echo, as sobrancelhas subindo pela testa. "Não estamos fazendo isso agora?"

"Estamos fazendo isso agora." Eu me afastei, sentindo os dedos de Ramsey se apertarem mais nas minhas costas antes de me soltar. Meu pulso pulou com isso e depois novamente com a intensidade de seu olhar, suavizado apenas por seu sorriso torto, que durou apenas um segundo antes que ele desviasse sua atenção para a porta. Eu desviei meu olhar dele e acenei sem jeito para Jon.

"Ei. Eco disse o que estamos fazendo?"

"Sim, mas... e Seph?"

Eu cerrei os dentes com a dor crua ao ouvir o nome dela ser acionado. "Não. Não sem o consentimento dela."

Ele assentiu bruscamente. "Então o que vamos fazer?"

"Sente-se em círculo no chão." Eco começou a empurrar as mesas da sala de aula para fora do nosso caminho. – “Dawn, precisaremos da sua adaga.”

"Espere." eu disse. "Echo, você saiu e voltou, e Jon... Antes de fazermos isso, temos que ter certeza absoluta de que somos quem dizemos que somos."

"Corvos." Ramsey caminhou em direção à porta e, quando a abriu, levou os dedos aos lábios e assobiou. Penas farfalharam, então um corvo entrou voando na sala de aula e pousou em uma mesa próxima.

Memórias dos ossos quebrando do pássaro decapitado correram pela minha cabeça em detalhes vívidos, mas eu os afastei. Espero que a Sra. Tentorville tivesse essa mulher - quem quer que fosse - sob controle, pois ela parecia saber mais sobre ela do que eu. Eu me certificaria logo depois que terminássemos aqui.

Na mesa do professor, Ramsey encontrou um rolo de pergaminho e o entregou ao corvo. "Entregue isso para a Echo."

O corvo circulou a sala uma vez e pousou aos pés de Echo.

"Entregue isso para Jon." ela disse.

Sim, e apenas por segurança, Jon pediu para entregá-lo a Ramsey e depois a mim. Quando terminou, inclinou a cabeça e gritou como se dissesse: "Basta!" Então voou em direção à porta fechada e desapareceu por ela.

"Acho que isso significa que ele não quer ter nada a ver com nossos jogos humanos tolos." eu disse.

"Isso é bom, ou precisamos contar também toda a nossa vida?" Eco sentou-se no chão e nos juntamos a ela.

"Eu não tenho irmãos ou irmãs." Jon deixou escapar, olhando para nós três. "Meus pais são magos comuns que possuem uma pousada em Pyr, e eu sempre fui médio também. Até que eu vim aqui. Na verdade, eu sou bom nessas coisas da morte."

"E osteomancia." eu disse com um sorriso. "E tudo relacionado a Seph."

Ele corou e desviou o olhar, sua dor dolorosamente clara.

Eco encolheu os ombros. – "Cinco irmãos. Eles me ensinaram a lutar e a nunca demonstrar medo. Acho que foi isso que chamou a atenção de Craig, que eu não era apenas uma garota comum."

"Foi." disse Ramsey suavemente.

Eco respirou estremecendo e assentiu.

"Sinto falta dos meus amigos." admitiu Ramsey. "Muito. Também sinto falta da minha família. Escrevo para eles todos os dias para fazer o check-in, e isso me mata quando escrevo a parte em que ainda não encontrei o Cajado de Sullivan."

Minha garganta puxou com a tortura em sua voz, com a expressão crua em seu rosto enquanto ele mostrava sua alma. Isso era demais para uma pessoa lidar, sozinho, sem amigos próximos e uma família para salvar. Estendi a mão e peguei sua mão, e ele a apertou com força, seu foco no centro do nosso círculo.

"Vou fazer Ryze pagar por machucar a todos nós." jurei. "Vou parar ele e todos que o ajudarem, não importa o que eu tenha que fazer, e não vou desistir até que ele esteja morto, mesmo que isso me mate. Isso é uma promessa."

Eco sorriu para mim do outro lado do círculo. "Nós sabemos. É por isso que estamos aqui."

"Isso é parte do motivo de eu estar aqui." Ramsey olhou para mim então, um pouco da dor em seus olhos desapareceu e os cantos de seus lábios relaxaram. "Eu acho que você sabe o outro motivo de eu estar aqui."

Meu coração palpitava, e a ferocidade de sua batida roubou minha respiração. Meu estômago deu uma volta estranha e girou, e de alguma forma isso me fez pensar que eu poderia voar. Eu sabia. Deuses, eu não entendi, ele ou algo sobre esse sentimento, mas eu sabia o outro motivo pelo qual ele estava aqui. Fui eu. Eu e todos os meus defeitos e erros, e ele ainda estava aqui.

"Precisamos sair de novo ou...?" Eco perguntou rispidamente, mas havia uma nota provocadora por trás disso.

"Não." eu disse. "Estamos satisfeitos em ser quem dizemos que somos?"

Jon assentiu. "Vamos fazer isso."

Eco estendeu a mão. "Dawn? Sua adaga?"

Eu o peguei na minha bota e estendi para ela, punho primeiro. Ela pegou e cortou cada uma das palmas das mãos sem pausa. Todos nós fizemos o mesmo com um pouco mais de assobios e vacilações.

"Dê as mãos." ela instruiu. Depois disso, ela disse: "Repita comigo: *vinculo sanguine."*

"*Vinculo sanguíneo*." cantamos.

"*Die hac et in aeternum*."

"*Die hac et in aeternum*."

"Nos simul ad contam seorsum."

"Nos simul ad contam seorsum."

Uma onda de energia pulsante vermelha escura disparou de Echo e circulou em torno de nossas mãos entrelaçadas. Ele seguiu nossas veias e as fez brilhar, e eu podia sentir três assinaturas poderosas e distintas se juntando ao meu sangue. Eu podia sentir o cheiro deles, o que era estranho. A chuva perfumava uma, e eu respirei profundamente para absorver todo o caminho em minha alma. O outro cheirava a terra e flores frescas, e o terceiro era de hortelã-pimenta, mas com uma sensação revigorante ligada a ele, como depois de correr forte ou esticar os músculos doloridos.

"Mantenha os olhos fechados e memorize as assinaturas um do outro. Você as sente?" Eco perguntou.

"Sim." eu respirei. "Qual meu cheiro?"

"Pão." disseram imediatamente.

Eu bufei. Eu deveria saber. Eu tinha comido tanto ao longo da minha vida que provavelmente poderia suar pães inteiros. Deuses, você pode imaginar?

Ramsey curou os cortes de Echo e Jon, e quando ele pegou minhas mãos nas dele, uma faísca poderosa passou entre nós enquanto ele dizia o feitiço de cura. Eu podia sentir mais dele agora, como as diferentes partes de sua assinatura mágica compunham o todo. Ele se acendeu profundamente dentro dele como um segredo bem guardado, um que eu agora conhecia. Ele sorriu e mostrou aquelas covinhas, uma labareda de calor em seus olhos.

"Uh, pergunta." Jon se moveu ao meu lado. "Quem fez xixi?"

Demorou um momento embaraçosamente longo para desviar minha atenção de Ramsey e descobrir do que Jon estava falando. "Oh." Eu bati minha mão na minha boca para não fazer barulho.

'Quieto' estava jorrando por baixo da porta fechada, uma visão assustadora, já que não fazia barulho. Braços se contraíram flutuando em nossa direção ao longo da superfície com esforço para entrar. Como eles poderiam flutuar assim? A água não era tão profunda assim. Ainda.

Nós quatro nos separamos e pulamos sobre as mesas. Essa sala de aula tinha apenas uma porta e, a três metros de distância, nunca conseguiríamos. Não podíamos correr. Não podíamos gritar por ajuda. Não podíamos escapar, e a sala estava se enchendo de forma estranhamente rápida. A água já subia para o meio das pernas das mesas, surgindo para encher cada esquina com corredeiras ensurdecedoras, furiosas e *silenciosas*.

Ramsey acenou com os braços para nós e depois apontou para cima. No teto, havia um pequeno buraco na pedra. Um buraco de assassinato, talvez, às vezes encontrado em castelos e usado para derramar água fervente ou óleo sobre os agressores. Que tipo de sala de aula era essa e aonde iria dar? Nós poderíamos escapar através dela, desde que não escorregássemos e caíssemos em 'Quieto'.

Eco deu um pulo correndo para a mesa de Ramsey. Fui a seguinte, depois Jon, cujos pés atingiram a borda. Ele balançou para trás e agitou os braços, e nós três disparamos para a frente para arrastá-lo de volta à segurança. Ele caiu contra nós com alívio, e quando ele inclinou a cabeça, vi algo por cima do ombro que arrancou o ar dos meus pulmões.

Pilhas e pilhas de gaiolas no canto da sala. Muitos tinham criaturas deformadas por dentro, uma com cinco braços que pareciam tentáculos enrolados nas barras da gaiola. E entre as criaturas havia um gambá de três olhos. Seu olhar negro estava frio e vazio, e sua gaiola flutuara além da mesa do professor. Pilhas de pergaminho deslizaram para longe enquanto a lagoa continuava engolindo a sala. A gaiola se aproximou tão silenciosa quanto a água, e roçou nos braços que se mexiam. Eles o ignoraram, porém, como se pudessem sentir que estava morto.

Olhei para trás e encontrei as pernas de Jon penduradas no buraco. Ramsey e Echo já estavam lá em cima e se esforçando para puxá-lo para cima. A água furiosa lambia as pernas da mesa em que eu estava. Logo estaria flutuando à deriva na lagoa. Eu olhei para a jaula de gambá novamente. Se eu ia fazer isso, eu precisava fazê-lo agora.

Ajoelhei-me de quatro, tentando não emitir um único som. Agarrando a borda da mesa, eu me inclinei, ainda mais longe. Ainda assim fora de alcance.

Algo mudou ao meu lado, e eu percebi tarde demais que era a mão do meu morto caindo do meu bolso. Peguei-o no ar, mas perdi o controle sobre a mesa escorregadia. Eu estava caindo. Caindo na lagoa. Bati meus olhos fechados e depois parei, meu nariz quase roçando um braço estendido, minha orelha quase roçando outro alcançando as profundidades crescentes da água. Minhas botas patinavam ao longo da borda da mesa, meu corpo angulado diretamente sobre a água. Minha capa se curvou para fora por trás e pude sentir a fúria de alguém cavando em meu crânio. Ele deve ter pulado para me salvar.

Na minha periferia, a gaiola flutuava mais perto. Pisquei meu braço e o peguei.

O estalo de meus dedos na gaiola de metal causou uma onda de movimento silencioso, direto em minha direção. Mãos agarraram, me puxando do aperto de Ramsey. Meu rosto submergiu na água e um grito de surpresa borbulhou da minha boca. Abri os olhos e desejei que não tivesse.

Centenas de rostos retorcidos de pesadelo olhavam de volta com olhos brancos onde suas bocas deveriam estar. Uma boca com duas fileiras de dentes ficou mais aberta onde seus olhos deveriam estar. Seus cabelos dançavam assustadoramente ao redor de seus corpos emaciados.

Eles me puxaram mais fundo, arranhando meus cabelos e arranhando minhas bochechas, rasgando a frente da minha capa. Ramsey puxou com mais força a parte de trás da minha capa, minha única esperança de sair daqui viva. Pânico invadiu minhas veias. E se ele não pudesse? O que eu estava pensando? Foi estúpido arriscar minha vida para tentar descobrir quem pegou Leo enquanto colecionava os ingredientes para o feitiço de granada de memória. A vingança me levou por tanto tempo, agora fazia parte dos meus instintos e não tinha nada a ver com o pensamento racional.

Meus pulmões começaram a queimar. Eu precisava respirar. Lutei contra as mãos e com duas filas de dentes o melhor que pude com um braço, mas eles apertaram com tanta força que meus ossos se uniram. Com o outro braço, agarrei a gaiola do gambá ainda flutuando na superfície. Eu não poderia deixar ir. Não *poderia*.

Sombras invadiram minha mente, do tipo que eu não concebi. O tipo que veio com a morte. Meus pulmões me imploraram para abrir a boca para

respirar. A necessidade queimou através deles, quente e desesperada. Eu estava perdendo, contra 'Quieto', contra Ryze, contra o assassino de meu irmão.

Soltei a gaiola porque, droga, eu precisava. Com minha última vontade e força, bati o calcanhar da palma da mão no pulso que me agarrou com mais força, um movimento defensivo que aprendi no EPI.

Isso me libertou. Ramsey me arrastou para trás o suficiente para respirar, e me puxou para a mesa e em seus braços. Não ousei tossir ou engasgar ou fazer barulho enquanto os braços se espalhavam pela borda da mesa, procurando os dedos.

Ramsey se afastou de mim, sua raiva crepitando ao seu redor como um raio. Ele se inclinou e juntou as mãos por um passo, e usando a cabeça para se equilibrar e os braços de Jon e Echo pendurados no buraco do crime, eu me levantei.

Quando eu caí no chão em uma bola encharcada, Eco ecoou em mim, seus olhos azuis ferozmente brilhantes.

"Você é louca?" Eco sibilou. "Por que você fez isso? *Eu* poderia ter conseguido por você."

Limpei a água dos meus olhos, ofegando, tossindo, enquanto um calafrio profundo descia pelas minhas costas com a proximidade da morte. Eu estava viva, graças a Ramsey, que estava se levantando sem esforço, seu olhar fixo em mim.

"Eu só estava..."

"Você estava sendo estúpida, Dawn", ele rugiu. "Por que você arriscaria sua vida por um gambá morto?"

"Sinto muito." eu murmurei e tossi um pouco mais. "Eu preciso disso para que o feitiço da granada de memória para esclarecer a noite em que Leo morreu, então eu finalmente saberia..."

"*Saber não vale a pena morrer, Dawn*!" ele gritou.

"Eu sei." eu sussurrei. Sua raiva comigo fez ferveu o sangue em minhas veias, o vínculo de sangue reforçando o que eu já sabia, e isso me fez sentir enjoada de culpa.

Ele se aproximou de mim e se agachou, murmurando o feitiço de cura para as marcas de mordida e hematomas de 'Quieta' na minha pele. "Se coletar os ingredientes não a matar, o feitiço e a poção o farão. É perigoso, e você *não* vai fazer isso." Ele olhou para mim por um longo momento, seus olhos tão assombrados, que doeu olhar para trás. "Você me ouve?"

"Eu ouvi você. Sinto muito por deixá-lo bravo."

"Eu não estou bravo. Estou furioso. Acabei de recuperar você..." Ele desviou o olhar e passou os dedos pelos cabelos.

Suas palavras perfuraram meu peito, me quebraram e me selaram com calor. Ele já havia perdido muito, e colocar outro fardo nele era egoísta. Ele se importava, muito mais do que eu merecia, mas ele fez. E eu também.

Estendi a mão, a água dos meus dedos pingando alto no chão, agora que estava a um andar de 'Quieto', e virei a cabeça para encarar a minha. "Sinto muito. Eu não deveria ter feito isso, mas estou tão feliz que você estava lá." Eu alisei minhas mãos em sua mandíbula, na esperança de limpar a raiva que a tornava tão imperdoável quanto o aço. "Obrigada por me tirar de lá."

Ele respirou fundo, pegou uma das minhas mãos e pressionou-a contra os lábios quando seus olhos se fecharam. Por um momento, ele segurou lá, suas respirações irregulares roçando minha pele. Seus lábios eram macios, e eu lembrei exatamente qual o gosto deles, mesmo depois de três meses no esquecimento do mago. Eu não tinha tanta certeza de que iria esquecer. Então, ele soltou minha mão, levantou-se e saiu da sala de aula sem dizer uma palavra.

Eu olhei para ele, minha mão formigando, meu coração pulando atrás dele.

"Deveria ter me explicado." Echo murmurou, e depois o seguiu.

Eu me levantei com um longo suspiro e peguei Jon franzindo a testa para mim ao lado do buraco do assassinato no chão. "Sim, sim, eu fiz uma coisa idiota."

"Que coincidência." Por trás das costas, ele tirou a gaiola do gambá de três olhos pendurada em um gancho preso a uma vara comprida. "Eu também." Ele piscou e sorriu.

Bem, isso resolveu tudo. Seph poderia ter seus bebês se ela quisesse, e eu ficaria completamente bem com isso.

Seis

Todos os professores pareciam saber sobre a velha nua rastejando, mas eles mantiveram a boca fechada assim que alguém perguntava sobre ela. O que significava que eles obviamente estavam escondendo alguma coisa.

"Ela é inofensiva se você não chegar muito perto." disse o professor Lipskin na Botânica dos mortos-vivos no dia seguinte. "Temos sob controle."

"Igual a "Quieto'?" Eco perguntou.

O resto dos olhos da turma virou suas cabeças para ver a resposta do professor. Eu sorri deixando que a Echo mostrasse sua falta de medo fazendo as perguntas difíceis.

O professor careca olhou furioso. "Você acha que pode fazer melhor?"

"Absolutamente não." disse ela.

Apreciei sua honestidade. Ao que parecia, o professor Lipskin deixou de lado isso antes de lançar tudo o que odiava na primavera:

"Insetos." disse ele, contando com os dedos, "brisa suave, sol, estação de acasalamento e febre da primavera em estudantes que não estão prestando atenção." Ele bateu a mão na mesa.

Todo mundo pulou, incluindo o cara da primeira fila adormecendo. Todos menos Jon, que estava muito ocupado fazendo anotações.

Mais tarde naquele dia depois do jantar, atravessei a entrada com uma pilha de livros nos braços para devolvê-los à biblioteca. Eu tinha três cílios do gambá morto de três olhos em um frasco de vidro no bolso, apenas esperando pelos dois últimos ingredientes da granada de memória. O sangue seria fácil; a flor do lírio era o problema, daí todos os livros. Fiquei meio tentada a pedir ao professor Lipskin dicas e truques sobre como colecionar suas pétalas sem ser comida, mas ele poderia saber o que eu estava fazendo e tentar me convencer a não fazer isso.

Meus pais saíram da sala de reuniões, me viram e se apressaram.

"Sério, Dawn?" Franzindo a testa, mamãe passou os dedos pelos meus cabelos cobertos de carvão. "Por quê? Precisei de três tentativas para lavar tudo enquanto você estava no esquecimento do mago."

"Eu gosto mais assim." Eu não consegui dizer a ela que o verdadeiro motivo era que o cabelo loiro não se misturava bem com as sombras enquanto caminhava pelas sombras. "Por aqui de qualquer maneira."

Meu cabelo não era a única coisa que tinha ficado mais escura. Minha magia agora era de uma cor cinza escuro, e eu sabia exatamente o que havia causado a mudança de cinza mais claro - um feitiço de necromancia bem-sucedido. Se eu continuasse fazendo magia negra, a minha ficaria ainda mais escura. Isso não era necessariamente uma coisa ruim... era?

"Nós queríamos vir encontrar você para dizer que estamos saindo." disse papai.

Meus ombros caíram e meu coração despencou. "O que?"

"Não para sempre." Ele apertou meu braço. "Apenas por alguns dias. O trabalho de um curandeiro nunca acaba, especialmente em Maraday, e sua mãe pode fazer uma pausa neste lugar. "

Mamãe esfregou as têmporas e fechou os olhos. – "Os ângulos, Dawn. Não vejo muita coisa dentro desta escola sem janelas, mas vejo os ângulos e eles estão *errados*. "

"Mas eu gostei de ter você aqui." eu disse, minha voz soando tão pequena.

"Vamos voltar, amor." Papai me envolveu em um abraço, seus encantos de cura se juntando em uma música familiar da qual eu nunca me cansaria. – "Ainda temos que verificar você e sua amiga Sepharalotta. Trarei minha bateria de bongô da próxima vez."

"Não, ele não vai." Mamãe entrou para tomar o lugar de papai em meus braços, e eu respirei profundamente seu doce aroma.

"Eu te amo." eu engasguei.

"Nós amamos você também." Mamãe se afastou, limpando a umidade em suas bochechas.

"Nós te amamos tanto, deixamos algumas moedas em sua mesa para comida." disse papai. "E se um olhar pudesse matar, eu estaria morto por aquele gato de um olho só lá. Ela é de Sepharalotta?"

"Sim. Ela é uma charmosa bola de assassinato, e eu a amo." Eu tentei sorrir. "Obrigada pelas moedas, pai."

"A qualquer momento. Envie um corvo se precisar de nós, e voltaremos antes que você perceba."

Eu os observei indo para a porta, já sentindo a falta deles, e sentindo mais falta deles quando continuavam olhando para mim. Eu não podia culpá-los por partirem, no entanto. Esta academia e toda a sua loucura definitivamente não eram para todos.

Uma assinatura mágica que cheirava a chuva carregou meu sangue e passou por mim em um abraço reconfortante, e eu virei minha cabeça para ver Ramsey do outro lado da entrada. O vínculo de sangue parecia ter feito sua assinatura a mais forte para mim, ou talvez eu estivesse mais consciente disso, já que sempre o queria por perto. Ele se aproximou de mim, seu olhar nas costas dos meus pais quando eles passaram pela porta.

"Eles estão partindo?" ele perguntou.

Eu assenti. "Você está falando comigo agora?" Essas foram as primeiras palavras que ele me disse desde que escapamos de 'Quieto'. Ele não sabia dos cílios no meu bolso e, felizmente, os títulos dos livros que eu carregava eram geralmente relacionados à Botânica. O que ele não sabia não o machucaria.

"Acho que sim." ele suspirou.

Eu chequei a mão do morto no meu bolso. Aberta. Esta ficou assim mais frequentemente do que não. "Você está falando comigo o suficiente para ajudá-lo a procurar nas catacumbas por seu cajado?"

"As catacumbas, hein?" Ramsey encostou-se na parede da entrada, olhando em direção aos meus cabelos cobertos de carvão. "Definitivamente, não seremos capazes de explorar em um dia."

"Vamos fazer o que pudermos, então."

"Eco me deu a mão de um morto." Os olhos dele brilharam, revelando sua excitação. "Estou morrendo de vontade de usá-la."

Eu sabia que ele não seria capaz de dizer não. Esgueirar-se por toda a escola era uma coisa dele.

"Me dê quatro minutos?" ele perguntou.

"Por que quatro?"

Ele apontou para os livros em minhas mãos, sua sobrancelha levemente levantada arqueando mais alto. "E para fazer isso." Ele empurrou a parede, roçou minhas pontas dos dedos com as dele e se inclinou para varrer seus lábios sobre os meus. Macio e rápido, mas poderoso o suficiente para roubar minha respiração e lavar meu corpo inteiro com calor. Quando ele se afastou um pouco, ele sorriu e tocou sua testa na minha. "Eu estava esperando para fazer isso quando você se sentisse melhor."

"Você não tem medo que eu te mate?" Eu desviei meu olhar para seus lábios, meu coração explodindo em sua direção. Levou toda a minha força de vontade para controlá-lo de volta, para não desejar que ele fizesse isso de novo. E de novo.

"Hoje não." Ele sorriu, revelando suas covinhas, e pegou minha pilha de livros antes de correr para o corredor da sala de aula. "Encontre-me na sala de reuniões em cinco."

"Você disse quatro." eu o chamei.

Ele parou, virou-se de costas para a porta e piscou. "Passe esse minuto extra desejando me beijar novamente."

Filho da puta. Como ele pôde me ler tão bem?

Mordi meu sorriso, mas meu rosto sempre me denunciava. Ele assentiu e riu quando desapareceu pelas portas. Suspirando, segui minha mão pelas paredes de pedra para tentar esfriar minha pele. Ele invadiu meus pensamentos ultimamente com o som de sua voz profunda e cristalizada, o calor de sua risada, a força de sua mão na minha. Eu não sabia como aconteceu, mas aconteceu. Deveria ter sido impossível deixar de odiar tanto alguém que eu queria matar para... isso. Às vezes eu me pego sorrindo nos momentos mais estranhos e contando os minutos até o ver novamente, mesmo que ele estivesse com raiva de mim. Era ele. Era tudo dele e como ele fazia tudo sem esforço - até me apaixonar por ele depois de tentar matá-lo. Meu coração partido me levou em sua direção, e agora eu não conseguia ficar longe. De alguma forma, ele me moldou para longe da raiva e da tristeza e em direção a algo completamente diferente. Em vez de escuridão, ele me encheu de esperança de que, apesar de tudo, ainda venceríamos.

Virei a esquina para a Sala de Reuniões e quase esbarrei de cabeça na professora Margo Woolery.

"Oh!" ela gritou e apertou o pescoço. Suas ondas castanhas brilhavam à luz baixa das tochas. Pequenos botões marrons decoravam a gola do vestido cor de tijolo. Ela estava linda como sempre, uma combinação perfeita para Leo, pelo menos a meu ver. Por que eles terminaram, e por que ele nunca me contou sobre ela?

"Desculpe." eu disse. "Eu estava sonhando acordada."

"Você está se sentindo bem? Você parece corada."

Maldito Ramsey e seus lábios. "Tudo bem. Muito melhor."

Na verdade, ela parecia corada também, e sua respiração era alta e irregular. Ela lançou o olhar por cima do ombro, olhando no chão como se tivesse deixado cair alguma coisa, e manteve a mão no peito como se estivesse tentando manter o coração dentro.

"Bom, bom. Eu não posso te dizer o quão aliviada isso me deixa." Ela passou por mim e quase trombou Ramsey, que apareceu na porta. "Oh! Lembre-me de colocar sinos em todos vocês." Ela passou por ele rapidamente.

Mesmo que ela não pudesse me ver, apontei para o meu pendurado no meu pescoço, mas é claro que não era isso que ela queria dizer. Franzindo a testa, olhei para a sala de reuniões vazia e me perguntei o que ela estava procurando. Ela parecia assustada, distraída.

Atrás de mim, Ramsey pigarreou, sua assinatura mágica com cheiro de chuva me deixando à vontade. "Sentiu minha falta?"

"Ela pareceu bem para você?"

Ele empurrou o batente da porta, fechou as portas e caminhou mais perto, seus passos confiantes e silenciosos. "Vou aceitar isso como um sim. Sim, você sentiu minha falta."

"Mas ela parece?"

"Estamos na Academia Necromante." disse ele com um suspiro. "Alguém está realmente bem aqui?"

"Claro que não."

Ele apontou para baixo. "A porta para as catacumbas está bem debaixo de nossos pés."

"Ninguém se importa se formos para lá?"

"Não se eles não souberem." ele disse, rindo.

"Você gosta da emoção de fazer algo que não deveria mais do que qualquer pessoa que eu já conheci."

"Errado. Gosto da emoção de fazer algo que não devo fazer com *você*."

O jeito que ele disse isso, com aquele brilho nos olhos, zumbiu meu sangue mais rápido.

“Você está com sorte, então. Eu sou definitivamente um tipo de garota de catacumbas."

"Eh..." Ele se ajoelhou para sentir ao longo do chão de pedra. "Você pode mudar de ideia sobre essas catacumbas."

"Por que isso?"

Parte da pedra cedeu ligeiramente sob a pressão de sua mão. Ele agarrou uma alça invisível e retirou a pedra como se fosse feita de pergaminho. Revelou um buraco quadrado que caiu no nada. Um estouro de ar frio e poeira flutuou.

Ele esfregou as mãos, o rosto sombrio. "Estas são catacumbas necromantes. São... diferentes, para dizer o mínimo."

"Sim, por que não estou surpresa?" Eu olhei para o buraco, inquieta, agitando meu estômago.

Ainda ajoelhado, ele estendeu as mãos, olhando para as portas da sala de reunião. "Você primeiro. O fundo está um pouco abaixo. Vou fechar depois de nós."

Agachei-me e virei minhas pernas, depois com a ajuda dele, me abaixei. Meus pés tocaram o chão irregular e tentei manter o equilíbrio enquanto colocava minha luz cinza escura na palma da mão. Eu me encolhi

com o que me encontrei de pé - uma *enorme* pilha de ossos. Eu não deveria ter ficado surpresa, mas ainda assim. Afastei-me do caminho de Ramsey quando ele caiu ao meu lado e rolou o chão de pedra sobre nossas cabeças.

"Como você sabia que a porta estava lá, se você não pode vê-la?" Eu perguntei.

"Eu sabia que estava lá."

"Mas... como? Estava em um dos seus mapas?"

"Você quer muito? então encontrará um caminho nesta escola." Ele olhou a montanha íngreme para a escuridão abaixo e suspirou. "Vamos lá. O caminho não é fácil."

Ele estava certo. Deslizei e tropecei a maior parte do caminho, e quando a montanha ficou muito íngreme para conseguir qualquer tipo de tração, eu corri o resto do caminho quase sem fôlego, enquanto eu aspirava ar coberto de poeira o suficiente para nós dois. Ele limpou meus pulmões enquanto olhava em volta. Ficamos em uma grande área cavernosa. O teto alto curvava-se em uma cúpula branca e esculpida nas paredes brancas como osso, quase na metade do caminho havia janelas circulares quase como órbitas oculares. Abaixo disso, havia o que restava de um nariz, e abaixo disso, cerca de três metros acima de nós, se estendia um sorriso largo e cheio de dentes.

"Estamos dentro de um crânio enorme, não estamos?" Eu sussurrei.

"Sim. Túneis artificiais, feitos de outros ossos, serpenteiam por quilômetros." disse ele, estudando-me cuidadosamente.

"Para baixo e para fora... É de alguém... É um esqueleto de verdade?"

"Pode ser apenas a forma como as catacumbas foram construídas, mas há rumores de que o esqueleto de um gigante foi banido para Eerie Island há muito, muito tempo atrás por praticar necromancia. Nem sempre foi aceito tão bem como é agora."

Eu zombei. "Eu dificilmente diria que isso é bem aceito. Você acha? Você já esteve na cidade aqui? Eles olham para você lá como se você estivesse andando com tripas ensanguentadas em você."

Ele riu, o som ecoando estranhamente. “Eu nunca pensei em mim assim, mas tudo bem. Entendo seu argumento, porém, com exceção de Ryze, não somos todos ruins. Alguns vêem o nosso valor, até mesmo as pessoas da cidade, quando devolvemos as colheitas após uma seca, ou se você for realmente talentoso, depois de trazer de volta a única vaca leiteira quando era a única fonte de dinheiro. Só porque usamos magia negra não significa que somos maus."

"Eu vejo isso agora. Antes, eu não tinha idéia do que esperar, mas agora acho que percebo por que Leo queria ensinar aqui. Como você, ele viu o bem."

"Como você também." ele disse, sorrindo. "Há uma razão para sua magia ser cinza e não negra. Você ainda a usa sempre."

Eu olhei para a magia dançando na minha palma e engoli. Trazer Ryze com sucesso a havia escurecido consideravelmente, e caminhar pelas sombras aqui embaixo faria ainda mais. Eu teria que equilibrar, manter cinza usando feitiços de cura e outras magias brancas. Como Morrissey me forçou a fazer para manter minha magia cinza para trazer de volta Ryze.

Começamos a caminhar para a esquerda por um arco feito de caveiras, nossos passos esmagando os ossos do solo. Enormes vermes verdes deslizavam para dentro e para fora das mandíbulas escancaradas e das órbitas oculares, o mesmo tipo que se ligara ao meu tornozelo na enfermaria na noite em que Ryze voltou.

Eu parei e apontei. "Cuidado para não pisar neles."

"Eu lembro." Ele cruzou na direção deles lentamente, o braço levantado. "*Habitus*."

O ar crepitava esbranquiçado ao redor deles, e eles diminuíram a velocidade.

Eu olhei para ele. "Eu os teria petrificado até eles explodirem."

"Foi por isso que os cheguei primeiro." Ele riu quando passamos em segurança por baixo da arcada, e os vermes ficaram parados. "Existem cerca de sessenta milhões de corpos enterrados aqui."

Meu queixo caiu. "Sessenta milhões?"

"Você tem que lembrar que a academia está aqui há muito tempo, Eerie Island ainda mais, mas muitas pessoas queriam ser enterradas aqui por um motivo."

"Para ser trazido de volta." Eu balancei minha cabeça, incapaz de compreender tantos corpos. "Alguém já fez isso antes?"

"Alguém como Ryze, você quer dizer? Bem, eu não conheci o cara como você, mas imagino que ele tenha um pouco de ego. Só porque ele pode, não significa que ele queira. Ele dividiu sua alma em seis e ele tive ajuda com isso, não era a variedade de reviver."

"Não, suponho que não. Mas poderia ter sido. Ele é um necromante talentoso."

"Mesmo se ele os trouxesse de volta, o que ele faria com eles? Estamos em uma ilha. O que ele vai fazer? Colocar sessenta milhões de corpos em um barco e levá-los para sua fortaleza em Keptra?"

"Suponho que não, mas ele não precisaria de sessenta milhões, precisaria? Apenas alguns para cumprir suas ordens e gradualmente criar um exército de mortos." Era o que eu faria, se fosse ele de qualquer maneira. Ele teria que fazer algo diferente para garantir que não tivesse que espalhar sua alma por seis pedras novamente. Ele não era estúpido. Eu daria isso a ele. Tínhamos que garantir que ele voltasse para cá, de alguma forma. Talvez enganá-lo, e eu o encontraria na porta, mais forte do que era antes quando nos enfrentamos na enfermaria. E mais mortal.

À nossa frente, um caminho marcado através dos ossos do chão, como se algo tivesse sido arrastado. Um caixão, talvez, como aquele em que Ryze havia sido enterrado.

"Deve ser um local popular para coletar itens e elaborar um plano, porque veja," eu disse, apontando, "algo foi arrastado por esse mesmo túnel."

"Morrissey?"

Eu assenti.

"Ela teria uma coleção de dentes para amontoar aqui embaixo."

"Eu acho que ela só gosta de dentes na boca das pessoas porque elas sussurraram para ela." Uma onda de raiva azedou minha língua quando eu cutuquei o buraco onde estava meu dente. "Dessa forma, ela pode substituí-los com o que quiser."

"Apenas um covarde correria como ela." Ele olhou para mim, sua expressão um trovão raivoso. "Ela tem medo de você."

Chutei a poeira dos ossos, enviando uma nuvem branca sobre minha bota e engoli a amargura de sua traição. "Boa."

Abrimos caminho por mais túneis, o chão gradualmente afundando mais profundamente no esqueleto do gigante. Cortadas em algumas paredes brancas como ossos havia grandes quadrados com alças de osso ornamentadas. Se eu puxasse um, tinha certeza de que um cadáver estaria dentro. Não me incomodou estar cercada por tanta morte. Se alguma coisa, eu achei fascinante.

"Então as sombras realmente começam aqui, uma concentração de resíduo de magia negra tão espessa que nem a mágica mais branca iluminará o espaço." Ramsey estremeceu com força: "Lembra-se do cemitério com gaiolas? As gaiolas continham as sombras rolando daqueles túmulos, mas nós as sentíamos, aquela sensação fria e terrível. Você sente isso agora, certo?"

Eu balancei a cabeça, mesmo que não fizesse. A escuridão sufocou a área à frente, mas não parecia horrível. A escuridão me acolheu, me envolveu em um abraço agradavelmente frio, e eu ainda nem tinha começado a caminhar pelas sombras.

"O cajado de Sullivan está escondido nessas sombras, aposto. É aí que você entra para me ensinar suas habilidades úteis. Definitivamente pretendido."

Eu bufei.

Ele avançou e agarrou minha mão. "Então me ensine." Ele passou o polegar sobre as juntas dos meus dedos, disparando uma emoção pelo meu braço inteiro.

Eu sorri "Você pegou a mão errada."

"Eu gosto mais desta..." Ele passou o polegar sobre o meu pulso, onde certamente podia sentir meu pulso frenético. "Então eu vou pegar as duas." Sua magia esbranquiçada na palma da mão piscou, quase nos engolindo em completa escuridão, já que minha magia cinza escura não iluminava o caminho. Tecido suspirou quando ele enfiou a mão livre no bolso. "O que agora?"

"A mão do seu morto está aberta?"

"Sim."

Eu mantive meus olhos fechados com a sensação de sua respiração passando pelos meus lábios, com a sensação de seus dedos fortes acariciando os meus. Sua proximidade e toque simples afastaram o frio aqui embaixo, mesmo perto das sombras espessas. Eu desejava o conforto deles e o dele, presa entre a escuridão e a luz dele. Verdadeiramente cinza.

Cheguei mais perto dele e passei meu rosto em seu queixo, viciada naquele poderoso tremor toda vez que nos tocávamos. "Sua intenção tem que ser tão escura quanto a minha para que você possa caminhar pelas sombras."

Ele deu uma risada trêmula. "Eu não quero matar o cajado de Sullivan."

"Então pense no que isso pode fazer." Eu pressionei um beijo leve em cada canto da boca, meu coração se regozijando um pouco mais com cada um. "Ou o que você poderia fazer se tivesse."

"Não sei exatamente o que faz." Sua respiração ficou irregular quando eu beijei sua mandíbula. "Foi roubado do meu avô quando ele era estudante aqui. Eu nem sei como é. Um cajado. É tudo o que sei."

"Eu não tenho tanta certeza de que isso vá funcionar, então." eu disse, deslizando meus lábios sobre sua pele quente. "A intenção por trás da caminhada pelas sombras deve ser sombria e específica."

"Bem, eu tenho uma intenção muito específica agora. Isso deve contar para alguma coisa." Ele soltou minha mão para segurar minha bochecha e inclinar minha cabeça para um beijo profundo e sensual. Ele zumbiu por todo o meu corpo e acelerou meu pulso em uma batida selvagem.

Coloquei minha magia na palma da mão para que eu pudesse envolver meus braços em torno de seus ombros e puxá-lo para mais perto. Nós nos encaixamos tão bem que eu nunca quis sair desse lugar.

"Não era assim que eu esperava que fosse andar nas sombras." ele disse entre beijos.

"Os benefícios de me ter como professora."

"Se for esse o caso, vou precisar de muito mais ajuda." Ele me beijou com mais força, e eu tive que me lembrar de respirar.

"É isso que as pessoas normais fazem, certo? Beijar nas catacumbas com sessenta milhões de pessoas mortas?"

"Você veio à Academia Necromante para me matar. Normal não tem mais significado. Além disso, eu gosto muito mais dessa versão diferente de como você está me matando agora."

"Eu sou?" Suspirei quando ele passou a língua pelo meu lábio inferior.

Ele assentiu. "Vale a pena."

Passei meus lábios pelos dele mais uma vez. Então, novamente, para dar sorte e acendi minha luz de volta na palma da mão. "Enquanto você segura a mão do seu morto, diga '*umbra deambulatio*'."

Com uma expressão atordoada e um sorriso bobo, ele se afastou e enfiou a mão no bolso. " *Umbra deambulatio.* "

Nada aconteceu. Ele era o mesmo Ramsey quente e sólido como sempre.

Suspirando, ele colocou sua magia de volta na palma da mão também, a cor esbranquiçada destacando o aperto em sua mandíbula. "Bem, valeu a pena tentar."

"Eu vou encontrar." Coloquei minha mão no bolso e agarrei a mão aberta do assassino que me levaria às sombras.

"Mas a intenção..."

"*Umbra deambulatio.*" Eu me afastei em uma sombra, nada além de uma mancha preta no chão de osso branco. Atrás de mim, as sombras rastejantes se aproximavam como se quisessem me atrair para elas, despertando minha consciência com seus sorrisos sombrios, mas eu as ignorei. Eu me concentrei apenas no homem na minha frente, subindo na frente dele e provocando meus dedos da sombra em seus braços.

Ele estremeceu quando olhou para a minha sombra, de pé à minha altura total na frente dele. "Eu vejo você. Sua forma. Sinto como você está com fria."

Havia uma ponta em sua voz. Eu poderia dizer que ele não gostava disso e preferia não flertar com essas sombras escuras, mas essa era a única maneira de encontrar o cajado e salvar sua família.

Passei por ele, depois me virei e esperei que ele me seguisse.

Relutantemente, ele fez. "Isso é perigoso. Prefiro fazer isso sozinho, para que você não precise fazer isso. Andar pelas sombras é muito escuro, e eles podem decidir não deixá-la sair novamente."

Era perigoso, mas era bom, como se juntar a amigos depois de um longo tempo de distância. Foi um alívio ter a mão de um morto no meu bolso mais uma vez.

Eu me virei e me afundei mais nas sombras em direção a uma parede óssea com orifícios quadrados grandes o suficiente para um caixão caber através dela. Túmulos vazios, imaginei, mas onde estavam os corpos agora?

Ramsey mal fez barulho atrás de mim quando se aproximou com sua magia piscando na palma da mão. Eu não precisava da luz dele. Sombras escorriam pelos ossos outrora brancos e misturavam sua extrema escuridão com a minha. Qualquer outra coisa que estivesse escondida dentro, como uma equipe, se destacaria. Se estivesse escondido dentro de um desses milhões de túmulos, no entanto -

Minha sombra congelou, parando meu avanço rastejante pelo chão. Através do buraco na parede, algo passou com um movimento de uma capa preta. Nós não estávamos sozinhos aqui embaixo.

Sete

Rapidamente, me refiz, e as sombras me puxaram com força pelos ombros e cabelos para me puxar de volta. Afastei-me delas e desviei o olhar para os outros buracos nas paredes e depois para Ramsey. Ele olhou com os olhos arregalados.

Coloquei o dedo nos lábios e ouvi. O sino em volta do meu pescoço, que indicava que alguém estava revivendo por perto, permaneceu quieto. Essa pessoa estava viva.

"Alguém está aqui." falei para Ramsey e apontei para o fim do muro. Eles teriam que aparecer lá, a menos que se dobrassem para trás ou que o túnel se abrisse em outro lugar.

Ramsey segurou a luz na frente dele enquanto olhava para o fim do muro com intensa determinação.

"Tem alguém aí?" ele chamou, e sua voz ecoou de volta para nós.

O suor escorregou minhas palmas, e meu estômago apertou. Considero brevemente dissolver-me em uma sombra novamente para me aproximar da pessoa e segui-la para ver o que ela estava fazendo, mas isso significaria deixar Ramsey sozinho. Não que ele não pudesse se cuidar, mas ainda assim. Além disso, talvez essa pessoa estivesse apenas saindo... sem luz e aparentemente sozinha nas catacumbas. Sem mencionar quem quer que fosse ainda não respondeu a Ramsey.

Ramsey e eu demos um único passo um em direção ao outro, quietos quanto pudemos, depois outro, nossos olhares presos no final do muro. Eles estavam prestes a saltar para um ataque surpresa? Eu tinha minha adaga na bota e feitiços latinos enferrujados na cabeça. O que poderia dar errado?

Nós esperamos.

A parede não estava tão longe, talvez seis metros além de onde eu havia visto a pessoa, mas não fazia ideia de onde o caminho atrás levava. Peguei a capa de Ramsey e puxei. Poderíamos deixar este local, ir para outro lugar.

Alguém saiu de trás do muro com as mãos levantadas acima da cabeça encapuzada.

"*Occidere*" gritou com uma voz que não era masculina nem feminina.

Chamas verdes dispararam através de veias negras contorcidas que irromperam de suas mãos e se lançaram em nossa direção.

Nos esquivamos em direções opostas.

"*Reducere.*" Ramsey gritou.

"*Obrigesunt.*" gritei ao mesmo tempo, e uma bola cinza escura riscou da minha palma.

A figura se escondeu atrás do muro novamente.

Ramsey agarrou meu pulso e partimos por outro túnel atrás de nós e mais fundo nas catacumbas. Nós não paramos, nós dois arriscamos olhar por cima dos ombros, e mesmo quando parecia que não estávamos sendo seguidos, ainda não paramos. Dor disparou no meu lado. Minhas respirações pesadas queimavam em meus pulmões. À medida que

percorremos cada vez mais túneis, eu não aguentava mais e desabei contra uma parede.

Ramsey pôs as mãos nos joelhos e curvou-se, ofegando. "'*Occidere*' significa matar. Quem quer que fosse estava tentando nos matar."

"Eu adivinhei." eu disse ofegando.

"Por que? Porque estamos aqui embaixo? Ninguém nunca tentou me matar aqui antes."

"Talvez seja porque eu possa andar na sombra. Talvez eles não queiram que você encontre o cajado de Sullivan." eu disse, mantendo a voz baixa. "Você tem certeza que não sabe o que faz?"

"É a fonte da magia da minha família. No começo, os Sullivans eram apenas humanos, não magos, sem mágica própria. O cajado foi dado ao meu tataravô por resgatar a filha de um guerreiro. Uma maldição, realmente, porque os humanos são muito frágeis para ter magia e depois perdê-la... Isso os drena lentamente. O cajado tem uma tonelada de propriedades mágicas que eu não conheço. Sem ela, ficamos mais fracos. Sem ele..."- ele se encostou na parede e enterrou a cabeça nas mãos" os Sullivans sofrerão uma morte dolorosa."

Meu peito doía por ele. Eu sabia o que a ausência da equipe estava fazendo com a família dele. Eu tinha visto as duas irmãs pequenas doentes na bola de cristal que ele me deu. A responsabilidade de tentar salvá-los estava esmagando-o.

"Meus pais me deram sua magia - tudo o que podiam de qualquer maneira - antes de me enviar aqui." Com um suspiro pesado, ele ficou em pé

novamente e olhou para mim, sua mandíbula apertada, determinação atingindo seus olhos de tempestade. "Mesmo que isso me mate, eu tenho que tentar, o que significa que você não pode mais me ajudar."

"Então, como você vai encontrá-lo?" Eu perguntei gentilmente.

"Vou continuar praticando a caminhada nas sombras."

Praticar não lhe faria nenhum bem. Se alguém estivesse tentando impedi-lo de conseguir o cajado, eu não o deixaria vir aqui sozinho. Eu o seguiria. Ou melhor ainda, desçeria aqui como uma sombra e encontraria eu mesma.

Aparentemente com grande esforço, ele se empurrou para fora da parede. "Vamos lá..."

Minha campainha começou a tocar. Eu congelei, um tremor duro varrendo minha espinha.

Ramsey parou ao meu lado e enrijeceu a mandíbula enquanto procurava nosso entorno. "Não é tão surpreendente."

Ele estava certo. É claro que havia revividos vagando por aqui, mas isso não significava que eu tinha que gostar. Ou que eu tinha me preparado para isso. Fechei os olhos brevemente e enrijeci a coluna enquanto a campainha continuava a tocar.

"Vamos continuar." ele sussurrou. "Podemos voltar e sair daqui."

À medida que avançamos, as paredes do túnel se estreitaram consideravelmente, forçando-nos a deslizar de lado às vezes. Eu odiava, me sentir fechada assim. Parecia que eu estava sendo enterrada viva.

Minha campainha continuou tocando. Meu coração bateu em minhas costelas quando me apertei na próxima curva e na seguinte, esperando que alguma coisa me atacasse de frente.

"Talvez você devesse ter ido primeiro?" Eu murmurei. Meus olhos pareciam estar engolindo minha cabeça, eles estavam tão arregalados, tentando absorver o máximo possível da minha luz negra para que eu pudesse ver a minha frente.

"Discordo." Suas respirações rasparam perto do meu ouvido.

"Por quê?"

"Eu posso ouvir algo em movimento. Acho que o que está fazendo sua campainha tocar está logo atrás de nós."

Alarmes soaram dentro da minha cabeça. Eu pensei e apertei mais a mão dele e o arrastei ainda mais rápido.

"Você conhece o feitiço?" Eu chiei. "O feitiço que os mata de novo?"

"Nunca tive a chance de experimentar ainda, mas estou prestes a descobrir." ele sussurrou, "Porque está ganhando força conosco."

Oh deuses. As paredes ósseas pressionavam ainda mais, tornando o progresso ainda mais lento. Tivemos que basicamente parar de respirar. Não podíamos voltar do jeito que viemos, e daí se ficássemos presos? Os únicos por perto para nos ouvir gritar estavam mortos. Ou não mortos, o que era ainda pior.

O aperto de Ramsey na minha mão soltou e ele gritou.

Virei minha cabeça de volta para ele, a parede óssea na minha frente tão perto que raspou meu nariz. "O que é isso?"

"Estou preso." O pânico iluminou suas feições enquanto ele se contorcia e tentava libertar os ombros largos entre as duas paredes, lançando olhares para trás.

"Não." Eu me recusei a acreditar. Eu puxei seu braço, mas ele não estava se mexendo. À frente, as paredes se curvavam novamente, possivelmente em uma fenda mais apertada. E atrás, por cima da campainha, algo arranhava as paredes, como osso sobre osso. Chegando mais perto.

"*Revertere ad mortem*." gritou Ramsey, mas não aconteceu nada. A campainha e o som de arranhões continuaram.

Do meu ângulo limitado, eu não conseguia ver nada, então me joguei para trás em direção a ele, me soltei das garras de Ramsey e enfiei minha mão no pequeno espaço entre o pescoço e a mandíbula. "*Revertere ad mortem*."

Nada. Os arranhões se aproximaram mais. Pode até não ser um morto vivo. Poderia ser quem estivesse aqui embaixo conosco, pronto com outro feitiço de morte. E Ramsey não seria capaz de se esquivar.

"Tele Transporte daqui." eu sussurrei.

Ele virou a cabeça para me encarar como se eu fosse louco. "Não sem você."

“Eu não estou presa. Eu posso sair. Apenas vá.” - eu assobiei.

Ele apertou os lábios, os ombros arfando. "Bem. Eu estarei dentro do crânio esperando por você. Fazer *não* volte para ver quem está atrás de nós. Vá em frente, encontre um novo túnel e *não* se perca. Ele estendeu a mão e me arrastou para a frente para um beijo áspero e breve. "*Evanescet*."

Ele desapareceu.

Eu olhei para onde ele estava, meus lábios ainda formigando. Sobre os sons da campainha e o arranhar, veio um novo ruído, uma batida estranha vindo do outro lado do túnel. Alguém - alguma *coisa* - mais estava chegando. E eu estava preso no meio.

Meu cotovelo bateu com força entre as duas paredes quando enfiei a mão no bolso e peguei a mão do morto. "*Umbra deambulatio*."

Eu me afastei em uma sombra e voltei para o lado que viemos. Talvez eu pudesse rastejar direto por quem quer que estivesse aqui comigo. Eu deslizei pelo chão, os barulhos vindos de ambas as direções ficando mais altos.

Então eu vi o que estava vindo direto para mim. Nada além de ossos com uma caveira que balançava na espinha em um ângulo errado. Ele me encarou com um olhar vazio que ia além de suas órbitas oculares que me abalou até minha alma. Não havia muito espaço para deslizar, mas eu daria o meu melhor. Assim que deslizei por baixo da cabeça oscilante, ela se curvou e me agarrou. Agarrou a *sombra de* mim. Exceto que não era possível. Você não pode pegar uma sombra.

Meu pânico aumentou, eu me afastei, derramando para trás ao longo do túnel como tinta derramada. Apenas o suficiente para me ganhar algum tempo, então eu me transformei no verdadeiro eu. Ou tentei. As sombras puxaram e se recusam a me deixar sair de suas garras.

Atrás de mim, as batidas eram mais altas e rápidas. Na minha frente, o esqueleto reanimado pulou novamente. Eu gemi com o esforço de me libertar, mas as sombras não se mexiam.

"*Revertere ad mortem.*" gritei. Não era esse o feitiço que Ramsey havia dito? Não fez nada.

O esqueleto continuava vindo. O mesmo aconteceu atrás de mim. As sombras ainda me dominavam, e eu não conseguia nem soltar uma mão para fazer um feitiço de petrificação. Estava quase em cima de mim. Pelo som disso, a coisa estava atrás de mim.

Cerrando os dentes, lutei e puxei. Eu me recuperei alguns centímetros e bati loucamente entre as duas paredes com força contundente.

As orbitas vazios do esqueleto trancaram nos meus olhos. Estendeu a mão para a minha cabeça.

Finalmente, me libertei. Sem pensar duas vezes, peguei a adaga da minha bota e empurrei para cima. A lâmina perfurou inofensivamente entre duas costelas. Quando meu punho bateu nas costelas um segundo depois, a coisa quebrou e se dissolveu em fragmentos de ossos.

Por trás, algo deslizou no meu cabelo, apertou dolorosamente e jogou minha cabeça contra a parede.

Gritei e tropecei para frente. Ainda vendo estrelas, derramei velocidade e ousei olhar de volta. Outro morto vivo me perseguiu, este com carne podre e pegajosa esticada entre a mandíbula e as maçãs do rosto. Isso me mataria, a dor horrível na minha cabeça prova disso.

"*Obrigesun.t*" gritei, mirando atrás de mim. Mas minha magia cinza ricocheteou na parede. Eu não conseguia parar para mirar. Estava vindo rápido demais.

Eu entrei na pequena caverna onde Ramsey e eu descobrimos que não estávamos sozinhos aqui embaixo. Eu estava quase no crânio onde Ramsey estaria esperando.

Fora das sombras, a figura encapuzada apareceu na minha frente.

Desespero me torceu. Eu diminuí a velocidade enquanto tudo dentro de mim gritava. O morto atrás de mim acelerou o ritmo, ganhando terreno rápido. Morte na minha frente e morte atrás de mim.

"*Occidere.*" a figura encoberta assobiou e jogou esferas verdes de veias negras de suas mãos na minha cabeça.

No último segundo, me joguei no chão. A esfera voou acima, bateu no morto, e os ossos explodiram por toda parte.

"*Reducere.*" Ramsey gritou ao mesmo tempo de algum lugar invisível.

A figura encapuzada se dissolveu em uma névoa negra e rodopiante e atrás de onde estava Ramsey. Mais pálido do que eu já o vi, ele avançou, pegou meus pulsos e me levantou.

Mantendo seu aperto em mim forte, corremos para cima para o crânio e a saída. "Já teve o suficiente das catacumbas por um dia?"

Engoli meu alívio. "Sim. Isso foi o bastante.”

Oito

A professora margo woolery olhou para todos nós nas aulas de Morte e revivificação, enquanto ela fazia uma pausa dramática no final de um conto de advertência sombrio e prolongado. "Então é por isso que você não deve nunca, *nunca* misturar necromancia com beber hidromel."

"Por causa do álcool?" um calouro na frente perguntou.

A professora estalou a língua e fechou os olhos brevemente, pois o argumento da última hora deve ter se perdido. "Não, Ferris. Por causa do mel no hidromel. Ele funciona bem com feitiços de magia branca, mas não com necromancia, devido às suas qualidades pegajosas, especialmente no hidromel, como acabei de explicar. Feitiços de necromancia podem grudar na sua língua depois de beber hidromel e fazer você repetir quando você abre a boca, como o que aconteceu com o Sr. Wallace Tister, sobre quem *acabei de* lhe falar. Você estava dormindo com os olhos abertos novamente, Ferris?"

Ele coçou a pena na têmpora e encolheu os ombros.

"Ensaios de quatro páginas sobre outros alimentos e bebidas que devem ser evitados durante a realização da necromancia prevista para amanhã, todos. Quero um trabalho completo e atencioso desta vez." Ela bateu na mesa na frente de Echo e deu-lhe um olhar significativo. "Não como da última vez."

Eu podia sentir a carranca de Echo sem sequer olhar para ela, como se ela estivesse tentando abrir o sorriso amigável do professor Woolery. Não deu certo.

Enquanto o resto da turma reunia suas coisas e se levantava, ela apontou seu sorriso para mim. "Dawn, eu poderia falar com você por um momento?"

Eu reprimi um gemido e lutei para manter meu rosto sem expressão enquanto meu interior se enrolava e morria. Não, eu não queria falar sobre Leo ou os trabalhos escolares que eu sabia que estava por trás ou qualquer número de meus traumas ou erros passados. Eu me levantei do meu lugar, no entanto, e atravessei o corredor central em direção a ela, enquanto Jon e Echo escutavam no corredor atrás de mim.

A professora baixou a cabeça para me olhar com olhos gentis, seu sorriso inabalável. "Como você está?"

"Melhor que o Sr. Wallace Tister?"

Ela riu, um som tão agradável. Eu gostaria de tê-la conhecido enquanto ela e Leo estavam juntos. Eu sempre me perguntei como seria ter uma irmã mais velha e costumava contar isso a Leo, principalmente quando eu era pequena e principalmente quando ele fazia alguma coisa só porque era um cara. Como cortar lenha. Eu sempre quis ajudar, mas ninguém confiava em mim com um machado, aparentemente.

Eu queria que você fosse minha irmã, eu disse a ele mais de uma vez quando eu tinha seis ou sete anos.

Bem, eu queria que você cheirasse como se tomasse banho de vez em quando. Ele me deu um tapinha no ombro por trás, e quando eu me virei e

não vi ninguém lá, ele dançou ao meu redor rindo. *Acho que nenhum de nós conseguirá nossos desejos*.

Tomei um banho, hum... Bem, ele me levou lá desde que eu não me lembrava exatamente quando. *Você não gostaria que eu fosse seu irmão?*

Não, biscoito. Então você não seria você. Ele sorriu então, e eu parei de mexer depois disso.

Eu era eu agora, aqui nesta academia, em vez da Academia de Magia Branca e aprendendo sobre os perigos de misturar necromancia com hidromel?

"Dawn?"

Eu pisquei e encontrei a professora Woolery olhando para mim com as sobrancelhas levantadas, como se ela estivesse esperando por uma resposta. "Desculpe o que?"

"Existe algo que eu possa fazer? Alguma pergunta que eu possa responder sobre suas tarefas que faltam?"

Tudo dentro de mim cedeu. "Não. Eu já entendi tudo."

"É bom ouvir isso." disse ela. "Estou ansiosa para ler seus trabalhos, então."

Eu balancei a cabeça, olhando para baixo, e algo flutuou da mão do professor. Rapidamente, antes que eu pudesse ver o que estava no chão, ela moveu o sapato marrom com fivela para cobri-lo. Voltei meu olhar para o dela novamente, mas ela não agiu como se algo estivesse errado. O que é que foi isso? E por que ela tinha escondido?

Ela apontou atrás de mim em direção à porta da sala de aula. "Se você o tem sob controle, é melhor chegar à sua próxima aula."

"Tudo bem. Até logo, professora." Eu me virei, a parte de trás do meu pescoço formigando.

Ela estava me observando. Eu pude sentir isso. Como é que alguém pode ser tão constantemente linda e feliz depois de tudo o que aconteceu? Por que ela tinha que ser feliz? O fato de Ryze estar de volta? Ela estava envolvida de alguma forma? Isso era um feitiço da morte escondido debaixo do sapato que ela deixara cair no chão em vez de no meu bolso?

Jon e Echo pareciam sentinelas no corredor central, e ambos devem ter lido algo do meu rosto. Eco lançou um olhar para a professora, e Jon estendeu as costas, pelo que eu não sabia. Peguei meu pergaminho e arrisquei outro olhar para a professora por trás dos meus cílios. Ela não se mexeu, seu sorriso gentil esculpido em seu rosto. Ela estava escondendo algo por trás disso também. Talvez ela fosse a caminhante das sombras, ou talvez neste momento, a Skinwalker fosse ela.

Nós três saímos dali rápido. No corredor, a uma distância segura, murmurei: "O que realmente sabemos sobre ela?"

"Ela adora atribuir trabalhos de pesquisa?" Jon ofereceu.

"Expectativas ridiculamente altas?" Eco disse ao mesmo tempo.

"Quando eu estava conversando com ela, algo caiu da mão dela, e ela escondeu. Eu não sei dizer o que era. Talvez um amuleto da morte. Verifique seus bolsos." Enquanto eles faziam a deles, agarrei a mão aberta do morto na minha. Eu poderia voltar lá como uma sombra e descobrir tudo o que ela estava escondendo. Ela nem saberia que eu estava lá.

"Sem encantos." disse Echo.

Jon deu de ombros. "Eu estou bem."

"Ok... ouça." Olhei por cima do ombro e pulei para fora da minha pele.

Ela estava nos seguindo, ainda sorrindo enquanto cumprimentava os alunos que passavam por ela. Mas então houve uma pausa na multidão, e seu sorriso desapareceu quando ela olhou para a frente novamente. Bem para mim.

Eu me virei e acelerei meus passos. "Não olhe, mas ela está bem atrás de nós."

"Ela não vai tentar nada em um corredor lotado." disse Echo.

"Acidentes acontecem." eu disse, pensando em Vickie. O assassinato dela não foi acidental.

"Então vamos para a próxima aula." Jon deu de ombros: "Finja que nada está errado."

Eco lançou um olhar para ele. "Que prático da sua parte."

"Obrigado. É o que eu faria de qualquer maneira." disse ele, fazendo pouco do sarcasmo dela, ou optando por ignorá-lo.

A simbologia estava no primeiro andar. Quando descemos os degraus, olhei novamente por cima do ombro - e quase congelei. Ela estava quase chegando, tão perto que minha capa ondulante quase tocou a dela. A mão dela também estava no bolso. O que ela tinha lá? O globo ocular de um gêmeo para caminhar pela pele? Uma faca? Ela estava sorrindo novamente para os alunos que passavam enquanto eles corriam para a aula, e ela olhou para mim. Eu imediatamente olhei para frente novamente e nos guiei rapidamente para a esquerda, fora de seu caminho.

Corremos em direção à simbologia, minhas costas formigando com a proximidade dela. Ela estava logo atrás de nós, apesar de haver um corredor

inteiro para entrar. Mergulhávamos dentro da sala de aula, e eu me virei, esperando que ela entrasse atrás de nós. Mas a porta bateu na minha cara.

"Bem?" uma voz rangeu à minha direita. Era o professor Turtle - tecnicamente o professor Pain - com os ombros curvados como se do peso de uma concha. Ele era tão velho que eu esperava que ele exalasse poeira. "Sente-se. Eu literalmente não tenho o dia todo."

Olhei novamente para a porta na frente do meu nariz, percorrendo uma lista de desculpas para voltar lá e seguir o professor Woolery.

"Você acha que pode sair daqui, tente." ele murmurou enquanto começava a longa distância até a frente da sala em direção a sua mesa. "De fato, sua tarefa hoje é encontrar um contra-símbolo para o que fecha e tranca a porta durante a hora e meia que tenho para a aula. Dica profissional - você a encontrará no teto."

A classe - todos nós quinze - inclinamos a cabeça para trás um pouco mais. O teto erguia-se acima de nós, com cerca de dez metros de altura, e estava coberto de pedras quadradas gravadas com símbolos diferentes. Centenas deles.

O professor Turtle gargalhou, tendo apenas dado dois passos mais perto de sua mesa. "Boa sorte."

***

Nenhuma surpresa por não termos encontrado o símbolo. Mas nós saímos de lá com pressa no final da aula. A professora Woolery se foi há muito tempo, é claro, e não a vimos pelo resto da manhã ou da tarde.

No caminho para o EPI - que agora era realizado do lado de fora do ginásio - algo mais curioso aconteceu. Estávamos no corredor quando

Ramsey chamou minha atenção do outro lado. Ele usava seu sorriso torto e ondulado, o que significava que ele não era bom. Com a mão na maçaneta de uma sala de aula, ele sacudiu a cabeça para eu segui-lo para dentro.

Só que eu não senti sua assinatura mágica através do nosso vínculo de sangue.

"Ei, eu vou conversar com vocês dois lá fora." eu disse, incapaz de desviar o olhar de Ramsey.

Jon e Echo assentiram, mal parando a discussão séria sobre se um animal de gorlab deveria ter asas ou não. Nota lateral, eles não, e eu devo ter perdido a parte em que eles decidiram que ambos deveriam ter uma palavra a dizer na biologia da fera. Independentemente disso, era incrivelmente estranho deles.

Eles seguiram em frente enquanto eu subia pela sala onde Ramsey havia desaparecido. Ainda não havia indício de sua assinatura mágica. Tinha que ser o Skinwalker, mas ele não precisava saber que eu sabia disso.

Do lado de fora da porta fechada, me inclinei para recuperar minha adaga da bota, mantendo-a escondida debaixo da manga. O pensamento de vingança queimou meus nervos e fez meu corpo tremer. Com meu coração batendo no fundo da minha garganta, girei a maçaneta. A porta se abriu silenciosamente em uma sala iluminada por tochas cheia de mesas e cadeiras. Vazio, exceto por Ramsey. Ele estava no corredor do meio com as costas viradas, de frente para a parede oposta. Como Seph costumava fazer no ginásio... quando ela não era Seph.

"Ei, você precisava de algo?" Minha voz soou calma e medida. Uma pequena vitória realmente desde que a necessidade de atacar o assassino do meu irmão queimava em meus músculos e ossos e isso enchia minha boca de cinzas. Segurei minha adaga com mais força e fechei a porta atrás de mim, deixando meu rosto em branco antes de me virar. O verdadeiro Ramsey não teria dificuldade em lê-lo de qualquer maneira.

"Venha aqui." disse o skinwalker e soou *apenas* como ele. "Eu quero te mostrar algo."

Uma faca tão afiada quanto a minha, talvez? A mesma faca que matou Leo?

Queimei meu olhar através de sua capa preta enquanto me aproximava enquanto o fundo da minha mente zumbia. Eu tinha a vantagem aqui. Não essa coisa. Hora de descobrir quem realmente era o Skinwalker.

Meus lábios se abriram em um sorriso maníaco, e eu levantei meu braço. "*Obrig...*"

A porta se abriu atrás de mim e um casal preso pelos lábios entrou tropeçando.

Eu chicoteei minha cabeça na direção deles de volta para o esfolador. Se foi. Desapareceu.

"NÃO!" Eu gritei. Lágrimas frustradas queimaram meus olhos quando eu girei no casal. "Caiam. Fora!"

Eles se soltaram um do outro e saíram correndo pela porta, e eu desmoronei no chão em uma massa fervente e retorcida de raiva.

***

Mais tarde naquele dia em botânica, alguns de nós quase morreram. Novamente. Se era porque éramos calouros ou por causa do efeito de Ryze na magia desde seu retorno, eu não sabia.

"*Adhuc plantabis vixeritis.*" todos os calouros disseram às videiras mortas enroladas em suas mesas.

Folhas verdes cintilantes e frutas vermelhas saem de Jon. O meu ficou morto. Echo e o resto da turma, no entanto... Bem, suas videiras ganharam vida, tudo bem. Depois de se desenrolarem lentamente, suas videiras mortas agiram como cobras. Eles atacaram o pescoço, deram a volta e apertaram.

"Echo!" Eu gritei quando a videira a puxou para fora da cadeira. Ela e meus outros colegas de classe também, exceto Jon e eu.

Tudo aconteceu tão rápido. Suas pernas chutaram ferozmente enquanto arranhavam as trepadeiras que os estrangulavam, seus rostos começando a ficar vermelhos. Subiram e subiram enquanto as outras extremidades de suas videiras giravam em torno das vigas cruzadas no teto.

O professor Lipskin ficou de pé, estendeu as mãos e gritou: "*Plantabis illos in.*"

As videiras os soltaram e caíram rapidamente.

"*Tarda*!"

Afundaram-se lentamente em seus assentos. Eco esfregou o pescoço e acenou para nós que ela estava bem. As trepadeiras mortas se erguiam no mesmo ritmo zombeteiro. A minha estava como uma pilha na minha frente, mas era melhor do que ser enforcada. Além disso, era difícil se preocupar com quase tudo, desde que eu tinha perdido minha chance de atacar o Skinwalker.

Jon começou a juntar a sua no colo como se fosse escondê-la, mas eu atirei no meu braço e o parei.

"Mostre o incrível." eu sussurrei. "Se alguém merece é você."

Ele sorriu e deixou sua videira em cima da mesa.

"Bem." O professor soltou um suspiro que elevou seu único tufo de cabelos brancos. "Isso não deveria acontecer."

A turma riu nervosamente e olhou as videiras balançando sobre nossas cabeças.

"Suficiente!" Ele bateu com o punho na mesa. "Eu odeio coisas que divertem vocês. Esse som que acabaram de fazer é como um demônio gritando em meus ouvidos, e eu odeio demônios."

A sala imediatamente ficou em silêncio, exceto pelos arranhões da pena de Jon em seu pergaminho.

Ele levantou a mão e, sem parar de tomar notas ou olhar para cima, soltou: "Professor, há algo que você goste?"

A pergunta de Jon parecia tão inocente, mas eu detectei suas farpas que poderiam sondar por baixo da pele do professor. Como o professor Wadluck e a professora Woolery, o professor Lipskin também estava guardando segredos?

Com a cabeça inclinada, ele olhou para Jon com um olho. "Algo que eu *gosto*?"

"Só estou imaginando quando chegaremos a essa parte do curso e se esses itens estarão no exame de final de ano." Jon mergulhou a pena no tinteiro, ainda olhando com expectativa para o professor. "Qualquer coisa?

Quero dizer, você deve gostar de algo diferente de Botânica dos Mortos-Vivos. Certo?"

"Terror."

"Hum..." Jon deu de ombros e anotou.

"Desespero." Ele olhou fixamente para Jon, e a veia roxa em sua testa latejou. "Essas são as coisas que eu gosto. Do tipo que leva você a algo tão fora da caixa do que é considerado normal, que você nunca, nunca voltará a ser quem você era."

Parecia que ele iria me *amar*, então.

"O tipo de terror e desespero que Ryze deve ter sentido antes de se separar das seis pedras de Amaria."

A sala ficou em silêncio. Eu me contorci no meu lugar, meu estômago revirando. Não era assim que eu suspeitava que seu processo de pensamento fosse.

"Ele tinha pavor do povo de Amaria porque sabia que seu reinado estava chegando ao fim. Ele nunca teria admitido, mas estava. Por que mais faria algo tão desesperado a ponto de dividir sua alma para poder voltar?" Eventualmente? isso é o que eu gosto. Para as pessoas que realmente merecem sentir terror e desespero. É isso que ele vai se sentir novamente. Nós *temos* que ter certeza, então a vida, retornará ao normal para todos nós." Sua voz tremia de emoção quando ele olhou para a classe, as mãos em punhos ao lado do corpo. "E nós vamos acabar com ele para sempre desta vez."

"Quando?" Eu exigi, minha voz dura.

A turma toda se virou para mim, seus olhares como agulhas, mas eu os ignorei. Minha atenção permaneceu concentrada no professor.

"É preciso de muita gente corajosa." disse ele. "Ryze terá que ser morto para que sua alma passe pela porta do espírito, e as pedras e seu corpo precisarão ser destruídos para que sua alma e corpo nunca possam mesclar novamente."

Jon se inclinou para a frente e curvou-se sobre a mesa, com um tom verde no rosto. O ônix não poderia ser destruído se Seph ainda o segurasse e não o soltasse. Se alguém tentasse, poderia machucar Seph ou a si próprio. Eu podia ouvir todo o seu processo de pensamento, porque eu tinha o mesmo uma e outra vez.

"Respire." eu murmurei e apertei seu ombro.

Ele assentiu e respirou fundo.

"Mas há outras pedras." disse um sujeito na fila de trás. "Mesmo que as seis pedras sejam destruídas, ele poderia usar outras seis, certo?"

“Tecnicamente sim.” disse o professor, assentindo. “E também não precisa ser uma pedra valiosa. Você pode dividir as seis partes de uma alma em qualquer coisa. Mas, como ele já fez isso antes, isso muda as coisas. Book of Black Shadows, um livro de feitiços repleto da magia mais negra e sórdida, explica que dividir uma alma muda as pedras, ou o que quer que seja usado para contê-la. Eles quase ganham vida própria enquanto uma parte da alma fica presa dentro dela. Alguns dizem que o ônix sussurrou para eles, os fez ... fazer coisas."

Um murmúrio baixo rolou pela sala de aula. Fechei os olhos com força, não querendo reviver essa parte quando ela ainda me assombrava dia e noite.

"Como Sepharalotta?" uma garota logo atrás de mim perguntou. "É por isso que ela..."

Coloquei-me de pé, as costas dos joelhos batendo na minha cadeira e fazendo-a arrastar pelo chão de pedra.

"Como isso mudou as pedras?" Era isso que eu queria perguntar, mas não podia ter certeza de que tinha, já que meu corpo inteiro tremeu e meu sangue rugia entre os ouvidos.

Mais uma vez, todos olharam. Alguns até recuaram e se encolheram. Eu tinha gritado a pergunta? Ou meu rosto estava revelando exatamente como me sentia - cru, danificada e louca pela necessidade de vingança? Possivelmente tudo isso.

Nos dois lados de mim, Jon e Echo puxaram minhas mãos, e eu pisquei para Jon.

"Respire." ele murmurou.

Eu respirei fundo e sentei, agradecida por não estar sozinha nisso. Porque eu estava quando cheguei aqui e tinha sido Seph quem me mostrou que eu não precisava estar.

O professor lançou seu olhar duro para mim, um lampejo de entendimento em suas profundezas. "A alma de Ryze já está amarrada às pedras. Se Ryze decidir dividir sua alma novamente, será muito, muito mais difícil resistir a essas amarras e direcionar as seis partes para outros seis objetos. O feitiço já está enraizado o suficiente."

"Mas se você destruir a pedra, não destruiria a corda?" Eco perguntou.

"Sim." ele disse.

"Destruir as pedras garantirá que ele não tenha para onde ir, exceto para a porta dos espíritos." eu disse. "Quando ele morrer, de qualquer maneira."

Professor Lipskin assentiu. "Esse é o jeito, sim."

Jon agarrou a borda da mesa, os nós dos dedos ficando brancos. "E se o ônix estiver nas mãos da princesa mais bonita que existe? Como você destrói *essa* pedra sem machucá-la?"

A dor em sua voz ameaçava me despedaçar, pedaço por pedaço lento e torturante.

"Eu não sei." O professor inclinou a cabeça e o tufo de cabelos brancos murchou na testa novamente. "Eu realmente não sei."

Nove

Acordei, e meu pescoço rígido imediatamente me fez arrepender. Eu adormeci no chão do meu quarto, com as costas contra o lado da cama e com a cabeça inclinada sobre o Livro das Sombras Negras abertas no meu colo. Eu estava lendo sobre o feitiço de dividir almas, essa grande e poderosa magia negra que derrubou muitos no esquecimento do mago, quando eles tentaram. Além disso, se feito em outra pessoa, também poderia dividir a alma do lançador de feitiços.

O livro também dizia que as seis partes de uma alma eram chamadas de Ipsam, Ka, Ib, Ba, Sheut e Magicae. Ipsam foi a parte que continha o nome, Ka é a essência, Ib é o coração, Ba é a motivação, Sheut é a sombra de uma pessoa e Magicae é a parte que pode sustentar a magia. Eu não sabia qual parte da alma de Ryze o ônix tinha, mas supus que seria o Ib, ou o coração dele, já que era o mais escuro. Dividir uma alma assim era a única maneira de alguém voltar completamente dos mortos, e isso tinha que ser feito antes que a alma passasse pela porta do espírito, geralmente cinco minutos após a morte. A necromancia sem combinar a alma com o corpo resultou em assassinos violentos e irracionais, como o que havia perseguido Ramsey e eu pelas catacumbas. As pedras, ou o que quer que contivesse as partes individuais da alma, tiveram que ser ativadas primeiro por uma alma pura antes de se reunir com o corpo.

Uma alma pura como Seph. Como Leo.

Um som de batida veio do lado de fora da porta. Foi isso que me acordou? Normalmente, quando alguém queria entrar, entrava direto para me assustar ou me ver dormir. Não essa noite.

Tentei me levantar, mas percebi que estava presa a uma massa cinza peluda que dormia ao lado dos meus pés. Uma das garras de assassinas de Nebbles se prendeu na minha meia e cutucou meu dedo mindinho. Meu coração derreteu com a visão. Isso era estranhamente tocante - e tocantemente estranho - que ela queria dormir perto de mim para me esfaquear. Progresso!

Delicadamente, para não acordá-la, soltei-me e fui até a porta. Do outro lado, havia um corvo com um rolo de pergaminho no bico. Depois de recuperá-lo e desenrolá-lo, encontrei duas palavras rabiscadas: Está na hora.

Hum, hora de quê?

Outro corvo atravessou a porta da escada fechada no final do corredor, outro rolo de pergaminho no bico e aterrissou na frente de uma porta perto dos banheiros no final. Depois de um momento batendo, Echo respondeu com os olhos semicerrados, as linhas do sono cruzando seu rosto e seus cabelos loiros uma bagunça. Nosso laço de sangue perfumava o ar com sua assinatura mágica com cheiro de menta.

Depois de ler o pergaminho, ela olhou para cima. "Hora do quê?"

"Nenhuma idéia." Oh, Eu sabia.

Eco deve ter percebido ao mesmo tempo porque seus olhos se arregalaram. "A flor do lírio." dissemos ao mesmo tempo.

Cinco minutos depois, vestidas com nossas botas e mantos, caminhamos juntas pelo corredor.

"É depois da hora escura." Echo sussurrou, alisando os cabelos. "Você pode caminhar pelas sombras. Eu vou..."

"Não sem você." eu disse, meu tom deixando zero espaço para discussão.

Ela sorriu quando abriu a porta do corredor e espiou. "Você acha que Jon já está lá fora?"

"Vamos nessa direção e veremos. Podemos sair pela cozinha."

"Parece que você fez o sua parte em se esgueirar."

"Apenas para seguir Ramsey." eu disse, dando de ombros.

Ela se virou e sorriu. "Vocês dois se esgueiram por aí."

Meu corpo inteiro corou com a insinuação. "Como você saberia o que fazemos?"

"Porque eu sei." Ela abriu mais a porta quando uma expressão triste e distante curvou sua boca, e então ela desapareceu.

Porque ela também teve uma conexão mútua e a perdeu. Meu coração foi para ela.

Nós descemos as escadas na ponta dos pés, meus sentidos formigando. No final da escada, nos agachamos e espiamos pela entrada. Apenas algumas tochas de parede piscaram, suas sombras rastejando formas monstruosas pelo chão de pedra.

"Temos que atravessar a sala de reunião e subir ao palco."eu sussurrei.

"Se virmos alguém, vire uma sombra e continue sem mim, ok? Confio que você pode colher uma flor sozinha, até mesmo um lírio."

"Duvido que seja tão simples assim. Nunca é."

Ela assentiu e eu abri o caminho através das sombras rodopiantes e pulsantes entre nós e a grande porta em arco. Um deles poderia ser um caminhante das sombras desde que eu desmaiei a mão de um morto livre, mas minha coluna não estava tremendo com a força dos olhos de outra pessoa em mim.

Eu abri a porta da sala de reunião e, uma vez que tive certeza de que não havia ninguém escondido, passamos. A área do palco, o corredor e a cozinha também estavam vazios, exceto pelas mesas polvilhadas de farinha com massa crescente sobre elas que me fizeram salivar incontrolavelmente.

Quando saímos para a noite, carregada de raios elétricos que atravessavam as copas das árvores, um passo soou do fundo da escuridão à nossa frente. Agarrei o cotovelo de Echo instintivamente, meus dedos escorregadios de suor e parei.

"Jon?" ela sussurrou.

"Não." disse uma voz áspera. Uma sombra alta e magra saiu das sombras, e eu temi que tivéssemos sido pegos.

Minhas mãos tremiam, eu bati minha magia cinza na palma da minha mão. Tempestades gêmeas refletiram de volta, estreitadas em um brilho, cercadas por um rosto intensamente bonito. Um raio brilhou sobre ele, e eu percebi por que não o senti através do nosso vínculo sanguíneo. Era porque tudo cheirava a chuva.

"Deixe-me adivinhar." eu disse. "Você está com ciúmes por não ter recebido um corvo também?"

"Ligação de sangue, lembra?" ele rosnou. "Eu posso dizer onde vocês estão e onde vocês absolutamente não deveriam estar."

Mais passos atravessaram as árvores ao longo da lateral do prédio e, antes que Jon aparecesse, sua assinatura mágica e com cheiro de flor carregava em nossa direção. "Estamos prontos?"

Eco olhou rapidamente entre Ramsey e eu. "Nasci pronta." Ela correu em direção a Jon, murmurou algo que soava como "Eles vão demorar um pouco" e começaram a ir para a floresta.

Ramsey permaneceu como uma parede silenciosa e imóvel entre eu e eles.

Suspirando, eu fui na direção dele e aonde 'Quieto' estava. Ou deveria estar. "Ninguém está mantendo você aqui."

"Errado." disse ele, combinando meu ritmo entre as árvores. "Alguém definitivamente está me mantendo aqui."

"Você não vai me impedir."

"Importaria se eu tentasse?"

"Não."

Ele ficou em silêncio, nossos passos crepitantes sobre as raízes de árvores mortas, o único som, logo seguido pelo som da chuva.

"Então eu acho que estou ajudando você." ele finalmente disse.

"Quanto mais melhor." Minha mão roçou a dele, alisando energia para todas as outras partes de mim.

"Se você quiser segurar minha mão, basta fazê-lo." Apesar de seu tom duro, eu podia sentir seu sorriso.

"Foi um acidente."

"Foi isso?"

Talvez...? Eu gemi entre dentes e peguei sua mão. Sua pele contra a minha fez meu coração bater mais rápido e iluminou meu corpo. Ele riu, o som mexendo ainda mais com minhas bochechas já quentes.

"Você é confuso." eu admiti, um pouco sem fôlego.

"Bem, agora você sabe como me sinto."

"Então você não está bravo por eu estar fazendo a granada de memória está?"

"Eu estou... conformado. Você vai fazer o que quiser de qualquer maneira, não importa o que eu diga."

"Eu tenho que saber quem matou Leo, mas é mais do que isso." eu disse, girando em torno de uma raiz grande. "Eu preciso apagar seu rosto da minha memória para que eu possa..." Eu fechei minha boca, não tendo exatamente certeza o que eu estava tentando dizer.

"Então você pode o que?" ele perguntou suavemente.

Respirei fundo e soltei, considerando. "Então não vai ser tão confuso. Para mim, de qualquer maneira. Para você, provavelmente sempre será estranho estar com alguém que tentou matá-lo."

Ele bufou. "Eu estou lidando bem."

"Mas?"

"Não há um mas."

"Então por que você está confuso?" Eu perguntei parando.

"Eu não estou confuso sobre você. Estou confuso sobre o que está aqui." Ele bateu no peito. "Tudo lá dentro, tudo que eu estou sentindo... É poderoso."

"E isso confunde você?"

"Tipo isso." Ele suspirou quando pegou meus ombros, seu olhar percorrendo meus lábios como se fosse onde ele encontraria o que estava lutando para dizer. "É tão poderoso que parece que estou sentindo sua falta, mesmo quando você está parada na minha frente." Ele sorriu quando encontrou meus olhos. "Confuso, certo?"

"Não." Eu entendi completamente porque me sentia da mesma maneira. Deveria ter sido impossível, mas lá estava, algo inegável que havia nos escavado no coração e na mente um do outro. Parecíamos absorver a dor um do outro enquanto nos enlouquecíamos, em um bom sentido. Para mostrar a ele o quanto eu entendi, levantei-me na ponta dos pés e pressionei meus lábios nos dele, derramando em meu beijo o que eu ainda não conseguia formar em palavras.

Deve ter entendido a mensagem porque minhas costas bateram no tronco de uma árvore. Minha respiração voou para ele, e ele me devolveu com um estrondo baixo no fundo da garganta. Meus nervos pulsavam com a proximidade dele, a todo momento que tocávamos, e especialmente alguns que não tocávamos. Suas mãos deslizaram pelo meu rosto quando ele inclinou minha cabeça para me beijar mais fundo. Sua língua procurou a minha, e de repente eu não precisava de ar ou pernas firmes para me sustentar, porque eu tinha o seu beijo.

"Ramsey. Dawn." Echo sussurrou perto. "Jon diz que precisamos nos mudar. Está na hora."

Ramsey se afastou, e eu não precisava vê-lo para poder dizer que ele estava sorrindo tanto que suas covinhas apareciam. Minhas bochechas doem

porque eu também estava sorrindo, e meu sangue cantou em minhas veias com uma batida viciante.

Ele soltou um suspiro trêmulo. "Você não está feliz por ter me convidado hoje à noite?"

"Eu não fiz." Rindo, peguei a mão dele novamente e começamos a passar pelas placas nos advertindo a voltar.

"Não com palavras, mas seu rosto apareceu quando você saiu."

Balançando a cabeça, bati minha magia de volta na palma da mão para iluminar meu rosto. "O que meu rosto está lhe dizendo agora?"

"Que você não pensa em me matar há dias. Talvez até semanas. Isso é progresso."

"E se eu tivesse?"

"Então eu continuaria incomodando você até que você se apaixonasse por mim."

"Você me incomodou, não foi?" Eu disse.

"Mas você gostou."

"Eu fiz." Apertei sua mão, sorrindo para ele. "Eu gostei você me provou que estava errada sobre você."

Nós compartilhamos um olhar persistente que corou minha pele, e então Jon nos calou. À frente, 'Quieto' estava de volta. Seu feitiço cobriu tudo com silêncio, exceto meu coração batendo. Jon e Echo estavam em ambos os lados da placa da lagoa, com os dedos pressionados nos lábios, como se precisássemos do lembrete. Além, a superfície de 'Quieto' refletia as árvores retorcidas sobre ela em detalhes espelhados, fazendo com que parecessem mandíbulas monstruosas no meio do lago.

A chuva caía muito agora, mas porque estávamos na bolha mágica de 'Quieto' estava em silêncio. Ela encharcou minha capa, e nada disso fez uma única ondulação na superfície de 'Quieto'.

No canto inferior da ponte, o lírio se abriu para beber na chuva, e espinhos cresceram em torno do perímetro de suas pétalas alaranjadas como dentes afiados. Uma pedra afundou no meu estômago e caiu lá com fortes dúvidas. Eu não poderia garantir que fazer isso sem emitir um som e sem perder partes do corpo, mas se eu fizesse...

Eu endireitei meus ombros e firmei meus lábios contra qualquer barulho que pudesse escapar. Eu poderia fazer isso. Eu precisava.

Jon me entregou uma pequena pá de jardinagem, que eu peguei cuidadosamente em minhas mãos molhadas para não deixá-la cair. Então eu dei um passo à frente, sentindo três pares de olhos nas minhas costas. Especialmente de Ramsey, mas seus pedidos silenciosos foram ignorados.

Centímetro por centímetro lentamente me ajoelhei, implorando que meus joelhos não rangessem como às vezes os de mamãe e papai faziam. Então, com a mais superficial das inalações, enfiei o dedo indicador na direção da planta aberta. Cinco centímetros... quatro...com dois, comecei a tremer, mas continuei. Um centímetro. Mais e mais perto ainda.

Ele bateu no meu dedo. Afastei-o e os dentes espinhosos cortaram duas juntas. Eu fechei meus lábios com um suspiro, mas a dor não se registrou até que eu soltei minha mão e vi o dano. A visão fez meu estômago revirar. A pele na parte superior do meu dedo tinha sido arrancada, e os ossos espiaram através da carne danificada. Eu nunca tinha visto meus

próprios ossos antes. E nunca mais queria ver. Poderia ter sido pior, mas era tudo o que eu podia suportar. O lírio estava fechado.

Enfiei meu dedo na haste grossa até a raiz, meus nervos gritando. Depois, com a pá na minha mão, ataquei a terra ao redor da planta. O som foi ensurdecedor no silêncio e 'Quieto' reagiu imediatamente. Antes de libertar a planta, os braços se aproximaram e agarraram meu cabelo, minha capa e me puxaram em direção à lagoa. Mas não larguei o lírio, e três outros pares de braços surgiram por trás e me agarraram. Foi um jogo insano de cabo de guerra, e eu me recusei a perder.

Finalmente, as raízes se soltaram e, sem a ajuda dessa âncora, 'Quieto' quase me arrastou para dentro. Eu agarrei a flor no meu peito, ainda dobrada, e minhas botas deslizaram cada vez mais perto da beira do lago. Chutei uma perna e empunhei a pequena pá como uma arma, lutando contra alguns braços. Mais e mais vieram, porém, suas garras apertando mais. Jon, Echo e Ramsey me puxaram para trás com tanta força que eu caí de bunda. Eles agarraram meus braços agora, puxando enquanto 'Quieto' puxava minhas pernas. Eu temia ser rasgada ao meio.

As minhas botas saltaram, o que me deu uma fração de segundo de liberdade. Era tudo o que eu precisava. Meus amigos me puxaram, e eu me arrastei para trás em segurança. Com o lírio e com a minha vida.

Ramsey me colocou atrás do letreiro da bolha de 'Quieto' e tentou arrancar a flor dos meus punhos. "Deixe-me ver, Dawn." ele sussurrou.

"Eu entendi." eu disse oca, como um lembrete, como uma garantia. "Deixa comigo."

Ramsey finalmente soltou minha mão e, quando viu o estado do meu dedo, fechei os olhos com o olhar horrorizado em seu rosto. "Sete infernos. Vincule-se à saúde, proteja também a mente e a alma, aumente o vigor e a felicidade, faça tudo renovar."

"Não vamos fazer isso nunca..." A palavra se perdeu na minha língua.

Muita adrenalina. Havia muita, e isso estava me fazendo alucinar. Porque por cima do ombro de Ramsey, a velha nua com chifres olhou para trás com olhos vermelhos.

Eu soltei uma única palavra antes que um calafrio me engolisse inteiro: "Corram!"

Dez

Muito devagar, ramsey, Echo e Jon se viraram para olhar a mulher nua - e depois entraram em ação. Ramsey me pegou em seus braços. Jon e Echo saíram correndo.

"O que ela quer com a gente?" Ramsey gritou.

Nossos ossos. Para esmagá-los com a mandíbula imensa. Apenas o pensamento me deixou doente.

Galhos de árvores estalaram nos meus cabelos e meus pés descalços quando Ramsey passou por eles. Mas com o meu peso em seus braços, ele estava ficando para trás de Echo e Jon. Sobre o estrondo de seus passos combinados, a respiração pesada da velha ficou mais alta. Ela estava ganhando em nós.

"Coloque-me no chão." eu sussurrei.

- “De jeito nenhum...” - disse Ramsey. – “Você não tem botas e não pode ir o mais rápido que eu descalça.”

Eu assobiei entre dentes. Droga, ele estava certo.

"Quase na cozinha."

Eco gritou à frente, e meu corpo ficou tenso, concentrando-se em sua forma no escuro. Ela agarrou o braço de Jon atrás dela e desviou para a esquerda. "Não dessa maneira!"

Um par de olhos vermelhos espiou entre os galhos mortos à nossa frente. Como a mulher chegou lá tão rápido? E por que ela não estava atacando? Ela parecia estar se afastando de algo, ou em direção a algo.

Instantaneamente, Ramsey girou para longe e derramou velocidade na direção do caminho principal que levava à porta da frente.

"Ramsey..."

"Eu sei." disse ele, sua voz mais tensa do que ofegante. Ele também sentiu que algo estava acontecendo aqui, algo diferente. "Em frente." disse ele a Jon e Echo. As portas estão seguramente trancadas, mas eu conheço outro caminho para a escola."

A mulher soltou um grito estridente, à nossa frente e do outro lado do caminho. Mas como?

Pouco antes de entrarmos no caminho, a porta da escola se abriu. Ramsey parou rapidamente atrás de uma árvore, e Jon e Echo pararam atrás da próxima, seus corpos tensos. Eles também podiam sentir essa sensação horrível saindo da porta. Raspou minha consciência e me enraizou no chão. Ninguém estava lá dentro. Apenas uma escuridão penetrante tão espessa e oleosa que deslizou pela minha garganta e me sufocou.

"Não." eu falei.

Eu conhecia esse sentimento. Eu conhecia o mago ao qual ele pertencia. Era ele. Foi Ryze. Dentro da minha escola mais uma vez.

A mulher nua com chifres saiu para o caminho do outro lado, carregando um osso comprido em cada mão. O ar cintilante do arco-íris que a rodeava morreu e seu corpo tremeu. Ela parou na base da escada.

Uma risada escura rolou pelas portas da frente, tão escura e sinistra que eu recuei. Ramsey olhou para mim, seu rosto lavado de todas as cores. Eu balancei a cabeça, confirmando sua pergunta não feita. Seu aperto em mim diminuiu quando ele piscou com força, e eu deslizei o mais silenciosamente que pude para o chão.

Não precisávamos fazer parte disso, fosse o que fosse. Nós precisávamos ir. Agora.

Mas Ryze saiu das sombras agitadas para encontrar a mulher, vestida da mesma forma que a última vez que eu o vira com uma camisa preta de babados à moda antiga e calças justas e escuras. Cabelos castanhos escuros chicoteavam seus ombros largos. Foi o que ele carregou que prendeu minha respiração, no entanto. Um cajado, seus dedos se curvaram em torno da parte superio e não pudesse ver. Ele não o tinha da última vez – O Cajado de Sullivan. Tinha que ser.

Eu balancei minha cabeça para Ramsey, que olhou sem piscar. Não achei que ele pudesse se mexer. Talvez ele tenha esquecido como. Por que Ryze tinha o cajado de sua família?

"Professora." Ryze disse com um sorriso cruel para a mulher.

Não, não uma professora. Ela era?

"Devo dizer que estou surpreso que você ainda tenha um emprego." ele acenou para ela - "Isso é pouco ortodoxo, mesmo para esta academia."

A mulher começou a subir enquanto apertava mais os ossos. Ela não estava agindo como um servo. Se ela não era uma, o que ela estava pensando? em enfrentar Ryze?

Atrás da próxima árvore, Echo acenou para nós irmos mais fundo na floresta, com os olhos arregalados. Eu balancei minha cabeça. Mesmo que Ramsey pudesse se mover, ele não iria, não sem seu cajado. Teríamos que afastá-lo de Ryze, mas o pensamento de fazê-lo deixou meus nervos tensos. Eu tinha perdido cara a cara com ele antes, sozinha, mas com meus amigos, havia muito risco.

Com um movimento rápido dos pulsos, a mulher lançou os ossos na cabeça de Ryze como lanças. Eles voaram tão rápido que poderiam ter cortado seu pescoço - se ele não os tivesse pegado primeiro. Em um borrão, ele cruzou em sua direção e trouxe os ossos sobre a cabeça. Então ele os abaixou, perfurando-a pelos ombros até as costas nuas. Os ossos se projetavam em um X, pingando sangue nos degraus de pedra atrás dela. Ela caiu de joelhos diante dele.

"Que coisa estúpida, Professora." Ele levantou o sapato e pressionou-o levemente na cabeça inclinada dela.

Ela caiu, desceu os degraus e ficou parada no fundo... mas ela parecia diferente agora. Mais jovem, com cabelos castanhos compridos. Familiar...

"Margo Woolery." sussurrei, e enquanto Ramsey estava congelado, tropecei no caminho encharcado de chuva.

Isso o colocou em ação, e ele agarrou minha capa, mas eu já estava dando de ombros e correndo na direção a professora. A ex do meu irmão. Ela era a velha mulher nua?

Ela ficou deitada e me viu chegando, e os raios brilhavam nas lágrimas em seus lindos olhos e no sangue que cobria a pedra ao seu redor. Ryze se elevou sobre mim no topo da escada, assistindo, sorrindo, aumentando sua

energia escura que me empurrou para trás. Eu resisti. Eu o ignorei. Eu o *odiava*.

Minha professora moribunda fez uma careta quando me aproximei. "Dawn. Vá."

Um soluço saiu da minha garganta. Não havia nada que eu pudesse fazer por ela como curandeira. Os curandeiros não podiam ajudar aqueles à beira da morte, mas como um mago com o coração batendo, eu poderia fazer alguma coisa. Eu poderia estar lá por ela e cobri-la com minha capa por modéstia e mantê-la quente, confortável e segura quando ela passasse pela porta do espírito.

"Sinto muito, mas não posso ir." Eu alisei minha capa sobre ela e retirei os cabelos dos seus olhos. Meus dedos esfregaram grandes flocos de pele de seu rosto, deixando manchas de pele enrugada para trás. Era como se ela fosse uma mulher jovem e velha ao mesmo tempo.

“Eu sou louca.” ela disse, respondendo à pergunta que ainda não tinha feito. ”Eu queria fazer a diferença como uma maga. Uma grande diferença. Mas eu era muito velha. A academia entendeu o que eu era e a mágica que estava fazendo, mas assegurei que só precisava de ossos todos os meses para evitar que minha carne jovem caísse. Eu poderia deixar o esconderijo deles sempre que fosse eu novamente, mas a magia deles começou a falhar quando eu ainda estava na minha forma antiga. Eu continuei escapando."

A professora tirou a mão de baixo da minha capa e pegou a minha, e havia um curativo enrolado em seu pulso. O mesmo pulso que eu tinha

aberto com minha adaga na biblioteca. *Para impedir que sua carne jovem caísse...* Foi isso que ela procurou no chão da sala de reuniões? A carne dela?

"Eu não disse a ele o que eu sou ..." ela disse, todo o corpo tremendo "e para ele isso foi pior do que o que eu sou."

Eu pisquei, minha mente tentando acompanhá-la. Ela não estava falando sobre Ryze. Leo. Ela estava falando sobre Leo.

"Eu o amava." Os olhos dela tremeram. "Como eu não poderia? Eu..."

A agonia sumiu de seu rosto e a luz se apagou atrás de seus olhos. Ela se foi, a mulher que eu imaginei poderia ser uma irmã se ela e Leo tivessem ficado juntos. Se Leo estivesse vivo. Se... Todos esses 'e' ferviam na minha mente, mexendo tudo o que eu tinha perdido mais uma vez.

Ryze suspirou alto quando se aproximou, o pessoal de Sullivan batendo nos degraus de pedra. "Parece que você tem algo a dizer."

Eu levantei minha cabeça para responder, mas percebi que ele não estava falando comigo.

Atrás de mim, cerca de seis metros, estava Ramsey, ladeado por Jon e Echo. Levantei-me e dei um passo em direção a eles, mantendo meu olhar fixo em Ryze.

"Essa é a minha equipe", disse Ramsey, sua voz afiada com malícia fria. "Me dê isto."

Os trovões ecoaram no céu e a chuva caiu mais forte.

Ryze arqueou as sobrancelhas, um lampejo de irritação brilhando em seus olhos. "Eu não recebo ordens, garoto. Eu dou a eles."

"É a equipe de funcionários de Sullivan." Ramsey estendeu a mão, com o olhar tenso entre Ryze e a equipe. "Faz parte da minha família há anos e

foi roubado do meu avô enquanto ele era estudante aqui. Sem ela, minha família está morrendo".

"Como você sabe que isso é seu se o seu foi roubado?"

" *Dê para mim* ", gritou Ramsey.

O rosto de Ryze se torceu em algo escuro e perigoso quando ele deu outro passo para baixo, perto o suficiente para que eu pudesse ver a cicatriz escorrendo por sua bochecha esquerda. "Ou o que?"

Meu corpo ficou tenso, preparado para lançar todos os feitiços que eu conhecia nele. Pode não fazer diferença, mas isso e minha adaga eram tudo o que eu tinha. Eu nunca deixaria ele tocar um único cabelo na cabeça dos meus amigos.

"O que você vai fazer?" Ryze inclinou a cabeça, zombando dele. - Tirou de mim?

Ramsey olhou para ele, seu corpo inteiro vibrando com raiva intensa. Aceitar era exatamente o que ele pretendia fazer. Minha cabeça girou e fiquei enjoada com tontura porque queria que ele a tivesse, mas Ryze não permitiria isso. Ele queria por si mesmo ... mas por quê?

Eu me desviei na frente de Ramsey e enfrentei Ryze. "Você nem sabe o que isso pode fazer."

"Errado", ele assobiou. "Eu sei exatamente o que isso pode fazer. Deixada nas mãos erradas, essa equipe é poderosa demais." Ele inclinou o queixo para Ramsey. "Mesmo para você, garoto. Você não saberia a primeira coisa a fazer com isso."

"Está nas mãos erradas agora." Ramsey se lançou para frente, mas Echo e Jon o puxaram para trás e eu bloqueei seu corpo o melhor que pude.

"Por que você tem isso?" Eu atirei em Ryze.

"Foi dado a mim." Um sorriso cruel apareceu em seus lábios. "Apenas entregue por alguém familiarizado com isso."

A pessoa que encontramos nas catacumbas que tentaram nos matar? Mas novamente, por que?

"Não, não foi isso que eu quis dizer", eu disse, aproximando-me dos degraus e do corpo do professor.

Se eu gritasse alto o suficiente, alguém de dentro das portas abertas surgiria? Mas não, então eu estaria colocando mais vidas em perigo. Ryze já havia matado alguém hoje à noite. Ele precisava sair e, quando voltou, precisávamos estar prontos. O que significava que ele teria que levar a equipe com ele. Não havia outra maneira.

"Ela quis dizer por que você precisa quando já é tão poderosa?" Perguntou Ramsey.

Ryze o encarou friamente.

"Você gosta de estar no controle das coisas que teme, não é? Amaria, seu povo, as pedras, sua morte?" Ramsey assentiu como se estivesse respondendo suas próprias perguntas: "Você tem medo de tudo isso, não tem?"

Um raio refletiu sobre o rosto de Ryze e acendeu o aviso em seus olhos. "Não tenho medo de nada."

"Então você está faltando em alguma outra área que você não quer que ninguém saiba", respondeu Ramsey.

"Ramsey", eu assobiei. "Pare."

Eco e Jon lançaram-lhe olhares horrorizados.

Isso não faria Ryze entregar a equipe ou sair. Eu o queria impotente e fui mais do que ninguém, mas irritá-lo não era o caminho.

"Minhas irmãzinhas estão morrendo sem essa equipe, e você basicamente acabou de admitir que não precisa." Ramsey estendeu o braço novamente: "Então entregue."

Um relâmpago estalou no céu e trovões explodiram segundos depois. A chuva caiu, mas nenhum de nós se mexeu. A tensão zumbia no ar, apertando dolorosamente até que pensei que meu peito estouraria.

"Você sabe o que?" Ryze disse com um pequeno sorriso. "Você está certo." Ele jogou o cajado alto no ar.

Eu respirei fundo quando o medo atingiu meu estômago. Não, não poderia ser assim tão fácil. Isso foi um truque.

"Ramsey!" Eu gritei.

Mas ele já estava caminhando em direção a ela com facilidade graciosa. Porque por que não ele? Ele estava procurando por anos para salvar sua família, e Ryze tinha acabado de entregar a ele. Com o olhar voltado para o cajado, ele não viu o rosto de Ryze se encher de intenções perversas.

"Não!" Eu me esquivei de Ramsey, mas minhas pernas se moveram muito lentamente, como se eu estivesse correndo por um pesadelo, enquanto Ramsey corria em direção à equipe como água.

Ele pegou antes que eu pudesse chegar até ele. Ele olhou para ele com alegria chocado, e por um momento, eu fiquei feliz por ele também. Por um momento.

Em seguida, o próximo quebrou em pedaços irregulares.

" *Et percutiamus eum* ", disse Ryze, seu tom agudo como vidro.

Um raio disparou do céu e atingiu o cajado de madeira. A luz branca ricocheteou por todo o comprimento e bateu em Ramsey. Ele estremeceu e estremeceu, todo o corpo brilhando.

Bile incendiou sua garganta. Estendi a mão para ajudá-lo, mas o raio zunindo sobre ele estalou na ponta dos meus dedos e me levou para trás.

Eco gritou e saltou para trás.

Jon disse algo ininteligível, com os olhos saindo da cabeça.

"Pare! Pare!" Eu girei em Ryze. "Você fez o seu ponto!"

"Errado", ele disse calmamente e passou por mim como se eu não fosse nada além de uma árvore morta. Ele arrancou o bastão iluminado das mãos de Ramsey, e os raios que zumbiam através dele imediatamente cessaram. "Agora eu fiz o meu ponto."

Ryze desapareceu em um piscar de olhos, com a equipe.

Os olhos de Ramsey rolaram na parte de trás da cabeça e ele caiu no chão.

Tropecei como se uma rajada de vento tivesse me esmagado de lado. Minha boca se moveu com tudo o que eu queria dizer, as perguntas para as quais precisava de respostas, mas nenhum som saiu. Engoli em seco várias vezes enquanto procurava seu corpo em busca de movimento. Minhas mãos tremiam violentamente na minha frente. Eu nem tinha percebido que o tinha procurado novamente.

Um grito alto cortou a noite. Pensei por um instante que era eu, mas era Echo ajoelhado ao lado de Ramsey, Jon ao lado dela, com o braço em

volta do ombro. Estávamos todos ligados a sangue. Poderíamos sentir a vida um do outro como a nossa e agora -

"Ramsey", tentei sussurrar, mas o nome dele ficou em volta do meu coração destruído.

Ele era meu. Impossivelmente, ele se tornou meu.

Um soluço quebrado engasgou da minha garganta quando eu me arrastei em direção a ele, cega pelas próprias lágrimas. Como se impulsionado pela minha capacidade de curar, verifiquei o pulso automaticamente, senti a respiração com a palma da mão. Nada.

Não havia nada.

Eu balancei os calcanhares, com certeza eu ficaria doente quando inclinei minha cabeça, e foi quando eu percebi que *havia* algo. Seixos estavam espalhados pelo caminho perto de suas botas. Tudo que eu precisava eram seis deles.

"Não. O que você está fazendo? *Pare* ." O eco surgiu em minha direção, mas joguei minhas mãos antes que ela pudesse me tocar e gritar.

Ele derramou de mim em um lamento penetrante, tão afiado e doloroso quanto o que restava do meu coração, e o céu noturno respondeu com estrondosos estrondos e um relâmpago brilhante sobre a minha cabeça. Terminou com um suspiro quebrado e me fez sentir ... raiva. Exatamente como eu me senti depois que Leo morreu.

"Eu tenho que me apressar", eu disse, continuando a coletar pedras. "O Livro das Sombras Negras. Disse que tenho cinco minutos no máximo antes que o espírito atravesse a porta do espírito."

"Pense sobre isso", implorou Jon. "Esse feitiço pode te matar ou colocá-lo no esquecimento do mago novamente. E se você fizer isso e a granada de memória?" Ele balançou a cabeça com força.

"Você precisa se perguntar se é isso que Ramsey gostaria", disse Echo com firmeza.

"O que ele queria era salvar suas irmãzinhas e devolver a equipe de sua família a elas", insisti.

"Isso também? Ou é isso que *você* quer?" ela perguntou.

"Ele não pode devolver a equipe se estiver morto", gritei. Mas eu poderia. Foi o mínimo que pude fazer por Ramsey. Eu poderia recuperá-lo de Ryze e devolvê-lo à família de Ramsey ... sem ele. O pensamento trouxe uma nova onda de lágrimas. Não, eu tive que fazer isso. Sua família já havia sofrido muito. Eu tinha sofrido, também, e eu estava *feito* .

Ignorando os olhares apreensivos de Jon e Echo, alinhei as seis pedras da testa de Ramsey até seu coração, como o livro havia explicado.

Olhando para seu rosto sereno e bonito, respirei fundo várias vezes. Isso poderia dividir minha própria alma, e já que eu não estava morta, isso poderia me matar. Mas era Ramsey. O cara que eu tentei matar. O cara que entrou tão graciosamente no meu coração quanto se mudou para qualquer outro lugar. O cara que eu de alguma forma me apaixonei. Eu não poderia viver outra morte de qualquer maneira. Se ele atravessasse a porta do espírito, levaria muito de mim com ele. Assim como com Leo.

" *Expelle decretum meam* ."

Jon inclinou a cabeça nas mãos. "Sete infernos, isso é tão ruim."

" *Scinditur em e a seax* ."

As rochas começaram a brilhar de uma cor branca, cegando como o relâmpago rastejando sobre o céu. A alma de Ramsey, e era tão bonita quanto ele.

Engasguei com outro soluço enquanto olhava para ele, e meu peito torceu. Uma dor aguda invadiu meu coração e girou como um topo. O suor escorria pelo meu rosto e se misturava às minhas lágrimas. Algo estava errado. Parecia que minha própria alma estava tentando pular do meu corpo e se juntar ao dele. Dor insuportável rasgou meu interior. Eu gritei quando inclinei para o lado, abraçando meus braços para me manter intacta.

"Alvorecer!" Eco gritou, lágrimas escorrendo pelo rosto. "Pare com isso! Está matando você!"

Mais uma linha. Mais uma linha faria isso. Eu poderia terminar. Eu poderia fazer isso.

Um arrepio violento tomou conta da minha espinha e não a soltou.

" *Tenere em seax* ."

As pedras balançaram em cima de Ramsey, saltaram no ar uma polegada e ficaram lá enquanto vibravam com sua alma brilhante. Um segundo depois, eles caíram novamente, e a luz desapareceu. Eu tinha feito isso? Como eu poderia dizer?

Eu gemi, meu corpo inteiro estava destruído, mas prendi meu olhar nas rochas.

Jon também olhou para Ramsey, a mão cobrindo a boca.

Hesitante, Echo baixou o dedo para uma das pedras e a tocou.

"Eu ..." Uma tosse violenta rasgou minha garganta e espirrou no chão na minha frente com sangue. Meu sangue. O que quer que eu tenha feito,

tenha funcionado ou não, eu não estava em boa forma. Eu precisava me curar. Não pude devolver a alma de Ramsey ao seu corpo e trazê-lo de volta dos mortos, porque as rochas agora precisavam ser ativadas como as pedras, e a única pessoa que eu sabia que podia fazer isso ... era Seph.

Deuses, o que eu tinha feito? Seph ainda não estava acordado.

Um fio escorreu do meu nariz e traçou para baixo no meu lábio superior. Umidade também vazou dos meus ouvidos. Toquei meu dedo nele, e ele ficou vermelho. Eu estava sangrando de lado.

Eu ofeguei, mexendo minhas mãos em meus bolsos, mas então percebi que minha capa ainda cobria o professor. "Jon, eu preciso da minha capa."

Seus olhos arregalaram-se para os meus. Quando ele viu o sangue escorrendo pelo meu rosto, ele esfregou a mão e suspirou. Então ele substituiu minha capa pela dele sobre o corpo do professor Woolery e depois a entregou para mim. Encontrei o frasco e coletei meu sangue que vazava de lado.

"Amanhecer ..." Jon começou, com o rosto dolorido.

"Não", implorei, minha voz rouca e quebrada. "Não tente me convencer disso. Por favor. Apenas vá buscar o curandeiro para mim. Leve Echo com você e encontre alguém para contar sobre o que aconteceu aqui." Olhei para as pedras em cima de Ramsey. "Mas nem tudo o que aconteceu aqui. Ok?"

Ele ficou de pé e piscou para mim. "Você consegue se lembrar de uma coisa? Seph ainda precisa de você."

"Eu sei." E eu ainda precisava dela também. Por muitas razões.

"Echo, vamos encontrar o curandeiro."

Ela balançou a cabeça, os lábios contraídos. "Eu não vou deixá-la aqui sozinha para se envenenar. Você vai buscar a curandeira, e eu vou ficar com ela para induzir o vômito."

"Y-você não está tentando me convencer disso?" Eu perguntei.

"Porque isso funcionou tão bem da última vez?" ela retrucou. - Estou começando a pensar que você é louco, Dawn.

"Apenas levada ao desespero." Eu encarei o peito imóvel de Ramsey, meus olhos ardendo. "De novo e de *novo* e de *novo* ."

Haveria outra primeira tempestade da hora escura da temporada em junho, mas eu mal podia esperar. Isso foi imprudente, e no fundo da minha mente, eu sabia disso, mas depois do que acabara de acontecer, depois de ver outro ente querido morrer na minha frente, eu não estava pensando claramente. Eu estava esperando há meses para descobrir em quem desencadear minha ira. Assim que eu risquei o nome deles da minha lista, eu procurava a equipe de Ryze e Ramsey e quem mais eu precisasse impedir que isso acontecesse novamente.

Me puxei para uma posição sentada e, um a um, coletei as pedras de Ramsey e as coloquei no meu bolso vazio. Depois arranquei as pétalas da flor do lírio, moí-as com outra pedra maior e as adicionei ao frasco com os outros dois ingredientes. Todos eles formaram espuma e formaram uma pasta cinza de aparência grossa.

Depois de respirar fundo que machucou todo o meu corpo, recitei o simples feitiço cinza mágico: "Exploda a granada de memória até a noite em que meu irmão morreu".

Com uma mão trêmula, coloquei o conteúdo do frasco na boca.

Onze

Meu estômago pulou violentamente. Virei de costas e gritei em direção ao raio.

Eco estava ao meu lado em um instante, seu rosto apertado de pânico.

Isso foi estúpido, e eu sabia e fiz de qualquer maneira. Meus membros pareciam se separar do meu corpo e se arrastaram para trás através das minhas memórias. Minha mente seguiu com relutância para aquela noite tudo mudou.

O interior da minha casa parecia cristalino como se eu estivesse realmente lá, saindo do meu quarto para o corredor, porque pensei ter ouvido um som. Havia o copo vazio de hidromel de meu pai que ele havia deixado na mesa ao lado de sua cadeira favorita. Havia um dos chinelos da minha mãe debaixo do sofá. Apenas um deles. O outro provavelmente estava por baixo. E espalhando-se pelo chão da sala havia muito sangue.

Meu cérebro arranhou. Eu não pude fazer isso. Por que eu pensei que poderia reviver isso? Em algum lugar longe daqui, alguém agarrou minha mão com força, e eu segurei minha vida. Eu tive que continuar. Eu tinha que ver quem matou Leo.

Em minha memória, ouvi os sons aterrorizados que fiz quando fui para a sala de estar, senti cada suspiro e tremor - e então pura tortura no que havia no meio do chão. Meu irmão. Morto. Um corte feio na garganta e a luz fraca nos olhos que nunca deveria ter saído. E sobre ele, com uma faca de sangue,

estava Ramsey. Mas seu rosto estava torto e errado. Aquele não era ele. Sua imagem brilhava e, como se estivesse limpando vapor de um espelho, a verdadeira forma do esfolador se revelou. Eu olhei para ela, sem compreender nada. Eu fiquei congelado em terror chocado. Meu corpo, em tempo real, deu um salto e caiu contra o chão, e quem segurou minha mão ficou dolorido. Eu podia provar minhas lágrimas, então e agora.

O caminhante da pele sorriu e correu em direção à porta dos fundos, e quando minha memória se concentrou em meu irmão morto, o eu agora registrava algo pela primeira vez. O caminhante da pele pegou algo que estava encostado na parte de trás da casa, algo longo e fino como um cajado. A equipe de funcionários de Sullivan. A equipe que havia sido roubada de sua família e escondida na Academia Necromante, onde a pedra de ônix havia sido mantida.

Também poderia bloquear toda a magia para fazer parecer que Ramsey realmente havia assassinado meu irmão? Mas por que configurá-lo dessa maneira, a menos que ... eles quisessem que Ramsey fosse pego para que ele nunca encontrasse a equipe de Sullivan?

Não sabia as respostas, mas tinha uma delas. O mais importante. Eu sabia quem realmente matou Leo. A escuridão da vingança e do castigo eclipsou toda a dor, e eu a aproximei para me alimentar e me dar força.

Quando abri meus olhos novamente, olhei para o rosto de Echo, tenso de preocupação.

"Você está bem?" ela perguntou sem fôlego. "O que você viu?"

Meu corpo foi torcido. Eu estava exausto, tanto emocional quanto fisicamente. Minhas reservas mágicas estavam perigosamente baixas, mas

um rosto me puxou para uma posição sentada. Um pensamento me levantou e me virei para encarar as portas abertas da Academia Necromante.

"Alvorecer?" Eco olhou para mim de perto.

"Fique com ele, sim?" Toquei minha mão no bolso, onde mantinha a alma de Ramsey. Ainda lá. Ainda seguro. Então passei pelo professor Margo Woolery e subi os degraus ensanguentados que com certeza ficariam muito mais sangrentos. "O andarilho da pele ... é a diretora Millington."

Ainda bem que eu não precisava de magia para cometer um assassinato.

Continua...